ANNO V — N. 44 ABRIL, 1930

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

SUMMARIO

Ler, ler! — Escola activa, Liberdade e disciplina, *José Raymundo Netto*. — O ensino da historia, *Firmino Costa*. — O ensino no Districto Federal (III), *Alayde Lisboa*. — A actividade infantil e suas consequencias pedagogicas, *José de Almeida*. — Curso de aperfeiçoamento para o professorado primario.

A VOZ DA PRATICA — DAQUI E DALI

BELLO HORIZONTE — ESTADO DE MINAS GERAES

LIVRARIA ALVES

O Mundo na mão, pequena encyclopedia de conhecimentos uteis, 1 vol. com 800 pags. enc. 15$000.

Candido de Figueiredo — Pequeno Diccionario da Lingua portugueza, 1 vol. com 1.466 pags. enc. 15$000.

Jayme de Seguier — Diccionario encyclopedico pratico e illustrado da lingua portugueza, 6.000 gravuras, 110 quadros e 90 mappas, 1 vol. com 1.780 pags. enc. 25$000.

J. Soares — Atlas historico - geographico universal, o mais completo e moderno existente em portuguez, 1 vol. com 104 mappas primorosamente inpressos e coloridos, enc. 25$000.

PEDIDOS A

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo & Cia.

BAHIA 1.052

BELLO HORIZONTE

ANNO V - N. 44 ABRIL DE 1930

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUCÇÃO

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO
N.º 210
Data
BIBLIOTECA

LER, LER!

Se ha uma coisa difficil de comprehender é a falta de habito e gosto da leitura, por parte dos professores.

Os professores occupam-se de uma profissão puramente intellectual. Vivem com os livros nas mãos e na bocca. Falam de livros a toda hora e a toda hora os compulsam e folheiam. Recommendam-nos constantemente a seus alumnos e apontam-nos como instrumento de aperfeiçoamento, de progresso e de exito na vida. São mesmo os intermediarios entre os livros e os alumnos e a sua tarefa, além de transmittirem aos alumnos a sciencia dos livros, será perfeitamente cumprida no dia em que conseguirem estabelecer nos alumnos habito de leitura.

Pois bem: apesar disso, verifica-se entre nós e commummente o esquisitissimo phenomeno de os nossos mestres lerem pouco ou quasi nada.

Não pode haver mais estranha aberração. E o nosso espanto sobe de ponto quanto consideramos que, além lerem pouco, esse pouco é constituido de leituras ruins, no fundo e na forma.

Faz-se mister uma radical transformação nesse sentido e urge levar os mestres para o seio dos livros, de forma que nelles construa e delles faça o seu asylo

habitual, aonde se recolham e se refugiem, constantemente, em todas as horas que lhes sobrarem.

Nada como a leitura para arrancar aos mestres, que vivem por vezes em rincões ermos e tristes, a penosa impressão de isolamento. O livro pô-los-á em contacto com uma *élite* de pensadores e hade familiarizá-los com as figuras maiores da terra. Libertá-los-á tambem das pequeninas impressões de cada dia, das tolas preoccupações aldeãs, do charco de paixões idiotas e nocivas que azinhavram os pequeninos meios.

Por outro lado, augmentar-lhes-á a cultura geral e, sobretudo, a cultura particular de professores, dando-lhes conhecimento cada vez mais amplo não só da materia que ensinam, mas da forma por que ensinam.

Adquirirão, através da leitura repousada e regular de meia duzia de volumes, uma alta cultura moral e intellectual e poderão fazer-se, como devem, verdadeiros e perfeitos technicos do ensino, com o estudo cuidadoso de bons tratadistas e com os fructos constantes de sua observação e de sua experiencia.

Não se recommenda que se leiam muitos livros, mas que se leiam poucos livros bem e cuidadosamente. É sapientissima, no tocante á leitura, a palavra dos romanos: *Non multa, sed multum*. Quer dizer: Não muitas coisas, mas seriamente poucas coisas. Não lêr muitos livros, mas ler bem e perfeitamente um punhado de livros essenciaes.

Tres ou quatro compendios de pedagogia e uma boa obra referente a cada materia do ensino primario poderão fornecer aos nossos mestres elemento bastante para uma cultura seria e fecunda.

Entretanto, pouco poderá aproveitar- lhes uma centena de livros futeis, lidos á pressa e sem cuidado, só com a mira no enredo do romance ou no torneio gracioso das phrases.

Urge que, pelo seu proprio interesse material e pela sua propria felicidade, os professores se consagrem á leitura, porque não só poderão cumprir mais honestamente os seus deveres, mas tambem porque poderão rasgar caminho mais facilmente na vida, galgando, por seu merecimento, posições de mais commodidade e de mais gloria.

ESCOLA ACTIVA — LIBERDADE E DISCIPLINA

Por muito tempo, e na America do Norte até 1880 ou 1890, diz-nos illustre escriptor patricio, a educação popular se reduzia substancialmente aos tres RR (*Reading, Riting and Reckoning*) — ao ler, escrever e contar da antiga escola colonial.

"A transformação social, scientifica e industrial e a tentativa democratica vieram exigir um alargamento formidavel desse primitivo curriculum."

Nós começamos, apesar das incréus ou rotineiros, a perlustrar essa mesma estrada palmilhada pelos Estados Unidos ha 40 ou 50 annos; estamos no inicio da jornada, é bem certo, e temos deante de nós grandes obstaculos a vencer; mas tambem é certo que o movimento innovador toma vulto e vae ganhando corações, dia a dia.

O velho conceito de educação vae cedendo logar á theoria da educação como *crescimento*, crescimento que se opera de dentro para fóra e que só a propria creança poderá realizar, e realizar com maiores vantagens si fôr propicio o ambiente creado pela escola.

Ferrière, citando Albert Chessex, perfilha a opinião de ser escola activa aquella em que a creança aprende trabalhando, pesquisando, observando, experimentando, com um esforço que o professor procura tornar, quanto possivel, espontaneo.

E esse esforço a creança o dispende sem sentir, por se encontrar inteiramente absorvida no trabalho, que attende ás suas necessidades e se harmoniza com seus interesses.

Ha, entretanto, no regimen da escola activa, um principio que assusta ainda a muitos educadores: — é o da liberdade !

Suppõem-na incompativel com a disciplina, quando é ella, de facto, condição indispensavel para a existencia da verdadeira disciplina.

Pode haver perfeita liberdade, alegria e trabalho fecundo, num ambiente disciplinado; a liberdade só se transformará em anarchia si o professor não souber conduzir a classe.

Mas, a disciplina a que nos referimos não é a de braços cruzados e de silencio imposto pelo professor: — esta, obtida sempre á força de coacção, premios e castigos, é apenas exterior, provoca o desdobramento da attenção e forma seres hypocritas ou dissimulados; queremos falar é da que resulta naturalmente do trabalho activo, baseado nas leis do interesse e da psychologia infantil.

Encaremos a questão mais a fundo: — são dois os caminhos que o educador pode seguir com o fim de implantar a disciplina em sua escola:

1.° — Lançar mão de meios coercitivos: premios, castigos, severidade, detenção em classe após os trabalhos escolares, privação de recreio, sobrecarga de trabalho para os alumnos culposos e mil outros recursos deprimentes;

2.° — Tornar o ensino de tal modo attrahente, que a creança por elle se interesse e nelle se absorva: as actividades infantis, forças latentes no intimo de toda creança, serão deste modo canalizadas para um fim util.

Aproveitadas na obra educativa, em que se concentram pelo estimulo da curiosidade e do interesse, evitar-se-á, assim, que essas forças se manifestem em actos perturbadores da ordem no recinto escolar.

Os castigos, de qualquer especie que sejam, estão hoje inteiramente condemnados: — deprimem o sentimento e, uma vez adoptados, exigem applicação cada vez mais rigorosa para que possam produzir effeito.

Exemplo: castiga-se hoje uma creança por determinada falta. Amanhã, si a creança commette a mesma falta, o mesmo castigo será inefficiente; torna-se necessario o emprego de uma penalidade mais severa e, assim, o educador prosegue numa gradação perigosissima para a obra que deseja realizar.

Além desses graves inconvenientes verifica-se ainda, com taes processos educativos, o recalcamento de tendencias que as leis da hereditariedade plasmaram no individuo e esse recalcamento é um grande perigo na obra educacional.

Nós, educadores não devemos praticar a estultice de recalcar, violentamente, forças que a natureza poz no intimo

da creança; devemos é procurar meios *derivativos* para essas forças. Os discipulos de Freud asseveram que os recalcamentos operados na infancia podem ser causa de psychoses, de males muito graves na edade adulta.

E João Toledo, citando alguem, nos diz que essas tendencias lembram espheras de madeira, soltas em um lago, que procurariam fluctuar na superficie, ainda quando, sob o peso das mãos, tentassemos afundal-as na agua.

Ponhamos em pratica, portanto, meios derivativos para essas forças.

A tendencia para a lucta, por exemplo, tão accentuada na infancia, e que degenera sempre, apesar dos maiores rigores de mestres rotineiros, em attentados á disciplina escolar, poderá ser *derivada,* ou melhor *sublimada* com facilidade.

Em um club esportivo as creanças terão excellentes opportunidades para a descarga dessas forças, com a vantagem de adaptal-as a preceitos moraes elevados, taes como respeito ao adversario, espirito de cooperação, obediencia ao commandante e ás regras do jogo, etc.

Desenvolve-se deste modo o dominio proprio, num ambiente em que predomina a fraternidade e a alegria. A victoria por ficção satisfaz inteiramente e estimula os fracos.

Em classe, o trabalho, que desperte o interesse e absorva a actividade immanente da creança, é a chave para a solução do problema.

Infelizmente, castigar uma creança é mais facil do que preparar em casa lições interessantes; applicar uma sancção é mais simples do que dispender uma ou duas horas no arranjo de material didactico; impor um castigo é mais commodo do que estudar a psychologia de um alumno.

Ahi estão os dois caminhos: um segue para o alto, outro conduz ao tremedal da rotina.

Os mediocres, os vencidos, entregam-se á lei do menor esforço e vão descendo para a estagnação; os que sentem palpitar em si a chamma do ideal, avançam, em busca de uma luz, que os attrae.

Não os entibia a duvida de lá chegarem hoje, amanhã, ou daqui a meio seculo, porque confiam no futuro.

O necessario é que se faça alguma cousa: a inercia nunca concorreu para o progresso humano!

Adolpho Ferrière, em sua obra "La pratique de l'école active", dá-nos uma especie de receita para implantação da escola activa em qualquer instituto educativo.

"Pode-se, medindo por 10 a actividade escolar de um alumno de 6 a 12 annos, num dado lapso de tempo, regular, assim, em geral, os meios educativos a empregar:

1.º — 1/10 de liberdade absoluta, com a seguinte restricção: evitar que a creança prejudique a si ou a outrem — jogo, construcção ou trabalho inteiramente espontaneos;

2.º — 8/10 de actividade (jogo, construcção ou trabalho), cuja base seja espontanea, mas na qual o professor intervirá para orientar na direcção dos fins tendentes a desenvolver o alumno; enxerto de actividades physiologica e psychologicamente uteis, no tronco da actividade espontanea da creança;

3.º — 1/10, emfim, de actividade imposta; actividade util sob o ponto de vista physiologico e psychologico, mas que a creança é incapaz de realizar por si mesma, sem um influxo superior.

Procurar fazer com que passem as actividades do estádio n. 3 para o de n. 2 e sobretudo as actividades do estádio n. 2 para o n. 1, eis em que consistirá toda a habilidade do educador, pae, mãe ou professor.

O ideal é que as actividades 1 e 2 cheguem a coincidir e que a coerção da rubrica n. 3 não tenha mais razão de ser.

Encontra-se ahi todo o problema da formação dos professores em vista da escola activa."

Mas, objectar-nos-ão, apesar de todas essas medidas, hão de surgir casos graves de indisciplina no recinto escolar — como agir, então?

Ao que responderei: — Nenhum professor ignora hoje que a escola deva ser uma sociedade em miniatura: a sociedade tem leis organizadas, que lhe garantem a ordem e o progresso.

Si a escola fôr uma communidade bem organizada, certas leis surgirão em seu ambiente, como productos de uma necessidade incoercivel.

A pequena collectividade terá espirito proprio, e será a primeira a se levantar contra os perturbadores de sua effi-

ciencia: é o instincto de conservação, lei natural, fortissima nos organismos pluricellulares.

E não estou só nesse ponto de vista. Acabo de ler, numa excellente publicação hespanhola, "Revista de Pedagogia", interessante artigo, em que o illustrado auctor expende idéas sobre o assumpto.

As idas e vindas dos meninos para satisfazer necessidades de seu trabalho, affirma elle, as consultas ao professor, a mais immediata communicação dos grupo com elle, o uso dos livros e do material da escola, o afan das illustrações e dos desenhos, etc., darão á collectividade esse ambiente de sã disciplina, que representa o melhor contraste com aquella disciplina do silencio imposto.

E é então que se pode adoptar úm systema de sancções para os que venham a romper esta harmonia do trabalho, estorvando o serviço normal dos demais, destruindo ou inutilizando os instrumentos dessa actividade. Porque os melhores e mais severos juizes dos que vierem a commetter faltas serão seus proprios companheiros constituidos em tribunal — si é que exista esta fórma de autonomia escolar — ou simplesmente reunidos com o fim de deliberar sobre medidas que devam ser adoptadas.

O professor será o elemento moderador nesses momentos solemnes, para attenuar a gravidade do delicto e da sancção, mas será o mais disposto a cumprir o que fôr resolvido, porque importa muito á normalidade da tarefa escolar a existencia do sentimento de responsabilidade em cada um de seus membros, os quaes devem comprehender que a communidade tem seus direitos, que imperativamente reclama quando é chegada a occasião.

Todavia, devemos accrescentar, tudo depende da habilidade do professor, do dominio que exerça sobre si mesmo, de sua perspicacia e aptidão didactica.

As melhores ferramentas tornar-se-ão inuteis em mãos inhabeis.

JOSÉ RAYMUNDO NETTO
(Assistente technico do ensino)

O ENSINO DA HISTORIA

Interessará realmente aos alumnos o ensino da historia no curso primario? Terá elle valor educativo para os pequenos escolares? São duvidas que ainda pairam no espirito de alguns professores.

Para os diplomados da escola primaria, quero crer, a historia traz valiosos ensinamentos. Tem elles muito que aprender com o estudo do progresso social e com o conhecimento dos grandes vultos da humanidade. A historia da civilização e as biographias dos homens celebres são leituras instructivas para os dias do presente.

Si a historia do Brasil fosse habilmente filmada para as escolas primarias ou dramatizada intelligentemente pelos alumnos, com certeza despertaria o interesse delles e poderia deixar-lhes impressões beneficas para a vida. Mas, essa historia recitada nas escolas, quando a classe de maneira alguma se acha preparada para assimilar seu valor educativo, não passa de palavras vans para os ouvidos das creanças.

"Deve-se banir da escola, escrevi uma vez, o costume de dar aos alumnos pontos de historia para serem reproduzidos papagaialmente. Estiola-se por esta fórma o trabalho intellectual e obtem-se um resultado inteiramente illusorio, que se desfaz como bolha de sabão. E que attractivo poderá trazer ao alumno esse trabalho de decorar frases inexpressivas para elle, quando de outro modo ser-lhe-ia sem duvida muito agradavel contar na sua linguagem infantil a lição de historia que ouviu e entendeu?"

Entretanto, com deverá a escola primaria dar a noção da historia a seus alumnos, muitos dos quaes não irão frequentar outros cursos? Como obviar similhante falta nos dias que correm? Tentaremos responder essas perguntas.

A VIDA LOCAL

A historia é a mestra da vida, dizem muitos, porém não nos esqueçamos de que a vida é o tempo presente. Por conse-

guinte, em vez de remontarmos immediatamente ao passado, de que a creança ainda não póde formar idéa, procuremos a principio fazel-a comprehender a actualidade: a vida da familia, a da escola, a da séde escolar, a do Estado, a vida nacional. Mais do que dramatizar a historia, a classe irá fazel-a neste caso, collaborando diariamente para a melhoria do meio social.

"Qual foi a tua parte, meu caro alumno, na vida familiar e na vida escolar deste anno? Essa parte, por pequenina que tenha sido, contribuiu para o bem-estar da familia e para a elevação da escola?" Será facil dahi vivificar o poder da collaboração, que começa no lar domestico e agora se extende á escola. Deante disso, cada um dos alumnos observará e comprehenderá melhor a vida da familia e a da escola, procurará tornar-se util a uma e á outra, apparelhando ao mesmo tempo para si um futuro esperançoso. E' a situação real de sua propria vida que se lhe apresenta.

Parece-me isso um pouco differente do que se passa nos dias actuaes, em que o alumno é elogiado ou reprehendido conforme seu comportamento, vindo elle, por esse motivo, a considerar acima de seus actos o elogio ou a reprehensão. Importa antes de tudo que o menino se compenetre do valor intrinseco de seu proceder, que elle comprehenda a sua posição na vida, que elle saiba o significado integral da palavra *alumno*. Ainda não se ensinam esses pontos, ainda não se relata a historia dos antecessores do alumno. Lá se encontra na parede o quadro dos diplomados, mas, nada se diz a respeito delles. A historia da escola fica esquecida, quando é ella a mais adequada para a orientação inicial dessa disciplina.

Além disso, tal historia está frequentemente ligada á familia do alumno. E' o irmão, a irman, o pae ou a mãe delle, qualquer pessoa querida que figura no quadro, uma lembrança aprazivel e talvez saudosa de outros tempos, que irá conquistar a attenção da classe. A vida escolar, a que hoje pertence o alumno, lhe apresentará o passado da escola, descortinando-lhe, mediante o conhecimento da actualidade, a noção do valor da historia.

Esse passado, que alli se vê no quadro, produziu um futuro transformado em um bello presente. Quantos diplomados daquelle tempo, porque souberam aproveitar a escola, achamse hoje bem collocados, podendo-se considerar victoriosos na vida! Si um desses diplomados fosse á escola para contar ás creanças sua propria historia, conversando affavelmente com

ellas, ter-lhes-ia ministrado uma lição proveitosa. Dest'arte, a classe se capacitará de que está predispondo para amanhã um futuro egual, si souber utilizar a escola.

Na actividade do trabalho escolar, o alumno sentirá a sua vida associada á de seus collegas, solidarizada para o bem da classe, vinculada desde já á vida da cidade, de que a escola é uma das partes principaes. O professor terá então ensejo de explicar em que consiste o colleguismo, a solidariedade entre os alumnos.

Não deixe elle passar despercebido para a classe o *momento extraordinario*, que decorreu em sua escola. Esta recebeu, por exemplo, uma visita: o visitante entrou, demorou-se alguns minutos, assistiu á aula, interrogou as creanças e retirou-se. Quem é elle? Não foi apresentado á classe nem depois da visita. Tal não acontece na vida social, meu caro professor.

Ainda ha poucos dias, o Inspector Geral da Instrucção assistiu a algumas aulas, interessando-se, como sempre o faz, pela melhoria das escolas. Pois, succedeu que os alumnos não ficaram sabendo quem era o visitante: suppuzeram alguns ser outra pessoa muito differente.

Aquelle momento passou ignorado, quando em poucos minutos poderia tornar-se conhecido. O professor deveria até consignar a visita em seu caderno, numas tres linhas, fazendo os alumnos o mesmo, si quizessem, não por ser esta ou aquella visita, mas por se tratar de um facto extraordinario da vida escolar.

A vida da localidade será agora objecto de estudo da classe, que precisa de acompanhal-a em suas manifestações mais interessantes. E' necessario recolher dos factos locaes as impressões que forem proprias para elevar o espirito dos alumnos. Taes impressões serão duradouras: irão sustentar o futuro delles com recordações capazes de fortalecer a solidariedade e a cooperação no progresso social.

Este deveria ser não só observado pelos alumnos, sinão tambem notado por elles em caderninhos especiaes. Seriam notas historicas que assim estariam registrando: no dia tal, ás tantas horas, assisti com a professora e com os collegas á inauguração do mercado; hoje, tantos do mez, a classe visitou o novo predio da Escola Normal; nossa escola tomou parte na festa da bandeira, havendo feito uma saudação á mesma o dire-

ctor do grupo escolar; chegou em tal data, para o grupo, um piano que foi experimentado pela nossa professora, etc.

Seguindo essa orientação, conviria levar a classe para assistir ás inaugurações de melhoramentos, para visitar as installações de serviços importantes, para participar das commemorações de caracter civico ou social, para observar as diversas modalidades do trabalho.

Cumpre que a classe reconheça como trabalho a frequencia regular das aulas, onde ella tem a sua primeira occupação methodica. Além do mais, a escola é aprendizagem do trabalho, iniciação na vida economica, canalização da actividade infantil para a corrente social.

São themas suggestivos, no estudo do trabalho, descrever para a classe e fazel-a observar as existencias uteis, como sejam a vida da mãe de familia, a do professor, a do medico, a do lavrador, a do commerciante e do caixeiro, a do operario, a da costureira, da lavadeira, da cozinheira, etc.

A historia da séde escolar forma com a geographia local um todo inseparavel, para cujo estudo são imprescindiveis as excursões bem organizadas. Estas não têm de ser interpretadas como exercicios presos exclusivamente a uma ou mais disciplinas: nellas entrará outrosim o interesse pela natureza e pela sociedade. O espirito associativo e o convivio com a natureza podem ser cultivados nas excursões. Aquelle espirito encontra ahi opportunidade para desenvolver-se mediante a observação do trabalho collectivo. As excursões são proprias para introduzir o convivio com a natureza nos habitos das creanças, que ficarão conhecendo a grande utilidade da vida ao ar livre.

Reparem os alumnos nos serviços attinentes á conservação da cidade, como a limpeza e o calçamento das ruas, o abastecimento de agua potavel, o fornecimento de viveres, etc. Ficar-lhes-á patente a extraordinaria importancia da administração local.

E' a occasião de conhecerem elles as auctoridades administrativas, bem como as judiciarias e as escolares. Com estas impressões fortes da infancia, elles continuarão sempre amigos de sua terra, e quando forem eleitores, saberão escolher homens dignos para administral-a.

Outro ponto merecedor de attenção é a convivencia das familias, susceptivel de imprimir na mente das creanças traços

de solidariedade. Não basta a conservação das ruas e serviços publicos: releva manter a concordia local. Aulas sobre o valor da amizade, que levem os alumnos a prezar o circulo de relações de suas familias, fazem-se necessarias na escola.

A séde escolar é finalmente um magnifico mostruario que o professor deve conhecer e catalogar para ser aproveitado no trabalho didactico. A vida local é um laboratorio de reacções sociaes, continuamente exposto aos olhos dos alumnos.

Da vida local passar-se-á á historia da cidade e do municipio. Será facil a transição, ligando-se os factos do presente aos do passado. O proprio logar tornará intuitivo esse ensino com a apresentação do meio physico em que taes factos se desdobraram. Assim, as coisas da cidade crearão vozes para falar aos alumnos uma linguagem, que a imaginação delles completará.

SALA DO MUNICIPIO

O grupo escolar, como séde da federação respectiva, está naturalmente indicado para ser o guarda das tradições municipaes.

Representaria louvavel iniciativa fundar-se em cada grupo uma nova instituição, destinada a homenagear aquelles que, no municipio, deixaram de seus nomes uma memoria credora de reconhecimento. A essa instituição dar-se-ia o nome de *sala do municipio*, convenientemente installada para servir ao seu alto objectivo.

Dispor-se-iam na referida sala uma galeria de retratos dos bemfeitores locaes, já fallecidos, um museu de objectos historicos, um archivo de documentos, jornaes e trabalhos sobre a historia da cidade, uma collecção de vistas, mappas e estudos relativos á chorographia do municipio. Os propugnadores do progresso local não continuariam no esquecimento, mas teriam os nomes gravados na memoria de seus conterraneos, que na escola aprenderiam a render-lhes o devido preito.

Relevantes serviços prestaria a nova instituição. Ella despertaria a cordialidade das familias para com a escola, como consequencia das homenagens que esta tributasse aos representantes eminentes daquellas. Ella faria reviver a historia da cidade, transmittindo-a aos alumnos por meio de lições intuitivas e levando-a ao povo nas publicações que effectuasse. Ella

tornaria popularizada a chorographia do municipio, promovendo para tal fim os meios necessarios.

O povo da cidade conhecerá, pelo menos de nome, os bemfeitores principaes de sua terra? Terá elle alguma noção do desenvolvimento economico e instructivo do municipio? Saberá qual seja a organização deste e quaes as suas riquezas naturaes? Estas e outras questões bem podem ser esclarecidas pela iniciativa proposta.

A historia de nossas cidades é quasi sempre uma historia morta. As suas tradições ficam ignoradas, como si fossem nuvens que passam. Os mesmos jornaes da terra, lidos que sejam, desapparecem, pois ninguem os collecciona. O primeiro numero da imprensa local, que assignala um facto tão significativo na historia da cidade, quem o possuirá?

No-entanto, a vida de alguns conterraneos offerece lances de valor, que, si fossem divulgados, calariam no animo dos alumnos, suggerindo-lhes mais tarde meios acertados de solucionar situações analogas. "Segundo me contou na escola a professora, pensará o ex-alumno que agora é um dos dirigentes, o chefe daquelle tempo resolveu perfeitamente um caso egual a este. Vou seguir o seu exemplo, agindo com serenidade, com franqueza e com espirito de conciliação".

Muitas lições como esta, extrahidas da vida dos conterraneos, formariam para os alumnos um bom compendio de educação social e civica, não apenas baseado em preceitos abstractos, mas em acontecimentos locaes, alguns delles factores do progresso actual.

O aspecto economico abre um vasto campo de observação. E' indispensavel um ponto como este: "O cultivo da terra: hortas, pomares, roças, cafézaes e outras plantações. Lista dos principaes productos. Criação de gado, pastos e industria agro-pecuaria. Campos e mattos. Qualidade das terras e como se acham divididas. Correntes d'agua e estradas de rodagem".

Acredito que a estrada interessa muito ás creanças. Ainda me recordo de que, quando menino, alimentava grande desejo de saber quaes eram "as sahidas de minha cidade para o mundo". Mais tarde não me esqueci, saciei esse desejo e com que contentamento! indo conhecer, uma por uma, as estradas que partiam da cidade.

Mas, não é só baixar os olhos e ver a terra, nem extender a vista e observar os campos. Convem egualmente erguer os

olhos e contemplar o céo, não só de dia, mas tambem á noite. Certa vez disse-me um saudoso amigo, o dr. Augusto Silva: "Que ha de mais bello do que uma noite de luar como esta? Espectaculo grandioso, mas é de graça e não sabem aprecial-o: apreciam muito mais o cinema".

O movimento instructivo do municipio é outro assumpto apreciavel: quantos e quaes os estabelecimentos de ensino, visitando-se os principaes em tempo opportuno. Está visto que o grupo escolar será o primeiro a ser visitado.

A instituição, por mim preconizada, organizaria para esses fins um quadro chorographico e outro historico de seu municipio. O primeiro abrangeria, pelo menos, estas epigraphes: situação, limites, superficie, divisão administrativa, séde, população, instrucção, producções, viação, estrada de ferro, rios, serras, altitudes, riquezas e curiosidades naturaes. O quadro historico conteria, entre outras, as seguintes datas: fundação da localidade, construcção da egreja matriz, primeira escola, creação do municipio, elevação á séde de comarca, canalização d'agua potavel, primeiro jornal, estação ferroviaria, escola normal, collegio ou gymnasio, grupo escolar, luz electrica, agencia bancaria, cinema, linha de bondes, viação rodoviaria.

Desde o nome do logar, cada coisa na séde escolar tem a sua origem. O professor narrará, consoante a opprotunidade, a historia da luz electrica, a da agua potavel, a do jornal, a do automovel ou de qualquer outro melhoramento.

Assim pensando, publiquei em certo tempo as ephemerides de um municipio e institui num grupo escolar a *festa da cidade*, que até hoje alli se realiza annualmente. Em dia designado, os alumnos vão visitar o cemiterio, onde cantam hymnos religiosos e espargem flores sobre as sepulturas. Antes de sahirem, eu costumava explicar-lhes a elevada significação da visita á cidade dos mortos, muitos dos quaes foram os principaes constructores da cidade dos vivos.

A *sala do municipio* será a séde da historia e da chorographia local, o centro de informações referentes ás mesmas, a depositaria das tradições da cidade .

A VIDA NACIONAL

Nos annos superiores do curso primario, a classe acompanhará a vida nacional, ahi comprehendida especialmente a vida

do Estado a que a escola pertence. A principio, o professor escolherá nos jornaes os factos representativos da vitalidade de nosso paiz, para leval-os aos alumnos, entremeando-os de noticias interessantes, por exemplo, alguns casos policiaes, o movimento esportivo e outras novidades.

Em seguida, organizará o que se póde denominar *aula de imprensa*, para ensinar a ler jornaes e extrahir delles as informações desejadas. O diplomado da escola deverá ser assignante de jornal, afim de conhecer a vida nacional em suas diversas exteriorizações. E' verdade que aquelle traz ás vezes noticias inconvenientes para a infancia, mas o habito de lel-o auxilia o desenvolvimento intellectual, devido a outras publicações que o tornam indispensavel.

O jornal é realmente um dos melhores meios de estimular o amor á leitura. Ora, muito importa que o povo leia, sob pena de retornar ao analphabetismo. O habito de ler, eis a questão vital que se impõe á escola primaria.

Um grande orgão da imprensa patenteia em suas paginas admiravel actividade. Todos os dias, elle expõe o movimento continuo do mundo dentro da grande variedade de factos, que a sua reportagem consegue descobrir, muitas vezes por entre mil difficuldades. Os alumnos podem colher num importante diario impressões de trabalho intelligente, methodico e util.

O jornal equivale a uma incessante lição de coisas. Qualquer de suas secções é uma pagina de ensinamentos necessarios á pratica da vida, despertando ora o estimulo e o optimismo, ora a prudencia e a sagacidade.

E quanto a imprensa enriquece o nosso vocabulario! Os termos e phrases exigidas pela exposição dos factos actuaes, alli vamos encontrar, ás vezes antes de serem elles consignados nos diccionarios. A leitura de jornaes desenvolverá a capacidade de expressão dos alumnos.

Não se faz preciso, está claro, que seja a folha de hoje e que se dê a cada alumno um numero completo. Servem muito bem os numeros atrazados, que serão facilmente obtidos. Aos artigos de fundo convém preferir para as creanças os contos e noticias escolhidas, os telegrammas e os annuncios.

Por intermedio da imprensa diaria, segundo se vê, dar-se-á o primeiro passo para o ensino da historia patria. E' o conhecimento da vida nacional que se faculta á classe, fazendo-a seguir o progresso, o trabalho e a administração de nosso paiz.

Desse conhecimento podem advir para o alumno o patriotismo e o anseio de tornar-se um cidadão prestante. Seja como fôr, a vida de nossos dias é a melhor apresentante da historia aos alumnos do curso primario.

A HISTORIA PATRIA

A classe exercitou-se bem para comprehender a historia. Estudou a vida da escola, a da familia e a da cidade; realizou diversas excursões; teve opportunidade de assistir a alguns factos importantes. Acompanhou mais tarde, pela leitura dos jornaes, a vida nacional, havendo tomado nota de varios acontecimentos.

Orientado o espirito dos alumnos, a partir da observação de sua propria vida, seguindo gradativamente até a vida de nosso paiz, que se fez conhecida atravez da imprensa, parece-me consolidado o interesse da classe pelo Brasil, cuja historia lhe merecerá verdadeira attenção.

Cabe agora ao professor saber leccionar a historia patria, não em exposições prolixas, pesadas de nomes e de datas, mas em narrativas attrahentes, bordadas de episodios interessantes. Tal disciplina ha de dar uma noção nitida e suggestiva do desenvolvimento de nossa patria, que esteja ao inteiro alcance da intelligencia infantil.

Tive occasião de desdobrar em lições a primeira pagina da nossa historia, o descobrimento do Brasil, mencionando os curiosos pormenores que constam da carta memoravel de Pedro Vaz Caminha. Como se sabe, a armada de Cabral esteve em a nova terra desde as tres horas da tarde de 22 de abril até a manhã de 2 de maio de 1500. Relatei nas lições o que se passou em cada um desses dias, tornando-as facilmente dramatizaveis.

Depois de narração tão expressiva, é tempo de mostrar aos alumnos como o Brasil nasceu para o mundo: uma terra enorme, onde somente havia alguns tribus de indios em campos e mattos sem cultura. Ahi está o ponto da partida da historia patria.

Parecerá ingenua esta observação. Eu a fiz, pensando no menino, e creio que elle assim não ha de consideral-a. Ella lembra este problema didactico: o compendio de historia, no curso primario, destina-se ao professor ou ao alumno?

O professor não póde contentar-se com um só tratado da materia. Para o preparo das lições deve consultar mais de um auctor, o que lhe será facil, visto ter estudado o assumpto na escola normal, possuir naturalmente um caderno de notas a respeito, e achar-se habilitado para, com pequeno trabalho, imprimir ao ensino cada vez maior efficiencia.

Seguindo o rumo que traçámos, a classe ficará apta para usar compendio da historia patria. A marcha foi segura e regular: deu-lhe a posse desse estudo com a comprehensão do valor de sua utilidade. Ella não deixará mais de interessar-se pelo Brasil, do qual a sua vida é uma particula. As primeiras impressões, quando bem fixadas, costumam ser indeleveis.

Não sei si a nossa literatura possue o referido compendio em condições de encantar as creanças. Essa obra precisa de ser elaborada com tal arte que se imponha á leitura infantil. E' mais do que tempo de escrever para a infancia em linguagem clara, leve, graciosa e desaffectada.

Para compor a mencionada obra, afigura-se-me necessaria a comparticipação das creanças. Escreve-se para ellas sem lhes pedir a critica, sem attender á sua opinião. O auctor e o professor encaram o livro ou o compendio e se esquecem dos alumnos. Em uma aula de leitura perguntei ao menino como julgava o livro, respondendo-me elle: "E' muito pau". E o pequeno era irremediavelmente *paulificado* por essa obra, que punha em perigo o seu interesse e o seu esforço. Deante de um livro tal, como ha de vencer a methodologia mais adeantada?

O manual da historia patria, que eu desejaria se escrevesse para as creanças, viria completar na escola o respectivo ensino. O alumno iria lel-o com todo o prazer, e se inteiraria do passado de nosso paiz, pelo menos tanto quanto fosse mister para transformar-se em verdadeiro patriota.

Nem se diga que á classe do quarto anno falta capacidade para julgar o compendio de historia destinado a ella mesma. Não se trata de apurar o valor historico e literario da obra, que esse lhe será inherente, mas de seu ajustamento á classe, do que só ella poderá saber. Aliás, a reforma da instrucção no Estado de Minas já reconhece ao quarto anno o direito de escolher o livro de leitura a ser adoptado como o mais proprio para a classe.

O plano, que acabamos de propor, imprime outra direcção ao ensino da historia no curso elementar. Tem elle como obje-

ctivo interessar os alumnos pela nossa patria, preparando-os para bem comprehender a historia della e nutrindo-lhes a disposição de collaborar em seu progresso.

Fui ha annos apresentado a um brasileiro que estivera na Europa. Não me lembra a que proposito, elle se poz a falar de nossa terra em termos inconvenientes. Não lhe retorqui, calei-me. Despediu-se elle, e dahi a pouco voltava seu companheiro para dizer-me: "Fulano ficou desapontado com o seu silencio; elle ignorava que o amigo tomasse tanto as dores pelo nosso paiz". — "Não gosto de ouvir depreciar o Brasil, respondi-lhe, é como si falassem mal de minha familia".

A historia patria, bem ensinada que seja, infundirá profundo respeito ao nome do Brasil. Ainda que elle estivesse retrogradando, teria todo o direito a ser respeitado. Felizmente, a historia enche-nos de animação, si comparamos o presente com o passado. Que era a nação brasileira ha cincoenta annos atraz? O trabalho entregue aos escravos; a instrucção primaria deficientissima; as proprias capitaes sem serviço regular de hygiene; difficeis os meios de transporte e de communicação; a falta de autonomia tolhendo o desenvolvimento das provincias e dos municipios. O quadro, apezar de incompleto, põe em relevo a superioridade da época actual.

A nossa historia é fonte de optimismo, porque mostra ser uma realidade o progresso nacional. Releva diffundir nas escolas esta verdade, que manterá entre os alumnos o fervor patriotico e a confiança no futuro do paiz.

Foi uma bella festa quando o Presidente visitou o grupo escolar. Em todos os rostos transparecia intimo contentamento. E era bem que assim fosse. Que é o ensino da historia patria sinão o Brasil visitando a aula para falar de si mesmo pela voz do professor? Julgue este aquelle ensino como elevada honra, a que lhe cumpre corresponder de todo o coração.

Está nas mãos dos professores dar ao ensino da historia a orientação attrahente e educativa, que elle ainda não possue em nossas escolas. Foi com o intuito de auxilial-os em tão patriotico labor que escrevi as presentes linhas.

Ainda ha poucos dias, ouvi de um amigo a seguinte consideração: "Em Minas póde-se dizer que os homens de valor estão aproveitados." Na verdade, assim é, cabendo em grande parte essa gloria á administração do Estado.

Esse traço da vida actual é mais um incentivo para o professorado resolver no curso primario o problema do ensino da historia patria, ao qual está intimamente ligada a educação civica do povo brasileiro.

FIRMINO COSTA

(Director technico do Curso de Applicação da Escola Normal de Bello Horizonte)

O ENSINO NO DISTRICTO FEDERAL

III

A escola "Rodrigues Alves" exercitou-se com carinho na applicação de tests individuaes de intelligencia.

Destinaram-se dois dias na semana, um para cada turno que executou os tests referidos. Tratava-se de experimentar a nova adaptação da formula Binet-Simon-Burt, introduzida por Isaias Alves, professor bahiano cujos trabalhos, no assumpto, merecem toda a attenção dos centros educativos.

A principio, trabalhava-se sob um espirito de grande curiosidade. O resultado da pesquisa corresponderia á impressão que as professoras tinham de cada creança, depois de mezes de observação? Preparado o material, com a maior facilidade, graças ao espirito pratico que illustra toda a obra, chamou-se a primeira creança.

O menino B. tem fama de intelligente; a professora acha-o extraordinario. Veio o menino B. e respondeu a tudo com clareza e desembaraço notaveis, foi extraordinario; não havia duvida, tratava-se de uma intelligencia superior. Agora, toca a vez ao alumno D. A professora commenta, reservadamente, que elle é incapaz de um raciocinio. Faz-se a esperiencia. E não se conseguiu do pequeno senão um numero limitadissimo de respostas certas. As provas se succederam sempre com exito. A impressão que a creança nos deixava, depois de 40 minutos de exame de test, é a que só se obteria, seguramente, com algum tempo de convivencia diaria. Talvez que a primeira seja mais perfeita, porque, sendo os tests de varios feitios, ou revelam a capacidade de attenção, de observação e de reflexão da creança, ou appellam ora para a memoria, quer visual, quer auditiva (imagens, numeros, palavras) ora para a vivacidade, ora para a imaginação, etc. Naturalmente, o quociente intellectual representado em algarismo não tem uma exactidão mathematica; e é o proprio Isaias Alves quem lembra que, em psychologia, approximar é realizar.

Ha, porém, quem diga que os tests vieram preencher uma grande lacuna, porque antes se ensinava ás creanças, sem se cogitar do maior ou menor alcance mental desta ou daquella.

E' bom que se proteste contra estes dizeresinjustos: sempre houve da parte dos mestres uma preoccupação de conhecer os discipulos, para aproveital-os melhor. E conseguia-se, com mais ou menos tempo, com mais ou menos perfeição, e, muitas vezes, com processos que já se podiam chamar tests, embora elles não existissem, resultados bastante satisfactorios, embora mais lentos.

Todo aquelle que ensina é um pouco psychologo. E' um dom sem o qual o professor nunca está habilitado perfeitamente ao cumprimento de sua propria missão.

Voltando á adaptação de tests de Isaias Alves, quero referir-me a algumas perguntas e respostas interessantes que ouvi. Assim: o test numero 37 comprehende tres perguntas com finalidades differentes. Na primeira, vamos ver o pequeno tomar uma deliberação: "Si você tiver de ir a algum logar, por trem, e perder o trem, o que é que você faz? Diversas creanças responderam: "Volto para a casa". Numa cidade do interior, onde passam poucos trens não se pode pensar em esperar outro, e a resposta seria natural, no alumno, ou pelo menos, não extranharia. Mas, aqui, na capital?! Felizmente, muitos demonstraram expediente, esperando outro trem, tomando um automovel... Não faltou, mesmo, quem requeresse um trem especial...

2.ª pergunta: "Que é que você deve fazer, si quebrar alguma cousa de outra pessôa?" As respostas que ouvi foram todas razoaveis: "Pago, peço desculpas, compro outra egual e dou ao dono".

3.ª pergunta: "Si outro menino (ou menina) lhe der uma pancada, ou se o ferir, sem querer, que é que você faz?" As meninas, todas, perdoavam, e os meninos diziam logo, e com arrogancia: "Dou-lhe outra pancada; á excepção de um menino que, por finura de intelligencia, comprehendeu a subtileza da questão e respondeu: "Sendo sem querer, eu desculpo".

O test 46 consta de 5 caixinhas marcadas no fundo com as letras do nome BINET, pesando 3, 6, 9, 12, 15 grammas, respectivamente. O examinador diz: "Aqui estão estas caixinhas, que parecem todas eguaes, mas não têm o mesmo peso. Algumas são pesadas e outras leves. Procure a mais pesada e po-

nha-a aqui". Depois, procure a menos pesada um pouquinho, e ponha-a junto á primeira; depois, a que é ainda mais leve e colloque-a ao lado da segunda. E afinal a mais leve de todas, deixe-a aqui". O examinador vae apontando o logar que deve occupar cada caixa, mas o alumno só inicia a selecção depois da instrucção terminada. (Repete-se a prova tres vezes, pois pode haver acerto casual). O resultado me surprehendeu, pois quasi todas as creanças collocavam as caixinhas á medida que iam pegando, sem antes avaliar o peso. Algumas calcularam o peso servindo-se apenas de uma mão. Só dois alumnos (e os que vinham com melhor recommendação) experimentaram com as duas mãos as caixas e acertaram nas tres provas.

Extranhei porque julguei que, instinctivamente, a creança deveria comparar os pesos com as duas mãos.

O test 49 consiste em descobrir absurdos. (E' de notar-se que as indicações dadas pelo autor da adaptação foram seguidas á risca, segundo ordem do mesmo. Não houve a menor alteração na maneira de formular-se qualquer pergunta).

O examinador diz: "Attenda cuidadosamente ao que eu vou dizer. Ha nisso alguma cousa de tolice. Diga-me depois que é que não está direito".

I) — "Outro dia um homem cahiu da bicycleta, de cabeça para baixo e morreu immediatamente. Levaram-no ao hospital e receia-se que elle não fique bom". Que ha de tolice nesta phrase? Esta esteve ao alcance de quasi todos.

II) — "Tenho tres irmãos: eu, João e Thomaz". Qual é a tolice? Uma pequena muito engraçadinha respondeu: a gente não é irmã de si mesma.

III) — "Encontraram no matto o corpo de uma moça cortado em 18 pedaços. Dizem que ella se suicidou". Qual é a tolice? Regularmente entendida.

IV) — "Hontem, houve um desastre de estrada de ferro mas não foi muito serio. Morreram somente 48 pessoas" Qual é a tolice? Facilmente raciocinada.

V) — "Se eu algum dia ficasse desesperado e me suicidasse, não escolheria um dia de sexta-feira porque sexta-feira é dia aziago, e me traria infelicidade". Qual é a tolice?

O test n. 50 põe á prova de reflexão: 1) "Você me diga o seguinte: Que é que você faz quando está quasi passando a

hora de chegar á escola?" (O examinador dá-se por satisfeito quando a resposta, embora mal expressa, contenha a idéa justa. Em materia de expressão, as meninas estão sempre na vanguarda, como mulheres, têm mais facilidade em falar... A avaliação exige que a resposta encerre a idéa de apressar. Não foi a totalidade que assim o comprehendeu; na verdade, uns disseram: Corro, ando despressa, etc. Mas outros responderam de maneira acceitavel, embora não correspondendo exactamente á idéa que se suggeriu; assim, por exemplo, disse um garoto: Chego tarde e dou uma desculpa á professora. E' sem duvida, uma solução intelligente. 2) "Si alguem lhe perguntar que é que você pensa de um menino (ou menina) que você não conhece bem, que é que você responde? "Esta foi comprehendida em regra pelas creanças. 3) "Supponha que um menino nos faz uma indelicadeza; porque é que nós o perdoamos mais facilmente si elle está zangado do que si elle o não está?" Como era de suppor-se, só os mais perspicazes notaram o pormenor. Dois exprimiam-se muito bem:

1) Si está zangado, faz sem pensar. 2) Si não está zangado, faz por maldade.

4) "Porque devemos julgar uma pessoa pelo que ella faz e não pelo que ella diz?" Uma pequena vivazinha diz: "Ella pode estar dizendo uma coisa e não estar sentindo. 5) "Supponha que você tem de emprehender alguma coisa muito importante. Que é que você deve fazer, antes de tudo? Houve quem perguntasse o que é emprehender; tendo obtido explicação, respondeu: "Eu me preparo". Outra disse: "Penso". Foram excepção os alumnos que entenderam o que visava o exercicio.

O test 57: Resistir á suggestão em toda a simplicidade, constando apenas de linhas. E' uma experiencia muito curiosa, capaz de desorientar até adultos desprevenidos.

Ha uma differenciação de termos abstractos muito interessante, em que se obtiveram as respostas mais variadas. Entre prazer e felicidade alguns notaram ser um passageiro, outro — duradouro. Um pequeno achou que: "prazer é a gente sentir-se bem e felicidade a gente viver em paz". Entre pobreza e miseria, um ou outro distinguiu: "Pobreza, disse um é, falta de dinheiro, miseria é a gente não ter nada". Entre revolução e evolução, nem um só percebeu o sentido. A. achou que devia ser a letra r a mais; B., que revolução é briga e evolução— o que fazem os aeroplanos. Parece que a idéa de transformação brusca e lenta está acima da intelligencia infantil. Mas basta que o alumno dê a differença entre dois dos tres pares, para

obter o ponto que contribua ao calculo do quociente intellectual, de sorte que esta falha não o prejudica.

A prova de imaginação consiste na interpretação dos quadros de Binet. Trata-se de verdadeira adivinhação. São curiosos esses quadros.

Finalmente, tenho a dizer que nada foi esquecido como pesquisa intellectual e que a adaptação de Isaias Alves merece todos os elogios.

Esse professor fez, tambem, uma adaptação de tests collectivos de intelligencia, de Philipp Boswood-Baltard.

Assisti a uma applicação na escola "Rodrigues Alves", onde os opusculos foram deixados com as devidas explicações, em confiança, não podendo ser agora divulgados por não terem sido sufficientemente experimentados. Nem mesmo as correcções foram feitas na Escola, tendo as provas sido remettidas para a Bahia, onde serão examinadas. Temos ainda que aguardar o apparecimento do volume.

Os tests pedagogicos continuam a merecer, nas escolas da Capital, attenção especial dos inspectores Paulo Maranhão e Alvaro Rodrigues. Colleccionei varias provas dignas de nota, algumas das quaes com finalidade psychologica.

Os methodos novos tem uma acolhida carinhosa nas escolas da Capital: o ensino ministrado continua a ser essencialmente activo, embora com deficiencia de predios e materiaes. As professoras acreditam firmemente no exito da Escola Activa.

A exposição pedagogica, organizada logo após o encerramento das aulas, é a prova de que a escola activa foi muito bem comprehendida pelas professoras do Districto Federal, orientadas pelas ultimas reformas da instrucção local. A exposição que se realizou no predio da Escola "Deodoro", comprehendia trabalhos das escolas dos diversos districtos, destinando-se uma sala a cada districto. Viam-se lindos albuns com gravuras, feitos pela professora com a collaboração dos alumnos, ora para o ensino da hygiene, ora para facilitar a comprehensão e conhecimento de meios de transporte (fim social e economico) ora albuns de gravuras com suggestões para instrucções de educação para fins estheticos, etc., tudo com um capricho digno de menção. Viam-se mappas da America e do Brasil os mais variados: uns pintados; outros em massa, com as serras em relevo e os rios talhados; outros em recortes

de papel colorido; e mais interessante ainda, um mappa do Brasil, dividido em regiões, feito com a producção peculiar a cada zona: a região septentrional toda em borracha; o nordeste, em algodão; a parte central em folha de fumo; a oriental em grãos de café, e a meridional em folhas de matte, pequenos detalhes que iniciam no espirito infantil a noção do valor material e da riqueza da terra. Cadernos com trabalhos de recorte. —Uma collecção de jogos para o ensino da leitura—Casas de diversos estylos, em cartolina — Trabalhos em madeira: carros de assistencia publica e soccorro, carros de bombeiros, automoveis, pequeninas mobilias de quarto, sala, etc.—Trabalhos em argila: apparelhos de chá, jarras, etc. — Grandes quadros com o fim de tornar o ensino essencialmente pratico: um com o estudo completo sobre a borracha: a borracha bruta, em crepe, beneficiada; os corantes em pequenos frascos, vulcanite, objectos feitos de borracha: seringas, toucas, sapatos de banho de mar, capas (miniatura), brinquedos de borracha, saccos para agua quente. Outro quadro sobre a seda: o bicho da seda, desenvolvimento, lagarta, borboleta, casulos: espherico, italiano, japonez, chinez, a fibra, folhas de amoreira, o tecido: um vestidozinho de seda. Outros quadros no mesmo genero sobre o cacau, canna de assucar, café, etc. Um simulacro de mina de carvão de pedra. Uma planta interessante de Bambu' (suburbio) num taboleiro de areia e gramma com as ruas traçadas, uma illuminada, com edificações minusculas, o campo de football, uma fabrica, escola, egreja. Uma planta da bahia de Guanabara. Na secção economica, um chapéo velho de feltro havia sido transformado em chinellos. Seria um não acabar o enumerar todas aquellas pequeninas cousas, insignificantes, que vão estratificando conhecimentos novos e seguros no espirito dos alumnos e que lhes acenam com possibilidades de aproveitamento material de todas as cousas, ao mesmo tempo que lhes proporcionam prazeres de contemplação artistica e os habilitam a uma vida superior á que lhes dava a ignorancia primeira em que viviam.

ALAYDE LISBOA . .

(Professora do Grupo Escolar de Aguas Virtuosas)

A ACTIVIDADE INFANTIL E SUAS CONSEQUENCIAS PEDAGOGICAS

(*Palestra*)

Disse Comenio: a actividade é a lei da meninice. Este principio, posto em pratica por Pestalozzi, é, ainda hoje, considerado a pedra basica de toda a Didactica.

A observação de todos os dias nos confirma essa verdade.

A creança normal, em perfeito estado de desenvolvimento physico e mental, sente, com effeito, uma necessidade imperiosa de movimentar-se, de fazer qualquer cousa, de trabalhar ou de brincar. E, na creança, em que esta actividade encontra amplo e favoravel meio de acção, — surge um estado affectivo agradavel, que se manifesta pela alegria que lhe envolve todo o ser, e pelo riso que lhe brota dos labios, e pelo brilho de seus olhos. A dôr, outro estado affectivo de pólo opposto ao prazer, apodera-se da creança, cuja actividade foi tolhida.

O prazer, considerado até como um verdadeiro tonico dos musculos, repercute beneficamente em todo o organismo de quem se sente alegre, favorecendo o funccionamento dos orgams e das glandulas internas.

A dôr, ao contrario do prazer, deprime-o, entorpecendo-lhe os orgams.

E' claro que, assim sendo, conforme nos affirmam os psychologos, — a actividade infantil, fonte de prazer, precisa e deve ser mantida na escola. E' erro, e erro grave, o querer, coercitivamente, reprimir a inquietude das creanças em classe. Essa agitação, a que dão o nome de indisciplina, é o meio de que a natureza se vale para livrar os escolares de um obstaculo ao seu desenvolvimento physico e mental: a passividade.

Na escola tradicional, o menino era obrigado a manter-se immovel, porque o professor, deslocando, para si, o centro de toda a actividade escolar, — fazia de seu alumno um simples armazenador dos conhecimentos, que lhe transmittia dogmaticamente. O menino, impassivel em seu banco, não participava directamente da lição. O professor lh'a fornecia completamente preparada. Ao menino cumpria, sómente, guardal-a de memoria, embora, ás vezes, com grandes sacrificios e, quasi sempre, sem tel-a comprehendido. Esse grande erro da escola tradicional está, hoje, felizmente, completamente abolido, graças aos conhecimentos da psychologia infantil, que veiu restabelecer, depois de tantos seculos olvidado, o principio da actividade estabelecido por Comenio.

Dewey, o fundador da pedagogia genetica, um dos maiores collaboradores da escola activa, diz: deve ser satisfeita, sempre, na pratica escolar, a necessidade de actividade.

E', pois, impellido por essa necessidade de fazer uso de sua actividade, que a creança joga.

Montaigne chegou a considerar o jogo como sendo a propria natureza falando.

A influencia do jogo, sob o ponto de vista educativo, é grande, pois "permitte plena manifestação da liberdade e, revestindo formas variadas e diversas, excita a emulação e faz agir todos os musculos, fortificando-os e desenvolvendo-os. Descança o espirito, estabelece o equilibrio entre o systema muscular e o systema nervoso; desenvolve o espirito de observação; fortalece a memoria; estimula a imaginação, provoca invenções engenhosas, finalmente, activa o trabalho mental, e obriga o menino a manifestar suas qualidades e seus defeitos, movendo-se segundo seu caracter brando ou violento, paciente ou tyrannico, activo ou indolente."

Desse acervo de resultados obtidos com o jogo, fica bem evidente a sua util e necessaria participação nos labores da vida escolar, como aliás, já o havia demonstrado Frœbel, applicando-o no *Kindergarten*, como instrumento valiosissimo de educação.

E' facto conhecido em biologia que a larva de um certo lepidoptero possue tal sensibilidade pela luz, ao sahir do ovo, que sente necessidade de se dirigir immediatamente para as ultimas extremidades dos ramos, facto este providencial, pois só ahi poderá encontrar, no brotinho das folhas, o alimento de que precisa para o seu crescimento.

Assim tambem, essa imperiosa necessidade de jogar, demonstrada pela creança, não só tem seus fins biologicos, concernentes ao seu desenvolvimento physico e mental, como ainda nos traça normas a seguir na educação da creança.

Por que a actividade infantil seja completamente livre, faz-se necessario que a escola se adapte á creança e não que a creança se adapte á escola. Só assim, depois de o menino sentir que o meio escolar lhe é favoravel, é que poderá se manifestar, desembaraçadamente, revelando-se. E neste "ambiente libertador e não transformador, o menino revelará seu caracter e seu rythmo de vida", permittindo ao professor aperfeiçoar-lhe os instinctos e orientar-lhe a conducta. No meio artificial da escola antiga, o menino, graças á reacção inhibitoria, procede exactamente como "os coleopteros que, sob a lupa, se fingem de mortos, quando o que se deseja estudar é, justamente, o movimento de suas patas". Nestas condições, é falha a missão da escola, pois em vez de formar homens sinceros, francos e leaes, terá feito precisamente o contrario.

A escola activa desenvolve-se através de quatro principios, formulados á vista da necessidade de se respeitar e desenvolver a actividade infantil. São elles:

1.º) — *Agir de modo tal que o alumno tome participação activa nas lições e realize trabalho pessoal.*

E' claro que, norteado por esse principio, não deve o professor pensar pelo alumno, como muitas vezes é costume fazer. Em vez de se lhe esclarecer todos os pontos, deve o professor guial-o de maneira tal, que, pelos seus proprios esforços, induza os conhecimentos, descubra-os, e, assim, participe directamente na lição, observando, comparando, julgando e raciocinando, isto é, pensando.

E não é só. Fará ainda que o alumno adquira iniciativa e exercite a sua actividade voluntaria, applicando em suas investigações e experiencias diarias, os conhecimentos anteriormente adquiridos. Que vale, por exemplo, o menino ter memorizado, nas lições de cousas verbaes, a lei physica que diz serem todos os corpos dilataveis pelo calor, e, praticamente, não saber como ajustar um aro metallico em um disco de madeira, bem como muitas outras experiencias uteis e necessarias, e que se realizam baseadas nessa lei? E' preciso, pois, que o menino concretize seus conhecimentos colleccionando, experimentando, formulando problemas para conseguir exe-

cutar um determinado plano de trabalho; reviver pela modelagem em argilla, pelo desenho, pela dramatização, os usos e costumes de nossos antepassados, etc.

2.º) — *Combater, durante os trabalhos escolares, a distracção e a passividade.*

Para satisfazer, na pratica, este segundo principio, deve o professor não se esquecer de que a alavanca do ensino é o interesse. O interesse, fonte da attenção, desperta a actividade intellectual dos meninos, obrigando-os a raciocinar sobre o assumpto em questão. Dest'arte, o aprendizado se effectua na ordem psychologica, isto é, operar-se-á de dentro para fóra, pois o menino, em vez de accumular passivamente os conhecimentos impostos de fóra para dentro, reagirá pelo trabalho de sua intelligencia, assimilando á luz da razão.

3.º) — *Deve o professor favorecer a espontaneidade das creanças e respeitar a sua originalidade.*

São de grande importancia, para a pratica da escola activa, as idéas contidas neste principio. A escola de hoje colloca-se em polo opposto á escola de hontem. Para a escola tradicional, ou melhor, a escola de *ouvir* e *repetir*, a creança, segundo a theoria corrente, nada mais era do que um adulto em miniatura, sem personalidade infantil, sem interesses, sem necessidades proprias, que em seu devido tempo chegaria a ser homem completo. Dessa supposição absurda, desse erro da velha pedagogia, nasceu aquelle ambiente academico, livresco, autoritario, inflexivel, onde imperava o celebre *magister dixit*, ambiente esse tão improprio á vida das creanças, como improprio á vida das plantas são os terrenos aridos e arenosos... A escola de hoje, — esta escola para a qual nós todos concorremos, embora modestamente, com nossos esforços, nossas dedicações e enthusiasmo civico, patriotico e humanitario, — segue um caminho verdadeiramente diversos do daquella. Aqui, ao contrario do que lá se pensava, — a theoria corrente é a de que a creança é um ser em formação, com suas necessidades proprias, com o espirito repleto de curiosidades e desejos de fazer, de trabalhar. Preciso é, pois, que o ambiente dessa escola represente o reflexo da vida, para que o menino, palmilhando as mesmas pégadas outr'ora seguidas pela humanidade, venha a ser o collaborador de sua propria educação. Dahi, a necessidade de se favorecer a espontaneidade da creança, creando-lhe um meio proprio, onde ella possa agir livremente, movida tão sómente pelo interesse intrinseco, que não dispensa o esforço, mas que o suaviza.

Cumpre notar, porém, que essa liberdade ampla, dada á creança pela escola activa, não significa, de modo algum, a desordem, a anarchia, de que tivemos um exemplo eloquente na escola de *Yasnaia Poliana.*

A escola não pode permanecer indifferente ante a creança que dissipa, em cousas totalmente vans ou perniciosas ao corpo e ao espirito, as suas actividades.

Aos que criticavam a *Maison des Petits,* dizendo que alli as creanças fazem *o que querem,* Claparède responde admiravelmente: não; alli as creanças *querem o que fazem.*

4.º) — *Inculcar as noções de obrigação, responsabilidade e sancção.*

Vê-se, claramente, neste ultimo principio, a necessidade de se organizar a escola como sociedade em miniatura, onde todos trabalhem para a grandeza e prosperidade da communidade a que pertencem. E' obvio que para haver harmonia, — base da ordem e do progresso na communidade, preciso é que os cidadãos, simples cellulas daquelle organismo social, adquiram o espirito de renuncia, de desprendimento pessoal, a bem da collectividade. A disciplina será controlada pelos proprios membros da sociedade escolar, onde cada um julgará os seus proprios actos, conscios de sua responsabilidade. A escola fará, então, o beneficio de converter a actividade infantil em habitos permanentes de trabalho util.

Dada, pois a grande influencia que a actividade infantil desempenha na educação da creança, procuraram os pedagogos organizar um methodo que tivesse como fundamento essa mesma actividade, que de modo algum pode ser sopitada.

Esse methodo é o methodo de projectos, que torna o trabalho escolar attrahente, despertando nos meninos o desejo de resolver as questões que lhes são propostas pelo professor.

Com o emprego deste methodo, verdadeiramente dynamico, a vida escolar não apresenta differença profunda da vida extra-escolar, visto que o plano a seguir deve conservar toda a realidade do que se passa lá fóra, na casa, na rua, na sociedade dos homens.

Dominavam na escola tradicional os seguintes erros:

1.º) A memorização.
2.º) A instrucção como fim, em si.

BIBLIOTECA

3.°) Os principios como ponto de partida.
4.°) Ambiente artificial.

O methodo de projectos corrige, satisfactoriamente, esses erros, propondo a seguinte modificação:

1.°) A raciocinação.
2.°) A instrucção como instrumento ou meio .
3.°) A prioridade das questões (donde se induzem os principios).
4.°) Ambiente natural.

Como se vê, com o methodo de projectos o ambiente em que a creança se educa deve ser natural, isto é, identico ao da sua vida extra-escolar. O plano "ha de surgir e resolver-se com a mesma naturalidade e os mesmos meios com que surge e se resolve na vida, chegando a resultados analogos. Como na vida, na escola os projectos suppõem uma fonte de informação, uma collaboração, uma procura dos materiaes adequados, uma successiva victoria sobre os obstaculos, que vão surgindo e uma aspiração indefinida pela perfeição dos resultados alcançados".

Este methodo, "regido pelas possibilidades do menino e não pela logica do adulto, admitte qualquer fórma de seriar os conhecimentos, por que melhor se accomode ás capacidades dos rapazes, despertando sua alegria e optimismo, por se acharem auctorizados a discutir o facto, a imaginar, a procurar e achar, a ensaiar, a combinar, a rectificar, a construir e a realizar. A personalidade dos meninos está sempre presente. E como a actividade em commum permittirá ás creanças comprehender a necessidade da disciplina e apreciar a belleza do esforço e da abnegação, o methodo será um instrumento precioso na formação do caracter.

Os meninos adquirem, com este methodo, o habito do esforço, procurando, sem auxilio de outrem, os caminhos a seguir e os instrumentos precisos; continuam com a preoccupação fóra da escola e, tudo isso, os acostuma a duas cousas de extraordinario valor educativo e social: a adquirir o de que precisam, por seus proprios esforços, e a medir com justeza e reconhecimento o auxilio que lhes prestam os demais.

Desde o momento em que os meninos não são meros elementos passivos, sinão investigadores e criadores, responsaveis por sua tarefa, — nasce entre elles a idéa do auto-controle, do auto-exame e da auto-correcção, exigindo-lhes cada vez maior rigor e esforço.

O methodo de projectos com sua idéa fundamental de trabalho em commum, destacando a *personalidade do grupo*, de preferencia á *individual*, — que nem sempre por isso deixa de ter occasião de manifestar-se — corrige o individualismo egoista da creança, seu *egocentrismo*, que aspira a não dar nada e que tudo lhe seja dado".

O pedagogo yankee Charles A. Mc Murry, em seu substancioso trabalho: *How to organize the curriculum*, no capitulo IV, agrupa o methodo de projectos em tres categorias: projectos infantis, espontaneos nas creanças; projectos que os meninos effectuam por suggestões do professor, e projectos amplos, desenvolvidos, treinadores para a vida de adulto.

Devemos mencionar, diz esse autor americano, tres typos de projectos, que desempenham um papel importante no ensino: o primeiro é o projecto propria da creança (*Children's projects*), o qual surge directamente de uma necessidade e desejo pessoaes; por exemplo, a menina que deseja fazer uma caminha para a sua boneca, procura algumas taboas e, com um pequeno martello, serrote e pregos, faz a cama desejada. O menino, por sua vez, planeja a construcção, no quintal, de uma casa de madeira, ou, então, procura fazer uma caixa para guardar seus utensilios, ou ainda, ambos, menino e menina, combinam fazer, em sua casa, um jardim. Vê-se um grupo de rapazes construindo uma especie de furna, ou uma taba indigena, — visto que praticam o que conservam no fundo de seu intimo. Ha uma infinita variedade desses trabalhos de auto-escolha, individual e social, que as creanças inventam e executam muito bem.

Um segundo typo, de accordo com o autor citado, é o projecto emprehendido pelas creanças, por suggestão do professor (*suggested projects*), como: a dramatização da historia de *Damon e Pythias*. O preparo das roupas para servir aos actores de uma representação. Uma composição escripta explicando como organizar um jantar para o *pic-nic*. A invenção de historias para serem lidas como entretenimento da classe.

O terceiro typo é o projecto que propõe as grandes realizações e emprehendimentos da vida do adulto (*larger life projects*), preparando os meninos para aquellas empresas mais desenvolvidas e amadurecidas, proprias da esphera de acção dos homens.

Outros autores, porém, classificam os projectos em quatro typos: a) projectos globaes; b) projectos por actividades; c) projectos por materias; d) projectos syntheticos.

O methodo de projectos por materias pode, com grande facilidade e proveito, ser praticado em qualquer escola.

Como modelos, daremos aqui a transcripção de dois exemplos:

1.º) *Projectos de lingua patria.* Averiguar os erros grammaticaes que o povo commette. Os meninos tomarão nota em seus cadernos, destinados a esse fim, de todas as palavras mal pronunciadas, mal empregadas, de significado desconhecido, que ouvirem na escola, na rua, em suas casas, por toda parte. Os que encontram mais casos ensinam aos que descobrem menos. Essa pesquisa é levada á escola todos os dias. Alguns verão erros onde não os ha, e, em compensação, muitos defeitos de linguagem passarão despercebidos aos meninos. O professor, que trabalha com elles no projecto, completará a investigação. Pode nomear-se, finalmente, uma commissão destinada a corrigir as faltas e a zelar pela pureza e bom emprego da linguagem na escola.

2.º) *Projectos de geographia.* Estudar os meios de transporte empregados pela humanidade, deduzindo a influencia que esta importante questão tem exercido no desenvolvimento, na riqueza e na vida dos povos. Um schema desse projecto poderia ser o seguinte:

1.º) Collecção de materiaes, gravuras, desenhos relativos aos transportes.

2.º) Representação plastica das varias especies de vehiculos, já construindo os mais faceis, já se utilizando de joguetes, já recortando e armando os que o commercio vende, com os peças desenhadas em *cartolina.*

3.º) Exposição desses vehiculos, de maneira a frisar a evolução e progresso realizados desde os tempos primitivos, até os nossos dias.

4.º) Estudo preliminar sobre a importancia dos meios de transporte em cada época.

5.º) Quadro synoptico dos differentes meios de transporte em uso no paiz. Emprego de alguns delles por meio de excursões.

6.º) Estudo que mostre a relação dos meios de transporte com as tres grandes necessidades do homem: alimentação, habitação e vestuario.

7.º) O transporte como factor da civilização.

8.°) Meios de transportes primitivos, por terra e por agua. Caminhos antigos. Meios modernos: estradas de ferro, estudo dos traçados. Automoveis, vapores fluviaes, transatlanticos, submarinos, vasos de guerra e aeroplanos.

9.°) Os grandes momentos na historia destas invenções.

10.°) Viagens memoraveis antigas e modernas.

11.°) Papel que poderão desempenhar, no futuro, os meios de communicações.

Como se vê, o methodo de projectos "é um acto problematico levado a completa realização em seu ambiente natural".

Conclusões

1.°) Todo ser vivo, para se desenvolver, manifesta possuir determinadas necessidades, que precisam ser satisfeitas;

2.°) No homem, no periodo de seu crescimento, essas necessidades são as de actividade;

3.°) A actividade infantil deu origem ao estabelecimento de quatro principios, cuja pratica constitue a escola activa;

4.°) A escola activa é racional, porque satisfaz a necessidade, que possue a creança de agir;

5.°) A expressão dessa actividade denomina-se jogo, e é sempre acompanhada do estado affectivo *prazer;*

6.°) A escola activa deve amoldar-se ao meio em que a creança se educa.

7.°) A creança é o centro da actividade escolar e não o professor;

8.°) O methodo de projectos é um dos melhores meios de se pôr a creança em actividade;

9.°) Com o methodo de projectos, a creança, operando livremente em um ambiente natural, revelará os seus sentimentos, ao mesmo tempo que se prepara para a vida;

10.°) Com o methodo de projectos realiza-se o fim principal da escola, que é a modificação da conducta ou formação do caracter.

JOSÉ DE ALMEIDA
(Professor de methodologia da Escola Normal de Ouro Fino).

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA O PROFESSORADO PRIMARIO

Por determinação do sr. dr. Francisco Campos, secretario do Interior, funccionou, durante o mez de abril, nesta Capital, um curso de aperfeiçoamento para o professorado primario, despertando o mais vivo interesse e congregando, em torno dos mesmos objectivos, numerosa phalange de elementos do nosso magisterio.

Nas aulas, que se effectuaram todas as manhãs, a principio no grupo escolar "Affonso Penna", e depois no salão, mais amplo, da Camara dos Deputados, foram desenvolvidos os seguintes programmas:

Methodologia geral

(Professora Benedicta Valladares)

I — Educação: seu conceito.

II — O educador: sua personalidade — Qualidades do educador — Educação do educador.

III — O alumno; diversas etapas de seu desenvolvimento — Diversidade de typos — Necessidade de adaptar o ensino ás diversas edades e naturezas — Classe: sua psychologia — Differença entre o ensino da classe e o do individuo.

IV — Ordem, o que é e como obtel-a — Disciplina, seu conceito — Theorias relativas ás sancções pedagogicas — Critica das sancções regulamentares.

Methodo e processos de ensino

(Professora Luiza Valladares Ribeiro)

I — Methodos: intuitivo, directo, activo — Processos e modos de ensino — Ensaio pelo aspecto e pela acção.

II — Aula — Exposição: como e quando ministral-a — Em que medida se deve usar do livro.

III — Interrogação.

IV — Exercicios escriptos: numero, extensão, preparo em classe, correção.

Instituições escolares

(Professora Amelia de Castro Monteiro)

I — Considerações geraes — A concepção moderna de educação. — Os fins da educação e a necessidade de socializar a escola — Utilidade das instituições.

II — Objectivos e principios fundamentaes — Condições essenciaes para o bom exito das instituições escolares: collaboração dos professores, acção do director, obediencia aos principios fundamentaes, etc. — Problemas referentes á introducção das instituições escolares e sua administração — Instituições praticaveis na escola primaria.

III — Auditorium — A funcção do auditorium na escola —

Valores — Organização — Principios basicos — Programma: a natureza e o material — Typos de programma com exemplos — Lista suggestiva de assumptos para programma.

IV — Clubs — Fins e utilidade — Organização e administração — Club de leitura — como deve funccionar.

V — Bibliotheca — Sua funcção na escola — Como organizal-a e usal-a — Museu — Valores — Como organizal-o com a participação dos alumnos — O material — Sua natureza e classificação — Como usar o museu.

VI — Jornal e outras publicações — Vantagens — Typos diversos de jornaes — Composição: nome, assumpto, material, etc.

Actividades nas ferias e a exposição annual — Vantagens dessas actividades e como devem ser conduzidas.

Tests

(Professora Maria Luisa de Almeida Cunha)

I — Test — O que é — Escolha dos materiaes que constituem os tests.

II — Utilidade de seu emprego: economia de trabalho e de tempo, problemas relativos á avaliação da intelligencia, verificação dos conhecimentos adquiridos nas varias materias, diagnostico dos pontos fracos, ensino correctivo, comparação entre diversas classes, valor dos processos adoptados, classificação dos alumnos, adaptação do ensino ao meio.

III — O emprego bom e mau dos tests — Factores especiaes que podem influir nos resultados dos tests — Difficuldades a resolver na interpretação dos resultados.

IV — Tests de instrucção — Exemplos — Seu emprego.

Methodologia de lingua patria

(Professora Lucia Schmidt Monteiro de Castro)

I — Necessidade dos exercicios de linguagem oral e escripta — Narração oral, explicação de gravuras, reproducção de historias, enumeração, diario, relatorio, etc.

II — Composição: importancia, escolha de assumptos, preparação oral, correcção dos trabalhos, relatorio oral do professor sobre a correcção escripta.

III — Ensino de orthographia — Processos — Dictado.

IV — Recitação: vantagens, escolha de trechos, explicação.

V — Leitura: analyse do pensamento.

VI — Grammatica: meio e não fim — Methodo a empregar no ensino da grammatica: inductivo — Exercicios relativos á applicação das regras grammaticaes — Conjugação — Vocabulario.

Methodologia de arithmetica

(Professora Alda Lodi)

I — Utilidade de seu ensino; seu caracter de utilidade pratica; seu caracter educativo.

II — Os programmas de arithmetica e seus defeitos: quanto ás operações fundamentaes, quanto ao systema metrico; quanto a pontos sem razão de ser no ensino primario.

III — Qual deve ser o programma de cada curso — Analyse do actual programma — Indicação dos pontos principaes — Observações, orientações.

IV — Systema metrico — Como deve ser dado.

V — Problemas: fim, escolha, graduação, resolução, methodo a seguir, correcção.

VI — Calculo metal: o que é — Distincção entre o estudo da arithmetica e do calculo mental — Conselhos, indicações.

Methodologia de geographia

(Dr. Mario Casasanta)

I — Utilidade pratica do ensino; seu valor educativo.

II — Faculdades que o ensino da geographia deve pôr em jogo.

III — Critica dos velhos processos de ensino e sua comparação com os novos.

IV — O relevo do solo; sua representação.

V — O programma de geographia, sua analyse e indicações sobre a sua applicação.

VI — Methodo a seguir — Exercicios complementares (croquis cartographico, seriação de cartas geographicas, monographias, excursões, redacções, etc.).

Methodologia de historia e de instrucção moral e civica

(Prof. Firmino Costa)

1 — Utilidade do ensino da historia: conhecimento do nosso passado, estimulo de patriotismo, lições de civismo e de moral, educação intellectual.

2 — Como tem sido e como deve ser o programma de historia — Limites e caracteristicos do ensino da historia no curso primario.

3 — Methodo de ensino — Interrogações — Resumos — Synopses — Exercicios de applicação: biographias, monographias, retratos, etc. Material.

4 — Instrucção civica — Utilidade — Instrucção moral — Utilidade — Differença entre uma e outra — Pontos de contacto.

5 — Methodo a seguir no ensino de uma e outra materia: partir do conhecido para o desconhecido — Concretizar o ensino — Referir as noções aos principios fundamentaes — Applicações, na vida escolar, de alguns dos principios estudados.

Methodologia de sciencias naturaes

(Prof. dr. Edgard Renault Coelho)

I — A importancia do ensino — Utilidade pratica e utilidade educativa — Desenvolvimento da observação — Educação sensorial — Formação do espirito scientifico.

II — Limites do ensino scientifico — Principios em que deve basear-se — Como é e como deve ser o programma.

III — Methodos de trabalho; exercicios de observação; questionarios escriptos; trabalhos praticos e individuaes; monographias; quadros synopticos, etc. Erros a evitar.

IV — Excursões, jardins escolares, experiencias.

V — Material do ensino; laboratorios; museu escolar e corpos de experimentação; collecções; quadros, herbanarios e calendarios; modelos e especimens preparados.

VI — Plano de uma lição.

A installação do curso

Noticiando, em 2 de abril, a installação do curso, escreveu o "Minas Geraes":

"A inauguração, hontem, do novo curso de aperfeiçoamento para o magisterio primario foi um acto que reuniu no grupo escolar "Affonso Penna" cerca de duzentas professoras, desejosas de

enriquecer o seu cabedal de cultura pela iniciação em processos e methodos modernos, que o governo Antonio Carlos tanto se esforça por vulgarizar entre nós. Constituiu, sem duvida, um bello e suggestivo espectaculo, o dessa legião de educadoras de bôa vontade, que accorreu immediatamente ao chamado das auctoridades do ensino, manisfestando o mais vivo interesse pelas materias do curso e assegurando-lhe, por isso mesmo, um exito largo e magnifico. Tudo leva a crer que, desenvolvendo-se nessa atmosphera de enthusiasmo e de trabalho, tal curso produzirá fructos abundantes, marcando uma nova etapa na obra de elevação do nivel intellectual dos nossos mestres, com reflexo immediato no rendimento e expansão do ensino.

Os trabalhos inauguraes tiveram inicio ás 7 ½ horas, sob a presidencia do sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção, que, declarando installado o curso, frisou bem a sua finalidade: iniciar os nossos professores no estudo das mais palpitantes questões pedagogicas. Não constituia uma escola propriamente dita, capaz de formar technicos; era, antes, uma sementeira lançada em bom terreno e de que se esperava uma larga messe de beneficios. A professores intelligentes e experimentados será muito fecundo, por certo, um trabalho, mesmo rapido, de vulgarização, não tanto pelo que se ensina mas pelo que se orienta e se aconselha.

Fez largas considerações sobre a necessidade de se adquirir uma technica de ensino e louvou a bôa vontade com que as professoras, aliás sobrecarregadas de trabalho, acudiram á iniciativa do dr. Francisco Campos, o illustre realizador da reforma de ensino, em bôa hora idealizada pela visão politica e social desse estadista de raça que é o presidente Antonio Carlos.

O dr. Mario Casasanta concluiu o seu eloquente improviso congratulando-se com todas as professoras inscriptas no curso e dizendo tudo esperar da dedicação, bôa vontade e anseio de aperfeiçoamento de todas ellas.

As palavrás do inspector geral da Instrucção foram demoradamente applaudidas."

—

Methodologia de Geographia

1.ª *aula*

O curso iniciou-se com uma aula de methodologia de geographia, dada pelo sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção.

Inserimos abaixo o summario desenvolvido por s. exc.

O conceito actual da geographia — A geographia, tal como se ensinava, ou era uma geographia pittoresca ou simples enumeração de accidentes geographicos. — A geographia estuda a terra como "habitat" do homem — Para que se ensina a geographia — A geographia como elemento de cultura geral: localiza acontecimentos, auxilia a historia, explica innumeros factos sociaes — Valores educativos da geographia: desenvolvimento do vocabulario, cultura do patriotismo, exercicio da observação e do julgamento — O meio e as civilizações — O meio explicando as profissões e os modos de vida: a steppa e o criador, o bosque e o caçador, as costas e o pescador. Inter-dependencia entre os phenomenos que se passam na lithosphera, na hydrosphera e na atmosphera — O rio e a montanha — A velhice do rio — O relevo terrestre e as suas modificações através dos tempos — Relação entre o clima, que é uma resultante de varios factores, e esses mesmos factores — Os factos geographicos como expressão transitoria — O homem in-

fluenciado pelo meio e dominando-o por sua vez — Necessidade imperiosa de se dar ao ensino da geographia uma orientação inteiramente contraria ao que se tem feito: guerra á decoração, á enumeração infindavel de nomes, e introducção da explicação dos factos geographicos, pesquisando-se-lhes as causas, apontando-se-lhes os effeitos — A geographia como sciencia que localiza, descreve e explica os phenomenos.

2.ª *aula*

Em sua segunda aula, o sr. dr. Mario Casasanta exgottou o seguinte thema:

Critica dos velhos processos de ensino e sua comparação com os novos.

As considerações expendidas giraram em torno deste summario:

O ensino da geographia baseado no criterio das regiões naturaes substitue o antigo criterio das bacias fluviaes — A geographia não tem por fim sómente enumerar os factos, mas localizal-os e explical-os. A decoração de nomes deve ser por completo banida de nossas escolas: quem decora os nomes dos accidentes geographicos faz o papel do individuo que decorasse um catalogo de telephones — O ensino de memoria deve ser substituido pela observação directa da natureza — Quando não fôr possivel essa observação, o professor deverá pôr em jogo a imaginação infantil, mediante leituras, gravuras, postaes, photographias, mappas, etc., de forma que as creanças tenham uma nitida visão do que se lhes pretende ensinar — A imaginação tem tanto direito de estar no ensino da geographia como a observação — O ensino deve partir do conhecido para o desconhecido, e não como outr'óra, do desconhecido para o conhecido — A geographia local é o fundamento do ensino da geographia e fornece os elementos com que a imaginação infantil constróe as representações de coisas e factos geographicos que não veem — Ruy Barbosa já em 1882 traçava um candente libello contra os erros do ensino geographico, o quál tem ainda hoje vergonhosa opportunidade.

3.ª *aula*

Essa aula constou da explanação e commentario dos seguintes pontos:

Necessidade de se limitar o campo da geographia, que tomou ultimamente extensão indefinida e infinita — Principios que devem dirigir o ensino de geographia — Divisão da geographia — Inter-dependencia dos phenomenos physicos entre si — Subordinação das outras partes da geographia, como a humana, a economica, a biologica, á geographia physica — O ensino da geographia não deve restrigir-se a fazer com que os alumnos decorem nomes do compendio ou do mappa — O mappa foi feito para ser lido e não decorado — Como o homem soffre a acção do meio e como reage a essa acção — Os differentes meios apresentam differentes typos de civilização: o que é a vida de um pequenino groelandez ou de um filho cearense emigrado na Amazonia — Necessidade do estudo da localidade para prover as creanças de elementos com que imaginar e construir mentalmente accidentes e phenomenos que não podem ver — E' preciso estudar factos geographicos e não as coisas, e mesmo desses factos apenas escolher aquelles que tenham utilidade para o homem e lhe facilitem a adaptação ao meio.

4.ª *aula*

O professor estudou o criterio de divisão geographica por bacias fluviaes, classificando-o de

falho, por unir regiões diversas e separar regiões differentes. Esse criterio é, hoje, substituido pelo da divisão em regiões naturaes que se distinguem por um conjuncto de qualidades, como clima, producção, regimen orographico e hydrographico, população, instituições. Assim, si a bacia amazonica representa uma verdadeira região natural, dada a unidade que formam o Amazonas, o Pará e o Acre, o mesmo não se poderá dizer da bacia do São Francisco, que abrange Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Passando a estudar como se ensina geographia, accentuou: O ensino da geographia local, como base de todo o ensino de geographia, deve ser feito por intuição directa, em permanente contacto com a natureza, e não apenas dentro da sala de aula. A geographia local é que fornece aos alumnos os elementos com que construir e imaginar os factos e coisas da geographia regional.

Bordou, ainda, considerações em torno dos seguintes pontos: A necessidade de observar a localidade sob todos os seus aspectos. A observação de um pedaço de rio é sufficiente para o conhecimento de todos os rios. Rousseau e Pestalozzi — O mau uso dos mappas — O emprego da inducção — A inducção como facto natural: proponham-se factos ás creanças e ellas, si normaes, serão infalivelmente conduzidas á generalização.

5.ª *aula*

Foi este o seu summario:

Geographia local — Necessidade desse estudo, cuja maior utilidade está na colheita de impressões e elementos com que comprehender a geographia regional. — O estudo da sala de aula, da casa da escola, do pateo de recreio, da rua do bairro, da cidade. — Exercicios de avaliação de distancias. — Necessidade de introduzir a orientação nos habitos das creanças, de modo que não seja um conhecimento inutil, mas real e fecundo, applicavel á vida pratica. — Estudo dos accidentes geographicos e sua explicação. — Primeiros mappas e plantas. — Uso do taboleiro. — Cartographia e modelagem usados com meio e não como fim. — Estudo dos animaes e das plantas locaes. — Como o meio influe sobre a vida.

6.ª *aula*

O sr. inspector da Instrucção explanou os seguintes topicos:

O ensino da geographia não consiste em dar um programma ou fazer devorar um compendio — Requer do professor, em primeiro logar, conhecimento dos factos essenciaes e dos principios geographicos, e, em segundo, comprehensão do escopo da geographia — Esta não póde ser apenas collecção de factos, mas, determinando-se as relações de causalidade e finalidade que os unem, deve fixar principios geraes — O alumno não deve conhecer apenas factos e principios: deve pol-os em uso, porque o conhecimento se adquire para ser utilizado na vida pratica.

O dr. Mario Casasanta estudou, depois, a geographia humana local, reconhecendo que, além de seu aspecto physico e biologico, deve a localidade ser estudada sob o ponto de vista humano, quanto á alimentação, vestuario, vivenda, commercio, industria, meios de transporte, vias de communicação, correio, telegrapho, telephone, profissões e generos de vida, organização politica e administrativa, etc.

7.ª *aula*

Nessa aula, o dr. Mario Casanta, estudou a funcção do profes-

sor antigo, que consistia em marcar lições para casa e ouvil-as em aula, e comparou-a com a do professor moderno. Este, ao contrario, preoccupa-se antes com uma longa e aturada preparação das lições, que equivale e por vezes excede o trabalho da aula, tambem, e por sua vez, inteiramente transformado.

A disciplina ferrea de antigamente dava ao officio de professor um caracter de sinecura; o disciplinador possuia todas as virtudes e dispensava-se de qualquer outro trabalho que não fosse o de marcar e tomar tarefas.

Hoje, tudo mudou, e para bem cumprir a sua missão, no campo da geographia, como no das outras materias, deve o professor fazer um largo estudo sobre o topico a ensinar, abrangendo-o no seu todo como nos seus pormenores.

Só conhecendo nesse todo a materia, é que poderá o professor discenir o essencial do insignificante, para fornecer aos alumnos apenas o essencial.

Estudada a materia no seu conjuncto, o professor elaborará planos de lições, distribuindo-a em varias aulas, tendo em conta o interesse e a capacidade dos alumnos.

A apresentação da materia em aula virá precedida de uma revisão dos termos essenciaes do thema proposto. Isso quer dizer que toda aula de geographia se iniciará com a proposição de um problema cheio de interesse humano e, por isso mesmo, capaz de aguçar a curiosidade infantil.

Sentindo necessidade de resolvel-o, os alumnos colligirão, sob a guia do professor, os dados e informações de que precisem para tanto, buscando assim a solução em livros e publicações diversas, dentro ou fóra da escola.

Após esse trabalho, que occupará o maior tempo da aula, o professor recolherá as conclusões dos alumnos, ou as tentativas de conclusão, e ainda a exposição das soluções do problema.

Chega-se, por fim, á verificação dessas conclusões, do seu acerto ou do seu erro.

Este trabalho a realizar é que, desenvolvendo-se mais ou menos através dessas etapas, não importará de modo algum em perda de tempo, pois permittirá aos alumnos a acquisição de grande somma de conhecimentos, investigando e perquirindo.

Mesmo, porém, que a messe de conhecimentos assim collectada não fosse maior que a adquirida pelo processo mechanico da decoração, restaria, para os alumnos que assim agiram, a vantagem de se haverem desenvolvido espiritualmente. E desenvolveram-se, sobretudo, quanto á independencia de pensamento, á iniciativa, ao interesse, ao manejo dos livros como instrumento de solução dos problemas, etc.

8.ª *aula*

Versou a ultima aula sobre os seguintes topicos:

O uso e o abuso do mappa — Vantagens do mappa sobre as photographias e sobre o ensino oral — O mappa, como toda actividade escolar, deve determinar pensamento e julgamento — Necessidade de se dar aos alumnos o bom habito de lerem e comprehenderem o mappa e delle usarem como instrumento de trabalho — A linguagem do mappa: a escola, a sua aprendizagem, o seu emprego — Como se representam convencionalmente os accidentes da superficie — Quaes os accidentes e informações geographicas que se devem procurar no mappa — Necessidade de se elaborarem mappas especiaes, não só referentes aos accidentes physicos mas tambem á geographia humana — Localização da cultura do algodão, do café, do

matte, etc. — A carthographia como meio e não como fim; os alumnos não vão usal-a geralmente, como instrumento de trabalho, occupação essa de uma restricta especialidade. — Não se justifica na escola a confecção de mappas aprimorados, que exijam longo e acurado trabalho, o fim da cartographia escolar é a fixação de formas, distancias e situações, e isto se póde alcançar tanto com uma obra prima como com um schema ligeiro. — O uso dos mappas mudos. — Como se deve iniciar a cartographia: da feitura do mappa da sala de aula, do pateo da escola, do edificio escolar, do bairro, do municipio, etc., para que as crianças aprendam a ver atraz do symbolo as realidades concretas. — Necessidade de se fazerem escalas para esses mappas. — Perguntas sobre o mappa com o fito de fazerem pensar, relacionando-se logares, accidentes e phenomenos geographicos — Taes perguntas devem ser exercicios de pensamento e não de memoria. — Dissertação geographica, suas vantagens, como: o desenvolvimento da linguagem e a coordenação de idéas, e quaes as condições de um bom plano. — A escolha de prototypos geographicos, afim de ligar a geographia physica aos ulteriores estudos sobre geographia regional.

Methodologia de Arithmetica

1.ª *aula*

A primeira aula da professora Alda Lodi, sobre methodologia de arithmetica, girou em torno da seguinte these: "Arithmetica —Utilidade de seu ensino —Caracter de utilidade pratica — Seu caracter educativo".

O thema foi estudado excellentemente, discorrendo a professora, com grande clareza e segurança, acerca dos seguintes topicos: Não se deve estudar a arithmetica por arihmetica, mas em vista dos fins que ella visa alcançar. A arithmetica desenvolve socialmente os alumnos. Porque motivo se deparam pessoas analphabetas que sabem fazer as operações. Porque é que as creanças aprendem fóra de escola as operações de que necessitam para resolução dos problemas que se lhes apresentam e não aprendem a ler, entretanto, pelo mesmo processo. Trabalho de arithmetica incidental e trabalho de arithmetica applicada. Exemplos de uma e de outra. As opportunidades que a escola offerece para o desenvolvimento dos alumnos. Como provocar as situações arithmeticas e como utilizar-se dellas. Que problemas tirar de uma pequena festa de anniversario de um alumno, celebrada pela classe, O jardim da infancia, com a liberdade que offerece, educa e desenvolve maiormente as creanças de uma classe formal de segundo anno. O papel do interesse na aprendizagem. A disciplina como consequencia do trabalho. Como as creanças apprehendem a relação numerica. O numero como resultado da adaptação economica das cousas a um fim.

2.ª *aula*

Foram passados em revista, pela professora, os seguintes topicos:

Os programmas de arithmetica têm passado por grandes modificações — Resta estudar si taes modificações têm ou não razão de ser—Como a these recommenda que se critiquem os defeitos do programma, cumpre estabelecer o que seja um bom programma — Um programma deve elaborar-se tendo em vista os objectivos que pretende attingir, o material para attingir esses objectivos, os methodos e os processos de ensino a empregar e o meio de verificar o bom exito dos esforços feitos para alcançar os

fins marcados — Da conceituação que faz uma professora dos objectivos do ensino da arithmetica depende a sua orientação — Esse objectivo póde ser para um a habilidade no calculo, para outro a gymnastica mental e, emfim, para terceiro, auxiliar as creanças na comprehensão dos factos decorrentes da pratica — Nos grandes paizes tem havido largo inquerito dos interesses e das situações infantis para se lhes elaborar um programma adequado: questionarios em que se ouvem homens de negocios, inqueritos em que as creanças são escutadas com interesse, etc, muitos meios têm sido postos em pratica nesse sentido — E' necessario considerar os valores praticos do ensino da arithmetica (que vêm a ser efficiencia no calculo e habilidade em ver relações quantitativas), para eliminar do programma tudo que não seja abrangido dentro desse criterio.

3.ª *aula*

Continuando a fazer considerações sobre as programmas de arithmetica, a senhorinha Alda Lodi censurou a contemplação de alguns topicos no actual programma. Tal programma achase escoimado da maior parte das inutilidades que os antigos consignavam, como: minimo multiplo commum, regra de companhia, contabilidade, etc. Quanto á regra de 3, que foi dada como descoberta por uma das alumnas, realmente não tem o valor educativo da reducção á unidade, mas collocada no fim do 4.º anno, como se acha, não apresenta inconveniente. E' um processo novo e rapido para os alumnos resolverem seguramente problemas já de seu conhecimento.

Passou depois a commentar os objecivos que o professor deve ter em vista, no ensino da arithmetica: 1.º) desenvolver melhores habitos de precisão; 2.º) Dar rapidez. 3.º) Dar mais attenção ao trabalho oral. 4.º) Automatizar os factos fundamentaes.

Finalmente, entrando no ensino da arithmetica no 1.º anno, defendeu a opinião de que deve ser essencialmente incidental, constar apenas de experiencias e de opportunidades para o emprego de vocabulos que expressem relações numericas, como: mais longe, mais curto, comprido, frente, atraz, direita, esquerda, etc. Relações numericas e não escriptas, insistiu, porque necessariamente surgirão depois e em tempo opportuno situações em que seja o alumno obrigado a escrever numeros.

A professora recommendou tambem, como excellente, a pratica de annotarem os professores, dia a dia, em caderno especial, a evolução dos alumnos, sob o ponto de vista da arithmetica, o que sabiam ao chegar, quando adquiriram tal e tal conhecimento, que falha revelaram na comprehensão desta ou daquella relação quantitativa, etc.

4.ª *aula*

Estudou a professora a distincção entre a contagem racional e a contagem — simples enunciação dos numeros .

Começou analysando o programma do 1.º anno, considerando grande vantagem a que elle apresenta sobre os anteriores, pois restringe até 10 o estudo dos numeros no alludido periodo.

A professora não vê exaggero nisso. Entretanto, si se quizer estender esse estudo até 100, os tres primeiros mezes, pelo menos, deverão ser dedicados apenas aos 10 numeros iniciaes, fazendo-se sobre elles todas as operações.

Tal estudo precisa ser objectivo, isto é, cumpre que elle verse sobre objectos concretos. Seguir-se-á, então, o desenho no quadro, a representação por meio de symbolos.

Passou a professora a examinar qual a melhor disposição que se poderá dar aos numeros para que as creanças os leiam melhor e mais rapidamente: si na fórma horizontal, si na rectangular, etc. Fez, a respeito, interessantes experiencias, utilizando-se de um tachographo.

Por ultimo, referiu-se ao estudo da taboada, mostrando como fazel-o proficuamente e explicando os varios expedientes postos em pratica para uma facil e fecunda apprehensão das relações numericas: as rimas, os briquedos, os jogos, etc.

5.ª *aula*

As combinações numericas — accentuou a professora — devem ser dadas de maneira que não favoreçam a contagem e, antes, obedeçam á ordem crescente de difficuldades. Para evitar a contagem, não se devem dar duas combinações consecutivas, em que haja elemento commum ou em que a differença entre os dois elementos seja *um*.

A respeito, a professora forneceu exemplos illustrativos.

Estudando a segunda condição, referiu-se a professora ás experiencias de Clapp, em Chicago — testação de 7.000 creanças, em todas as combinações numericas até 18.

Taes combinações, em numero de 55, assim se distribuem: 25 que não excedem de 10; 20 que excedem de 10; e 10 em que entra o *zero*.

Passando a estudar a addição, a professora minudenciou os seus casos, pela complexidade crescente, e ensinou a gradual-os, tendo em vista as experiencias effectuadas nesse sentido.

Referiu-se aos testes diagnosticos e ao ensino correctivo, e estudou, por ultimo, a subtracção em suas formas distinctas: subtrativa, em que de facto se opera a subtracção (ex.: 6 — 2), e additiva, que realmente nos propõe uma addição (ex.: 2 para 6 faltam 4).

6.ª *aula*

Antes de entrar no estudo da materia do dia, a professora Alda Lodi referiu-se ás experiencias feitas no anno passado, sob sua direcção, pelas alumnas da Escola de Aperfeiçoamento, com referencia á subtracção. 895 creanças foram testadas em tres casos dessa operação, que consistiam:

1.º) Numa subtracção em que os dois termos eram representados por numeros differentes, como por exemplo: 8 — 3;

2.º) Numa subtracção em que o segundo termo era zero: ex.: 8 — 0;

3.º) Numa subtracção em que os dois termos eram iguaes; ex.: 8 —8.

Os resultados obtidos permittem affirmar que o primeiro desses casos é o mais simples para as creanças; em seguida vem o terceiro caso, sendo o segundo delles o mais difficil de todos, porque nelle figura o zero.

Passando a estudar a multiplicação, a professora frizou que ella, como a divisão e as demais operações, deve começar a ser praticada no 1.º anno e dentro dos dez primeiros numeros. Os alumnos participarão das actividades em que entrem taes operações, e resolverão problemas relativos ás mesmas, sem comtudo, saber que as estão praticando. Para isso, ser-lhes-á proporcionado o maior numero possivel de opportunidades. Assim, as creanças se exercitarão na contagem, verificando e fiscalizando a frequencia, inventariando o material escolar, distribuindo objectos, etc.

No 2.º anno, já se lhes ministrará ensejo de sommarem numeros semelhantes, como p. ex.: 5+5+5 ou 5+5+5+5, etc., fazen-

do-se com que ellas contem em todos os casos o numero 5 e digam: tres 5, quatro 5, etc. Aprenderão, tambem, a escrever o resultado dessas operações, sem passar pela somma.

E' essa, egualmente, a occasião propria para se entrar no estudo da divisão, levantando-se problemas desta natureza: Em 15, quantos 5 nós temos? Tambem entramos no estudo das fracções, sem comtudo a ellas nos referirmos, notando apenas, por exemplo, que a quinta parte de 30 é 6, etc.

Depois de estabelecer essas directrizes, a professora passou a seriar os problemas que se devem dar quanto á multiplicação. Elles obedecem á seguinte ordem:

1.°) Multiplicação de numeros simples por numeros simples;

2.°) Multiplicação de numeros compostos por numeros simples, em que não haja reserva;

3.°) Multiplicação de numeros compostos por numeros simples em que haja reserva;

4.°) Multiplicação de numeros compostos por numeros simples em que haja reserva em mais de dois logares, como 353 x 7;

5.°) Multiplicação de numeros em que entre zero, como 1.700 x 2;

6.°) Multiplicação abreviada por 10, 100 e 1.000;

7.°) Multiplicação de dois numeros compostos.

A professora entrou, em seguida, no estudo da divisão, notando que as suas difficuldades correspondem ás da multiplicação e aconselhando a pratica de suas operações na ordem seguinte:

1.°) Casos em que o divisor está contido em todos os algarismos do dividendo, como 844÷2;

2.°) Casos em que o divisor está contido no numero formado pelos dois primeiros algarismos do dividendo, como 156÷3;

3.°) Casos em que apparece o resto, como 17÷5;

4.°) Casos de resto intermediario, como 91÷7;

5.°) Casos de resto em dois ou mais pontos, como 936÷4;

6.°) Casos em que apparece zero no quociente, como 664÷6;

7.°) Casos em que apparece zero no dividendo e depois no divisor, como 17.000÷2;

8.°) Divisão abreviada por 10, 100 e 1.000;

9.°) Casos em que apparece zero intermediario no quociente;

10.°) Casos em que os dois primeiros algarismos do dividendo contêm o divisor e casos em que o não contêm, como 663÷31 e 7.345÷86;

A professora concluiu accentuando que todo este trabalho não poderá ser feito sem que as creanças estejam em situações que as façam sentir a necessidade e o interesse de resolver taes problemas.

7.ª *aula*

Encerrando o curso, a professora falou sobre os problemas, conceituando-os devidamente e commentando as utilidades e vantagens educativas que offerecem, e notadamente a concretização do trabalho e a sua motivação. A creança não estuda arithmetica por arithmetica, mas realiza as suas actividades e resolve problemas que se lhe offerecem no caminho. Um problema não deve ser uma construcção abstracta, talhada ao gosto da professora, mas deve ser uma situação real, realmente surgida na vida escolar e cuja solução seja desejada, sentida e procurada pelos alumnos.

A maioria dos problemas elaborados em nossos manuaes só

podiam ser applicados como gymnastica mental, mas mesmo assim auxiliando o trabalho já feito através dos problemas da vida real.

E' necessario que os problemas não se restrinjam a uma phrase laconica, que não pode bem exprimir uma situação. Pelo contrario, devem ser contidos dentro de uma historia, sem preoccupação de brevidade, em linguagem familiar, por modo que os alumnos apprehendam immediatamente os seus termos e caminhem para a sua solução.

A escola deve munir-se de varias instituições, como: banco, correio, loja, etc., para offerecer aos alumnos amplas e numerosas opportunidades de toparem com problemas para resolver.

A solução dos problemas depende de varios factores: intelligencia, habito de leitura silenciosa, habilidade em computação.

A professora passou a falar sobre o systema metrico e deixou bem accentuado que elle deve começar desde o primeiro anno, porque desde a primeira infancia as creanças se familiarizam com o litro, o kilo, o metro, etc.

Analysou o desenvolvimento do estudo do systema metrico através dos quatro annos primarios e finalizou insistindo em que se devem proporcionar ás creanças actividades em que se lhes deparem problemas, de modo que se satisfaçam com os processos da arithmetica para a solução delles e comprehendam a significação, as vantagens e a necessidade dessa technica.

—

Methodologia de Lingua Patria

1.ª *aula*

Em sua primeira aula, a professora Lucia Schimidt Monteiro de Castro versou a seguinte these:

Necessidade dos exercicios de linguagem oral e escripta — Narração oral, explicação de gravuras, reproducção de historias, enumeração, diario, relatorio, etc.

Suas considerações ativeram-se ao summario abaixo reproduzido:

A linguagem como expressão do pensamento presuppõe esse pensamento da parte das creanças: desenvolver a linguagem é, antes de tudo, desenvolver o pensamento — A escola deve offerecer ambiente favoravel e opportunidades numerosas para que as creanças falem livremente e com toda a espontaneidade, como fazem fóra della — A professora deve provocar as creanças a falar, modificando a sua attitude, de geito a inspirar-lhes confiança e a convencel-as de que são escutadas com muito interesse e benevolencia — A correcção deve ser indirecta e só depois que as creanças se tenham acostumado a falar com desembaraço e confiança — As correcções não devem ser numerosas, mas poucas de cada vez, e gradativamente, levantando o professor uma lista dos erros — O esforço do professor deve visar a apresentação de opportunidades para as creanças falarem abundante e livremente — Ha numerosos expedientes recommendados pelos tratadistas: a dramatização, a narração de historias, relatorio oral, exposição das impressões das ferias, etc. — A inutilidade de que os alumnos descrevam taes e taes objectos sem que estes os interessem—Não é recommendavel a reproducção oral immediata das historias contadas em aula pela professora, porque os alumnos o fariam sem interesse, mas é recommendavel que um alumno reproduza para outra classe essas historias, porque haverá o interesse do narrador e dos ouvintes.

2.ª *aula*

Em sua segunda aula, a professora falou sobre a leitura, pondo em realce os seguintes topicos:

A falta do interesse faz com que os meninos que passam pelo curso primario desaprendam o uso da leitura — Interessantes estatisticas têm comprovado que grande numero de pessoas alphabetizadas se analphabetizam pelo desuso — E' necessario que a escola ensine e habitue antes de tudo os alumnos a se servirem da leitura como instrumento para a acquisição de experiencias — As duas ou tres primeiras semanas de escolaridade devem ser preenchidas com exercicios e actividades tendentes a convencerem aos alumnos da necessidade de aprenderem a lêr — Além de sentirem essa necessidade, devem os alumnos ter verdadeiro interesse em lêr, o que se desperta através de muitos expedientes recommendados pelos tratadistas — Finalmente, de accordo com o principio de psychologia que uma habilidade para ser bem ensinada deve sel-o naturalmente, como se faz na vida pratica, — assim, na escola deve ser feito largo uso da leitura silenciosa, que é a que na vida pratica se emprega communmente — O methodo global, como está demonstrado scientificamente, é superior ao phonetico — Experiencias levadas a efeito por allemães e norte-americanos demonstraram que as creanças têm uma percepção syncretica das coisas — E' certo que o processo phonetico dará nos tres primeiros mezes resultado apparentemente superior ao global, mas na verdade inferior, como se tem seguramente verificado — Ha necessidade de variar o material de leitura de accordo com as differenças individuaes — Ha uma série interessante de jogos para leitura, nos quaes não entra o elemento competição, que creanças menores de sete annos geralmente não sentem, e que produz más consequencias com creanças de certos meios sociaes — Durante todo o ensinamento da leitura, deve a professora accentuar a sua utilidade e necessidade, promovendo situações em que as creanças sintam verdadeiro interesse por ella — Assim, noticias escriptas no "Jornal do dia", convites no "quadro de aviso", instrucções no "quadro negro", etc., são expedientes postos em pratica para que as creanças sintam interesse e ansia em lêr o escripto.

3.ª *aula*

A professora estudou, então, o ensino da leitura pelo methodo global. Expoz a vantagem deste sobre outros methodos, e detalhou a technica a seguir para pratical-o. Assignalou não só a attitude que cabe á professora na sua execução, como tambem as varias étapas do seu desenvolvimento. Frizou, a seguir, a necessidade de se escolherem compendios que facilitem a dramatização das lições, de maneira que as creanças tomem conhecimento do seu conteudo, ouvindo-as ler por inteiro, pedindo explicações, narrando as suas informações e experiencias suggeridas pelo entrecho, e, afinal, dramatizando. Assim, tomarão as creanças conhecimento pleno do conteudo desses compendios, antes mesmo de começada a leitura.

A historia será escripta, em seguida, na cartolina, procedendo-se depois ao desdobramento em fichas de palavras, que, por sua vez, serão desdobradas em fichas de syllabas, desde que as creanças conheçam de 50 a 60 palavras.

A professora explicou a natureza e o mechanismo dos jogos, por intermedio dos quaes as creanças descem da sentença á palavra, e o material que permitte essa operação. Recommendou o ensino da escripta parallelo ao da leitura e insistiu sobre os processos de estender a percepção dos alumnos por fórma que elles leiam rapidamente, ligando bem o symbolo á coisa. Deu realce, notadamente, aos seguintes pontos: Os jogos devem consistir em

expôr e retirar rapidamente as palavras. O material deve ser tirado da vida das creanças.

4.ª *aula*

Topicos desenvolvidos:

Leitura silenciosa e suas vantagens sobre a leitura oral — A leitura deve ser motivada e suppõe sempre um auditorio — O club de leitura como situação natural para a leitura oral — Uma hora de leitura para o 3.º e 4.º anno, diariamente, é excellente medida para inicial-os na literatura — A leitura como auxiliar de todas as outras materias — Como variar o material de leitura de accordo com as varias divisões da classe, isto é, os que lêem correntemente, os que lêem mal e os medios — Necessidade da bibliotheca infantil — Fichas, relatorios, composição, descripção, narração, cartas e os principaes factores que lhes contrariam ou favorecem a leitura — Taes exercicios devem ser socializados, isto é, devem servir de instrumento para communicação de idéas, impressões e observações realmente existentes — Necessidade de fazer com que as creanças se exprimam com sinceridade, espontaneidade e personalidade.

5.ª *aula*

Iniciando a 5.ª aula, a professofessora Lucia S. Monteiro de Castro fez considerações sobre a poesia, accentuando as vantagens e valores educativos que ella offerece para o desenvolvimento dos alumnos. Deixou patentes a influencia do rithmo, o enriquecimento de ideas vivas e bellas e a expansão do vocabulario.

Tratando da decoração, mostrou como se deve fazel-a, respeitando-se os ensinamentos da psychologia.

Estudando a orthographia e o modo de ensinal-a na escola primaria, recommendou a elaboração de listas das palavras mais communs e mais simples, para uso do 1. anno, levantando-se listas mais difficeis para os demais annos do curso.

Passou em revista os varios processos de ensino de orthographia, — o dictado oral, o dictado escripto, etc. — e demonstrou como, pelo methodo global, a creança aprende a graphar as palavras através do aprendizado da leitura.

Passou a referir-se á correcção e á melhor maneira de effectual-a.

Os dictados e outros exercicios, bem como os jogos — accentuou — devem ser elaborados de accordo com as falhas e deficiencias que, em materia de orthographia, revelem os alumnos.

6.ª *aula*

A professora passou em revista os topicos seguintes:

Opportunidade do ensino da grammatica no curso primario — Não confundir grammatica com grammatiquice — A grammatica deve ser inductiva e a escola deve offerecer numerosas opportunidades para que as creanças partam dos factos e elaborem suas regras de grammatica — A technica grammatical deve ser simplificada e uniformizada — Tambem necessita de transformação a seriação dos principaes pontos da grammatica, partindo-se do estudo da sentença para o das categorias grammaticaes, como, por exemplo, do estudo do sujeito e do objecto para o do substantivo — Plano a seguir na ordem dos varios topicos.

7.ª *aula*

Encerrando o programma dessa especialidade, a professora Lucia Schmidt Monteiro de Castro discorreu sobre varios topicos, continuando a série de considerações que vinha fazendo sobre o ensino da grammatica, notadamente sobre o ensino do verbo e do pronome.

Condemnou o estudo systematico das conjugações, aconselhando que primeiro se desse aos alumnos o conhecimento pratico das formas por meio de exercicios oraes e escriptas e só no 4.° anno se chegasse á nomenclatura.

Passou a falar sobre a dramatização, criticando os defeitos que a tem eivado entre nós e que lhe tiram todas as utilidades.

Referiu-se finalmente á necessidade de se estender a preoccupação da linguagem a todas as materias, não sendo ella objecto exclusivo da aula de linguagem. Aconselhou, tambem, se ministrassem exercicios adequados ás necessidades da classe, como historias contadas, si se trata de desenvolver a imaginação; historias inventadas, relatorios de excursões, si se trata de enriquecer o vocabulario, etc.

Methodologia de Sciencias Naturaes

1.ª *aula*

Definindo os termos e linhas geraes dessa materia, o prof. dr. Edgar Renault Coelho, na sua primeira aula, cingiu-se ao thema seguinte:

A importancia do ensino das sciencias naturaes — Utilidade pratica e utilidade educativa — Desenvolvimento da observação — Educação sensorial — Formação do espirito scientifico.

Foram estes os pontos ventilados:

Não ha estudo que offereça maior campo de observação e que melhormente desenvolva, aguce e eduque os sentidos, do que o de sciencias naturaes — Esse estudo não póde restringir-se apenas á historia natural, mas tambem aos elementos de physica e de chimica — A natureza offerece material abundante, e em toda parte, a quem quizer estudal-a — O aprendizado das sciencias naturaes deve atravessar as etapas do aprendizado natural: basta estudar como o homem primitivo se houve perante os phenomenos da natureza, como os observou, os comparou, os associou, os classificou e generalizou, e ter-se-á determinado o melhor processo de ensino — Além das vantagens educativas, o estudo da natureza proporcionou em todos os tempos infinitas utilidades praticas: é conhecendo os phenomenos naturaes que a humanidade melhor tem podido adaptar-se ao meio, dominando os elementos e delles se servindo para a consecução dos seus fins — Mesmo nas suas maiores invenções, a victoria dos homens se tem feito imitando a natureza: o aeroplano foi modelado tendo-se em vista os passaros, o submarino, tendo-se em vista os peixes — A creança, diz Spencer, é instinctivamente um naturalista — Cumpre aproveitar essa tendencia natural — As definições dos livros scientificos para as escolas representam verdadeiras absurdidades — Os nossos livros didacticos encerram tudo, menos o necessario — Ha um estudo particularmente recommendavel aos professores e que é um dos mais fecundos departamentos das sciencias naturaes: a pedologia, estudo do crescimento da creança, sem o qual todo ensino carece de base, limite e orientação.

2.ª *aula*

O professor explanou o seguinte summario:

Fazer um programma de conjuncto para physica, chimica e historia natural — Distribuir a materia de modo que os assumptos se combinem e possam ser estudados com os recursos do material existente em cada estação do anno — Permittir uma certa plasticidade no programma, que o torne interessante nas di-

versas regiões do paiz — Desenvolver os diversos assumptos de accordo com o criterio dos *circulos concentricos*: 1.º A agua, seu estado liquido, sua necessidade para a vida dos animaes e das plantas; os peixes, sua fórma, as especies mais conhecidas; 2.º A agua, acção que sobre ella exerce o calor; o seu emprego para coser os alimentos, os seus tres estados physicos; o gelo, o vapor; as impurezas da agua, conveniencia de filtral-a; o ar que a agua contém e que os peixes respiram; os peixes, porque não pódem viver fóra d'agua; a sua alimentação, a sua utilidade; 3.º A agua, seu peso; quedas d'agua, moinhos; composição chimica da agua, sua existencia no ar, em estado de vapor, sua existencia nas plantas e nos animaes; porque os animaes e as plantas não vivem sem agua; as raizes das plantas, a absorção da agua pelas raizes; os peixes, estudados mais detalhadamente; mostrar que elles têm ossos e são vertebrados; a funcção da bexiga natatoria, as nadadeiras; para que serve a cauda dos peixes; os batrachios, suas metamorphoses.

O ar: 1.º O ar, sua necessidade para a respiração dos animaes; a combustão, a chamma, o calor da combustão; necessidade de arejamento das habitações. 2.º O ar, o vento, seu aproveitamento na navegação e nos moinhos; a agua contida no ar em estado de vapor, as nuvens, a chuva; as aves, o vôo. 3.º O ar, os gazes contidos no ar; o oxygenio considerado como indispensavel á vida e á combustão; respiração das plantas; as folhas, sua funcção; as aves de largo vôo e as de vôo curto; migrações das aves, andorinhas, periquitos. 4.º O peso do ar, a atmosphera, pressão atmospherica; bombas, syphão; o ar viciado, seus inconvenientes; balões, aeroplano; causas dos ventos; o gaz carbonico, o azoto; a acção do calor sobre o ar, dilatação do ar.

3.ª *aula*

1.º — Methodos de trabalho; impropriedade da expressão;

2.º — Exercicios de observação; como guiar as observações das creanças e como aproveitar as parcellas feitas e accummuladas.

3.º — Questionarios escriptos, seus requisitos e vantagens; trabalhos praticos.

Desenvolvendo os themas acima, o professor assignalou, de inicio não ser bem propria a expressão "methodos de trabalho". Melhor fôra dizer "processos de trabalho", pois os methodos afinal, se reduzem á inducção e á deducção.

Aconselhou, ainda, o emprego da expressão "technica de trabalho", que comprehende o processo ou processos applicaveis a determinados casos.

O ensino de sciencias naturaes na escola primaria — accentuou — não pode ter outra orientação que a do methodo inductivo, empregando-se o processo intuitivo.

Passou a falar sobre os exercicios de observação, fixando o conceito da mesma e o seu papel para a generalização. Explicou como organizar os questionarios: perguntas que devem ser regeitadas e perguntas que se devem acceitar.

Concluindo, frisou, que:

1.º — Os exercicios de observação devem ser o ponto de partida para o ensino das sciencias naturaes.

2.º — O processo intuitivo tem como fundamento a observação.

3.º — As generalizações graduaes encaminharão o trabalho mental dos alumnos para as leis scientificas.

Illustrando as suas considerações, o professor apresentou numerosos e interessantes exemplos, colhidos na vida quotidiana.

4.ª *aula*

Transcrevemos o seu summario:

1.º) Trabalhos praticos dos alumnos. Trabalhos individuaes; trabalhos collectivos.

2.º) Questionarios escriptos. Exemplo de um questionario (estudo das palmeiras).

3.º) Excursões, sua finalidade, como devem ser dirigidas e preparadas. Necessidade de prévio estudo do local pelo professor. Plano de uma excursão destinada ao estudo da vegetação caracteristica da Serra do Cural.

5.ª *aula*

O dr. Edgard Renault Coelho, dando seguimento ao curso, cogitou dos topicos abaixo enumerados:

Material empregado no ensino das sciencias naturaes — Quaes os requisitos de um bom material — Parallelo entre o laboratorio completo das escolas secundarias e superiores e o material simples das escolas primarias — Necessidade de ser fabricado e construido pelos proprios alumnos — Vantagens que offerece o material construido pelos alumnos e na escola, sobre o fornecido pela industria — Como construir apparelhos simples, toscos e baratos, com material ao alcance de todos, para demonstração das mais importantes leis physicas, como: a queda dos corpos, pendulo, syphão, pressão atmospherica, dilatação dos corpos, bombas, camara escura, etc.

O professor passou a falar ligeiramente sobre o material a empregar-se quanto á chimica e ás sciencias naturaes, no ensino primario, recommendando quanto a estas, de preferencia a collecções e a herbarios, o emprego de material vivo, que dê não apenas a morphologia, mas tambem uma idéa nitida do desenvolvimento e das funcções dos seres vivos.

6.ª *aula*

O professor divulgou um plano de aula sobre o fogo, tirando dessa materiá todos os valores e virtudes que contém. Alludiu ás varias fórmas de produzir fogo. Antes de utilizar-se do phosphoro, no projecto suggerido, devem as creanças experimentar o isqueiro, ou seja, o attrito de um pedaço de aço com um pedaço de silex. Logo após, far-se-á uso da isca e da lente, concentrando os raios do sol. Vem por ultimo o phosphoro, de modo que as creanças percebam a importancia dessa conquista para a humanidade.

O professor referiu-se a todas as opportuidades que o estudo do fogo offerece para dar ás creanças informações e conhecimentos indispensaveis, como: meios de conservar o fogo, uso do alcool e do kerozene, relações entre o ar e a chamma, combustão, consequencias do ar viciado, calor e suas propriedades, effeitos do calor (fusão, vaporização, dilatação dos corpos, etc).

Methodologia geral

1.ª *aula*

A these abordada pela professora Benedicta Valladares Ribeiro, em sua aula inicial, girou em torno da educação e seu conceito.

Desenvolvendo-a, essa professora desdobrou os topicos que adeante mencionamos:

A educação primitiva fazia-se directamente, tendo as creanças contacto immediato com a realidade: trabalhavam com os paes

e aprendiam agindo — Com a creação da escola, serviu-se esta de elementos artificiaes para apressar a transmissão, á infancia, das experiencias dos adultos: dahi o divorcio entre a escola e a vida — A sciencia pedagogica predica a reintegração da escola dentro da vida — A educação como desenvolvimento do individuo sob os aspectos physico, intellectual, moral e social — Si a educação é desenvolvimento e si o desenvolvimento é vida, a educação deve ser vida — O erro dos processos antigos, de encher a cabeça das creanças — O professor, como os directores politicos de um paiz, deve, não se servir da creança como um meio para alcançar um fim, mas como um fim em si mesma: Napoleão serviu-se da educação para alcançar os seus fins mediante o sacrificio da mocidade — Necessidade de transformar a escola e tudo quanto se lhe refere, de accordo com a e em beneficio da creança—A escola só tem razão de ser por causa da creança: tudo mais, programmas regulamento, professores, material, deve dispor-se em funcção da creança.

2.ª *aula*

A professora voltou a insistir no contraste entre a escola antiga e a moderna. Mostrou a differença existente entre a escola que fazia da creança um celleiro de informações e a que pretende desenvolver a creança physica, intellectual, moral e socialmente.

Falou sobre o valor da infancia e a necessidade de fazer com que as creanças a vivam inteiramente, pois a uma infancia truncada corresponde uma maturidade defeituosa. Discutiu os fins da educação, como sejam: ministrar informações, preparar para a vida, incutir bons habitos physicos, moraes e mentaes. Analysou detidamente os quatro principaes problemas de uma sociedade: saude, trabalho, sociabilidade e repouso, e estudou os Estados Unidos e o Brasil sob esse quadruplo aspecto. Por ultimo, concitou as professoras a convergirem esforços para que encontremos, em nosso meio, a solução adequada dessas questões.

3.ª *aula*

A professora Benedicta Valladares voltou a conceituar a educação e determinar quaes os fins da escola. Sendo o tempo escolar apenas de quatro annos e occupando por isso um pequeno trecho na curva da vida, é certo que a escola não póde cultivar a ambição de fornecer uma completa preparação para a vida. Cabe-lhe, sim, acolher as creanças, nellas suscitando poderes e virtudes que lhes são proprios e permittindo-lhes, assim, que mais tarde se desenvolvam por suas proprias forças.

Em summa: a escola não pretenderá desenvolver inteiramente as creanças no curto lapso de tempo em que estas lhe são confiadas, e sim tornar possivel o desenvolvimento ulterior.

Além desse fim geral, a professora assignalou outros objectivos já referidos na aula anterior: saude, trabalho, sociabilidade e repouso.

Passou a estudar varias materias, actividades e instituições escolares, sob esse quadruplo aspecto e recommendou que os professores estudassem todas as suas lições á luz desse mesmo criterio. Assim, a leitura contribue para a saude, pelos ensinamentos hygienicos que transmitte; para o trabalho, com os meios que recommenda visando a renovação de sua technica; para a sociabilidade e para o civismo, porque sem ella o homem não é cidadão; para o repouso, porque não ha modo mais sadio e fecundo de occupar utilmente o tempo.

Assim tambem, o maximo divisor commum não contribue para a saude e não contribue para o trabalho, porque não é usado na vida ordinaria; não contribue para o civismo e tanto menos para o repouso.

A disciplina ferrea será exterminada si se levarem em conta esses criterios.

A professora commentou, por ultimo, os objectivos que Thorndike fixa para a escola primaria.

4.ª *aula*

Estudou a professora os interesses e sua variação de accordo com as differentes edades. Frisou bem que cada edade offerece interesses especiaes e que, de conformidade com elles é que deve ser ministrado o ensino.

Pormenorisou os principaes interesses — curiosidade, sociabilidade, imitação, collecção, etc. — commentando-os e extrahindo interessantes applicações pedagogicas dos mesmos.

Reportou-se ao jogo e ao notavel papel por elle exercido na formação da creança, notadamente quando ao sentimento de ordem e de lei, que communica aos alumnos.

Poz de manifesto as peculiaridades que cada edade apresenta, como a noção de tempo, que só se define perto dos 13 annos, — de onde se conclue ser infecundo o ensino da historia chronologica no curso primario, porque não comprehensivel pelas creanças.

Fez demorado estudo sobre a adolescencia, mostrando a influencia que ella exerce na vida humana, a ponto de já se lhe ter chamado "segundo nascimento". As novas qualidades e possibilidades que ella apresenta, como sejam a sociabilidade, a attenção, a abstracção, foram egualmente consideradas pela professora.

Proseguiu a aula com o exame das applicações pedagogicas que se podem tirar do estudo do desenvolvimento infantil. A professora terminou com largas considerações sobre a necessidade de se adequar o ensino ás tendencias, interesses e habilidades peculiares a cada etapa da existencia.

5.ª *aula*

A professora versou com proveito os seguintes pontos:

O ensino individual e simultaneo — Differença entre um e outro — Razões economicas e pedagogicas que determinaram o ensino simultaneo — A necessidade de se attender as differencas individuaes vae determinando tendencia de individualizar o ensino o mais possivel dentro da classe — Importacia da consideração das differenças individuaes — A adaptação do ensino á capacidade dos alumnos, como signal do bom professor — Factores que influem na differenciação dos alumnos, como a hereditariedade e o meio, e rapidas considerações sobre cada um delles — Necessidade de variar o material de accordo com a capacidade de cada alumno, não considerando exclusivamente uma média ideal, mas tendo em conta os sub-normaes e os supra-normaes — Critica do regimem escolar de permittir promoções só em épocas determinadas e annualmente, fazendo com que retardados e normaes caminhem no mesmo passo — Necessidade de fazer o alumno trabalhar em classe, para que se verifiquem os seus processos de trabalho e principalmente si sabe ou não estudar.

6.ª *aula*

Na aula final, a senhorinha Benedicta Valladares Ribeiro tratou do professor e de sua perso-

nalidade, fazendo largo commentario sobre aquellas virtudes que a formam e integram. São as seguintes, na sua opinião, as condições para ser uma bôa professora: 1.ª, cultura geral; 2.ª, conhecimentos technicos, que se resumem no conhecimento da creança, da technica de ensino e da finalidade da educação; 3.ª, personalidade.

Esta é, assim, resultante do conjuncto de qualidades proprias do bom professor. Em torno dessas qualidades muito se tem discutido. Interessantes inqueritos levados a effeito nos Estados Unidos assim determinam as dez primeiras qualidades de uma bôa professora: 1.ª, affabilidade; 2.ª, apparencia; 3.ª, optimismo; 4.ª, dignidade; 5ª., enthusiasmo; 6.ª, belleza; 7.ª, sinceridade; 8.ª, sympathia; 9.ª, vitalidade; 10.ª, cultura.

—

Tests

1.ª *aula*

Iniciando o curso de tests, a professora Maria Luisa de Almeida Cunha versou a materia constante deste resumo:

O que é test — Para que serve — Quantas especies ha.

I — *Observação* — Mostrar o graphico de edade chronologica da classe analphabeta.

Obter que as alumnas deprehendam da observação desse quadro:

1 — a grande oscillação de edade chronologica dessa classe;

2 — causas;

3 — consequencias dessa heterogeneidade;

a) para o alumno de ordem (moral e aproveitamento).

b) para a professora.

Chegar á conclusão da necessidade de um elemento capaz de investigar a intelligencia (o test mental) para o rendimento maximo de trabalho com o minimo de esforço.

II— *Associação* — I — Abordar rapidamente as opiniões correntes sobre a intelligencia.

a) Stern.—"Adaptabilidade geral a novos problemas e condições de vida."

b) Kohs — "Actividade analytico-synthetica, que pode ser considerada a propriedade fundamental caracteristica de todos os tecidos irritaveis e mais notadamente o nervoso."

c) Binet — Admittia uma intelligencia funccional com tres factores essenciaes: direcção, adaptação e critica.

d) Mac Call—Avalia a intelligencia pelo numero de associações que uma noção é capaz de despertar.

e) Thomson — Capacidade de organizar no momento proprio para cada caso o "conjuncto" necessario para resolvel-o.

f) Pressey — "Aptidão geral para aproveitar o ensino".

g) Não philosophar sobre estas definições; acceitar como um facto consummado que ella existe e pode ser medida.

2 — Rapido historico dessa preoccupação de investigar as aptidões dos individuos:

a) astrologia;

b) physionomia: Lavater, 1775;

c) forma do craneo (Gall, 1810. Lombroso);

d) forma da escripta (Galton);

e) Cattel, 1890 (Estados Unidos);

f) em 1896, Binet, num artigo da "Année Psychologique", critica aos seus antecessores a importancia excessiva attribuida ao psychismo inferior e finalmente,

em 1905, lança sua "escala metrica de intelligencia" em collaboração com Th. Simon. Conclusão: um test só tem valor, quando graduado;

g) diffusão do methodo: Decroly, Descœudres, Burt, Porteus, Terman, Thorndike, Goddarad.

Isaias Alves (Binet-Simon-Burt) (Bahia).

Lourenço Filho (São Paulo).

Paulo Maranhão (Districto Federal).

Baker-aqui.

3 — Finalidades dos tests: pesquisa de conhecimentos em relação á edade.

a) conhecimentos não escolares — test mental.

b) conhecimentos escolares — test pedagogico.

III —*Expressão* — Abstracta-oral: obter que um ouvinte reproduza de modo succinto o que foi dito.

Actividade (em casa).

Leitura dos seguintes capitulos:

1 — A intelligencia — (cap. V. "Les idées modernes sus les enfants". Binet).

2 — Como medir o que não se conhece? etc. (Cap. V. "Tests". Medeiros e Albuquerque).

2.ª *aula*

Foi esta a materia ventilada pela professora em sua segunda lição:

Test mental — Sua natureza — Emprego na escola — Utilidade.

I — Observação — Distribuir exemplares do test de Binet. (Revisão americana de Terman).

Ler e salientar que a comprehensão das perguntas ahi contidas nada tem a ver com a instrucção recebida na escola. Essa comprehensão suppõe, entretanto, uma aptidão tão complexa quanto a que é exigida nos trabalhos escolares da mesma edade.

II — Associação — I — Tests mentaes individuaes:

a) Os tests mentaes visam medir a aptidão de aproveitamento do ensino (intelligencia geral ou global).

b) As determinantes da 1.ª escala metrica de intelligencia (Binet e Simon) elucidam esta finalidade.

c) Difficuldades na applicação desse test:

1) tempo;
2) material;
3) treinamento;
4) tino especial.

c) convém empregar a escala de Binet:

1) quando ha necessidade de estudar creanças de temperamento especial ou muito atrazadas;

2) exame de creanças muito novas;

3) verificação de tests collectivos cujos resultados pareçam dubios.

e) Revisões dos tests de Binet (Kuhlmann, Herruing, Cyril Burt, Terman, Isaias Alves.

f) Outros tests individuaes (não verbaes); tests de "performance".

g) tests para analphabetos: "Chegue até a porta".

2 — Tests mentaes collectivos.

A. Requisitos para sua construcção:

a) o examinando poderá annotar suas respostas em vez de dal-as oralmente;

b) annotal-as com dispendio *minimo* de tempo;

c) correcção uniforme mesmo por pessoas não especialistas.

B. Resultado da applicação dos tests collectivos na organização do exercito americano: 212 res-

postas de 500 pessoas em 50 minutos!

C. Utilidade dos tests collectivos:

a) controlar e melhorar a distribuição dos alumnos;

b) orientar os alumnos nos estudos;

c) avaliar o capital humano que a Escola vae manejar.

D. Inferioridade dos tests collectivos em referencia aos tests individuaes.

Conclusões: a) Os tests auxiliam a professora a formar o criterio sobre os alumnos;

b) medem a capacidade de aproveitamento do ensino;

c) attitude da professora deante de uma nota baixa de seus alumnos em test mental.

III — Expressão: — (escripta) formular duas objecções ao assumpto desta aula.

3.ª *aula*

A materia explanada pela professora está contida no seguinte schema:

O test mental para analphabetos, empregado pelo professor Simon no grupo escolar "Pedro II"

Exercicio preliminar:

I. *Observação* — Mostrar o test "Chegue até á porta".

1. Expor os graphicos referentes a esse test e construidos com a documentação colhida nos grupos escolares da Capital.

2. Os quadros estatisticos de percentis.

II. *Associação* — Analyse dessa documentação.

A — difficuldades encontradas:

a) na colheita de dados (edade chronologica exacta; attitude do testador).

b) na contextura de test (ainda não bem adaptado).

B — vantagens de seu emprego;

a) rapidez.

b) facilidade de material.

C — conclusões:

a) o test é valido para nossas creanças de 6, 7 e 8 annos.

b) o test não é fidedigno para os repetentes e mais velhos.

III. *Actividade* — a) Applicar este test a uma creança.

b) annotar as respostas.

c) utilizar a escala apropriada.

d) transportar para o graphico.

Organizar uma lista de:

10 mercadorias, dizendo onde se compram.

10 profissões conhecidas no logar em que mora.

10 aves communs no logar em que mora.

10 insectos communs no logar em que mora.

4.ª *aula*

Summario:

O que é percentil; mediano; quarto superior, quarto inferior — formula da fila:

$$F = 1 + \left(p \frac{n - 1}{100}\right).$$

A ogiva de Galton; origem — applicação.

Percentilagem — Vantagens:

Para a professora:

A) sondagem dos conhecimentos adquiridos.

B) diagnostico dos pontos fracos.

a) incisivo;

b) rapido.

C) ensino correctivo por meio de exercicios systematicos.

Para a directoria:

A) Nivelamento das classes.

B) Comparação do rendimento do ensino entre as classes.

C) Apreciação imparcial do valor do pessoal docente.

D) Investigação das desegualdades encontradas afim de corrigil-as.

E) Fundamentação do criterio sobre os methodos adoptados.

5.ª *aula*

Do emprego dos tests.

I. O modo de emprego dos tests deve ser estandardizado.

a) A applicação deve ser estrictamente conforme á instrucção dada pelo autor-Motivos.

b) tempo:
inicio;
fim.

c) correcção.

d) ambiente favoravel.

II. Factores que influem sobre o resultado do "test".

a) situação de edade.

b) a época do anno em que o test é administrado.

c) situação mental da classe.

III. Difficuldades de interpretação dos resultados dos tests.

Difficuldades de applicação.

IV. Valor educativo para o alumno e para o professor.

6.ª *aula*

Versou essa aula sobre tests de instrucção ou de conhecimento escolares.

Foi este seu summario:

Tests de instrucção:

Estudo para adopção de um test:

Natureza.
Commodidade de emprego.
Utilidade.

Tests de arithmetica:

Conjuncto.
Diagnostico de calculo.
Raciocinio ou problemas.
Correcção de exercicios.

Exemplos:

Serie Cleveland.
Serie P. Maranhão.
Serie A. Binet, etc.

Commentarios.

Tests de Geographia:
Factos — memoria.
Causas — comprehensão.
Serie Bramon.
Exs.: Delgado de Carvalho.

7.ª *aula*

Tests de comprehensão:

Que se entende por comprehensão?

Modos de investigar a comprehensão:

Interpretação de gravuras.
Desenho para ser completado.
Tests de leitura.

I—Expressiva ou em voz alta. *Modos* de fazer a leitura. Dados para interpretação.
Conceito actual.

Valor nas classes principaes.
Leitura de syllabas.
Leitura de palavras.
Leitura de phrases.
Tempo.
Paradas ou hesitações.
Palavras lidas correctamente.

II — Leitura silenciosa ou mental:

1) Factor primordial no exito dos estudos.

2) Difficuldades que apresentam.

3) *Tests de conjuncto.*

Condição essencial de seu emprego — utilidade.

4) Tests de *diagnostico* de leitura mental — sua natureza, commodidade de emprego e utilidade.

5) A escala de vocabulario.

8.ª *aula*

Em sua ultima aula, a professora Maria Luisa completou o programma sobre tests, seu emprego, delicadeza de seu uso, altos serviços que prestam na diagnose da intelligencia da cultura dos alumnos.

Bosquejou, por fim, com habilidade o papel da professora mineira, para comsigo propria e para com o povo do nosso Estado, em hora como esta, de tamanha actividade no sentido da concretização da reforma de ensino Antonio Carlos-Francisco Campos.

Methodo e processos de ensino

1.ª *aula*

Coube á professora Luiza Valladares Ribeiro cuidar dessa parte do curso dando uma aula em torno do summario seguinte:

Methodos intuitivo, directo, activo — Processos e modos de ensino — Ensino pelo aspecto e pela acção.

O summario foi o abaixo transcripto:

Os methodos se reduzem a dois: deductivo e inductivo — Elles se traduzem por uma infinidade de formas e de processos de ensino — Methodo intuitivo, portanto, não obstante ser uma formula generalizada, mesmo em tratadistas, é technicamente uma expressão erronea — Intuição é observação, e observação é phase inicial e primordial da inducção — As creanças na edade do curso primario são incapazes da abstracção superior que se lhes exige —Ferrière affirma que as creanças de até 12 annos são inimigas de regras e de principios — O que se lhes deve dar é o ensejo de observarem longamente e livremente os factos e tirarem naturalmente as suas conclusões — Não ha processo de ensino, seja elle engenhoso como os jogos, que possa equivaler á observação directa das coisas.

2.ª *aula*

A these estudada foi: Intuição — Seu conceito — Seu valor.

Os pontos que a professora commentou são os que abaixo transcrevemos:

E' facil desenvolver o espirito de observação nas creanças: basta dar-lhes liberdade, porque ellas têm uma grande curiosidade de saberem todas as cousas, o que revelam na sua attitude inquieta e em suas perguntas continuas. O ensino intuitivo tem a grande vantagem de attender aos interesses infantis. Desperta e mantém a attenção das creanças — Sem elle, não levando em conta o interesse das creanças, a attenção só pode ser mantida ou pelo estimulo ou pelo castigo, duas soluções de todo em todo anti-pedagogicas. O ensino intuitivo suggere idéas e extirpa o verbalismo.

3.ª *aula*

A professora Luiza Valladares Ribeiro voltou a tratar da intuição, abordando a intuição indirecta, que consiste no ensino mediante quadros, gravuras, illustrações, representações de superficies de solidos geometricos, projecções luminosas, cinema, etc.

Negou a qualidade de intuitivo ao ensino feito através de mappas e graphicos, como ordinariamente se pratica entre nós.

Sublinhou, ainda uma vez, a forma por que os processos intuitivos favorecem a acquisição dos conhecimentos, enriquecendo o espirito de imagens e de impressões, interessando a creança com a apresentação da tarefa sob uma forma agradavel, aguçando-lhe o desejo de instruir-se e ensinando-a a observar.

Mas a intuição é apenas um ponto de partida do conhecimento, porque através della o espirito toma contacto com a materia e só pode assimilal-a pela actividade do alumno, por seu trabalho pessoal. E' esse o papel do ensino pela acção, que encontra justificativa na natureza da creança, nos seus interesses e nas suas tendencias.

Dando liberdade á creança para falar e agir, verificar-se-á a manifestação dessas tendencias e interesses, que Dewey classifica em quatro grupos: 1.° sociabilidade (tendencia de communicar impressões); 2.° curiosidade (exploração e explicação da natureza); 3.°, actividade physica (que se traduz em movimento e construcções); 4.°, expressão artistica (tendencia a construir mentalmente e a crear).

4.ª *aula*

Tendo assentado, na aula anterior, as quatro principaes tendencias das creanças, isto é, a sociabilidade, a investigação, a construcção ou actividade physica e o gosto pela arte, passou a professora a commentar uma por uma, mostrando que partido se tem tirado e qual se deve tirar de cada uma dellas em nossas escolas.

Assim, quanto á tendencia de communicar os seus pensamentos e sentimentos aos outros, que é tão propria da creança — vê-se que a escola não a tem sabido aproveitar, porque coage e embaraça essa tagarellagem util das creanças. E' excellente opportunidade para a educação, sobretudo no que concerne á linguagem. A escola deve não embaraçar, mas transformar-se no sentido de favorecer e satisfazer essa tendencia. Quanto ao espirito de investigação, necessidade de saber todas as coisas e explical-as bem, é excellente elemento para ser posto em jogo em muitas materias, como as sciencias naturaes, a geographia, etc. Quanto á construcção, necessidade de estar continuamente fazendo e fabricando alguma coisa, deve ser aproveitada nos trabalhos manuaes, em que se lhe dará direcção util e fecunda. A professora considerou largamente a methodologia dos trabalhos manuaes e como deve ser orientado esse ensino em nossas escolas, de modo a integral-o no curso, fazendo corpo e unidade com as outras materias. Quanto á tendencia artistica, que se revela a miudo na vida infantil, como rabiscos destinados a illustrar historias, dramatizações, etc., deve ser aproveitada para acquisição de conhecimentos e habilidades indispensaveis, num bom curso primario.

Accentuou, por ultimo, á professora que taes tendencias devem ser aproveitadas conjunctamente e que só aproveitando-as e só por intermedio dellas é que se pode fazer ensino de facto aproveitavel e efficaz.

5.ª *aula*

A professora Luiza Valladares Ribeiro discorreu, sobre o methodo de projectos. Criticou com vivacidade o ensino fragmentario e desinteressante e recommendou o alludido methodo como o adequado para incutir interesse e unidade ao ensino, por estar de

accordo com a psychologia infantil. Fez tambem larga critica da interpretação que vem tendo entre nós os centros de interesse, e em que realmente não se levam em conta os impulsos e tendencias naturaes das creanças.

Expoz as razões da adopção do methodo de projectos, inculcando-o como o melhor sob o ponto de vista do interesse, da motivação do estudo, da associação das materias e do aproveitamento simultaneo de todas as tendencias infantis.

Os projectos como emprehendimentos infantis, com um fim em vista, surgem naturalmente e em grande numero, mas cumpre escolher com cuidado os que offerecem maiores opportunidades de aprendizado.

A professora deu, ainda, numerosos exemplos de projectos, elucidando a maneira de conduzil-os para tirar delles todas as vantagens educativas. Não se esqueceu, por ultimo, de focalizar o papel que, nesse ensino, pode assumir o ambiente familiar da creança.

—

Instituições escolares

1.ª *aula*

A professora Amelia de Castro Monteiro occupou a attenção das docentes, discorrendo sobre as materias constantes do seguinte summario:

Considerações geraes — A concepção moderna de educação — Os fins da educação e a necessidade de socializar a escola — Utilidade das instituições escolares.

Podemos fixar, assim, o resumo dessa interessante aula:

O conceito da educação como desenvolvimento. — Educação como acquisição de experiencias de modo a melhorar a conducta do individuo. — A escola não póde ter por fim apenas a transmissão de conhecimentos, mas tambem e principalmente a formação de cidadãos numa democracia. — As qualidades proprias de um membro de uma democrácia suscitam-se e desenvolvem-se através das instituições escolares. — As instituições escolares têm, pois, por objectivo preparar homens para viverem numa democracia. — Além desse objectivo, alcançam como consequencia grandes vantagens, desenvolvem a tolerancia, o respeito á personalidade alheia, o desprendimento pessoal, a cooperação, o senso da lei e da ordem, a confiança em si, a estabilidade emotiva, o desassombro, attitude intelligente deante da critica, serenidade na derrota, responsabilidade, iniciativa. — A democracia constitue verdadeiro organismo, cujas funcções incumbem aos cidadãos. — Estes, para bem exercel-as, precisam adquirir taes qualidades, e não as aprendem decorando preceitos de moral, mas praticando-as e vivendo-as.

2.ª *aula*

A aula girou em torno da seguinte these:

Objectivos e principios fundamentaes — Condições essenciaes para o bom exito das instituições escolares: collaboração dos professores, acção do director, obediencia aos principios fundamentaes, etc. — Problemas referentes á introducção das instituições escolares e sua administração. — Instituições praticaveis — Auditorium.

Os topicos versados foram estes:

Além do objectivo principal de preparar cidadãos proprios para uma democracia, as instituições escolares pretendem ensinar ás creanças a agir por si mesmas, prendel-as, pelo interesse, á

escola, dar-lhes sentimentos de lei e de ordem, tirar-lhes a timidez, alargar-lhes os interesses, desenvolver-lhes o julgamento, habitual-as ao trabalho em grupo, etc.

Em qualquer das actividades escolares, nota-se claramente o exercicio dessas qualidades. Exemplo vivo é o auditorium, instituição escolar de altos valores educativos e que o Regulamento actual contempla sabiamente. E' o auditorium uma reunião da escola para a apresentação dos trabalhos escolares. Abre ensejo a que os alumnos communiquem a todos os seus companheiros os seus trabalhos, as suas leituras, as suas experiencias e informações. Tomando parte nelles e expondo o que aprenderam, numa viagem, num passeio, em casa, lendo um livro ou ouvindo outra pessoa, a creança perde a timidez, exercita-se a exprimir com correcção e clareza os seus pensamentos, habitua-se a levar a sua contribuição á obra commum. Por outro lado, a creança que assiste ao auditorium aprende a portar-se nas assembléas, adquire attitudes correctas, cultiva a critica e o julgamento, exercendo-os com acerto e rectidão, e acostuma-se a applaudir as cousas dignas de applauso. O auditorium não deve ter caracter festivo. Pode ter a sua face humoristica, mas essa face não deve constituir todo o auditorium. Não pode perder o seu caracter de actividade escolar, isto é, actividade da escola, destinada a desenvolver nos alumnos aquellas virtudes fundamentaes de homem e de cidadão, já referidas na ultima aula.

3.ª *aula*

Continuando a falar sobre "auditorium", a professora descreveu varios typos dessa instituição, apontando os principaes defeitos que entre nós têm a mesma revelado. Assignalou a multidão de motivos que podem ser explorados para esse fim: projecções luminosas; habitação, illuminação, vestuario, e historia dos tres; relatorio oral de uma excursão; datas nacionaes, factos historicos, naração de historias, dramatização, musica, canto, dansas regionaes, concerto de victrola com discos escolhidos pelos alumnos, jogos, gymnastica, hygiene em seus principaes aspectos, como alimentação, agua potavel, etc.; acontecimentos locaes, homenagem aos homens notaveis, costumes regionaes, festas tradicionaes, demonstrações de trabalhos de varios clubs, como o de sciencias, apresentando trabalhos sobre arvores da localidade; exposição de productos do meio, etc.

Passou, depois, a discorer sobre a organização, recommendando o plano previo, reunião do maior numero possivel de alumnos, comparticipação espontanea das creanças e aproveitamento do trabalho das mesmas. Recommendou, ainda, que se devem evitar a lista interminavel de recitativos, conferencias e palestras acima da comprehensão dos alumnos, a falta de relação dos pontos do "auditorium" com o programma do ensino, cumprindo, ao contrario, que elles partam do programma e para elle voltem.

Frisou, entre os valores do "auditorium", a unificação da escola e a constituição do seu espirito.

Iniciou, por ultimo, o estudo dos clubs.

4.ª *aula*

A professora Amelia de Castro Monteiro, dando seguimento aos topicos do programma, estudou a organização dos clubs em geral, e particularmente do club de leitura. Determinou os fins deste e a fórma de organização adequada á consecução desses fins. Referiu varias sessões de club de leitura a que teve occasi-

ão de assistir nos Estados Unidos, accentuando as numerosas virtudes educativas que essa instituição contém. Frisou os principios fundamentaes dos clubs para que não degenerem em associações formaes, artificiaes e inefficientes: os alumnos encaram os clubs como clubs e não como instrumentos de educação, ponto de vista esse do professor; devem ter ampla liberdade, na eleição dos membros da directoria, na confecção dos programmas, na escolha das leituras a fazer, bem como na critica e no commentario dos leitores e das leituras.

Estudou o papel de orientador e de guia que cabe ao professor, o qual não póde suffocar a iniciativa e a espontaneidade das creanças.

Passou em revista, ainda, outros topicos, entre os quaes os seguintes:

Como se introduz a necessidade do club de leitura na classe primaria; embryão do club de leitura no 1.° e 2.° anno; meios de que o professor deve servir-se para renovar os themas de leitura; confecção de fichas-relatorios em que os alumnos summariem a sua opinião sobre os livros.

5.ª *aula*

Depois de commentar alguns principios fundamentaes para a boa organização dos clubs, como necessidade de creação e organização sentida e desejada pelas creanças, sua collocação dentro do horario escolar, espontaneidade e liberdade dos membros do club, — passou a professora a falar da bibliotheca escolar e de sua organização.

Enumerou e commentou largamente as vantagens da leitura em bibliotheca, o uso do livro como instrumento de cultura, como consulta para o trabalho, fonte de novos ideaes e alargamento de interesses. A maior dessas vantagens é o gosto e o habito da leitura, que permittirá aos alumnos augmentarem a sua cultura e efficiencia, por seu proprio esforço, depois que sahirem da escola.

Versou, entre outros, os seguintes topicos: Bibliothecario, condições que se exigem, sua funcção — O papel do professor quanto á bibliotheca — A bibliotheca da classe — A escolha dos livros — Meios de acquisição de livros para uso dos alumnos e dos professores: compra, doação, emprestimo — Como usar o livro — Attitude — Tomada de notas — O cuidado com os livros.

6.ª *aula*

Completando as suas considerações sobre bibliotheca e opportunidades que ella offerece para a educação das creanças, a professora observou que devem os alumnos tomar parte na sua organização e catalogação, bem como frequental-a quotidianamente.

Passou depois a tratar do museu escolar e da maneira de constituil-o. Estudou o papel que cabe aos alumnos na sua formação, arranjo e classificação. Mostrou como deve ser utilizado o seu material e, ainda, como seleccionar o vario e abundante material que a natureza nos fornece. Considerou a funcção do museu e a sua ligação com as diversas materias do curriculum primario, estabelecendo como fazer essa ligação.

—

Methodologia de Historia e de Instrucção Moral e Civica

1.ª *aula*

O professor Firmino Costa, na primeira aula da série que lhe foi confiada, commentou os seguintes topicos:

O commerciante e o professor

O commerciante é intermediario entre o productor e o consu-

midor. O professor é intermediario entre o auctor e o alumno. Um fornece mercadorias e o outro transmitte idéas.

Cumpre áquelle dividir a attenção pelos freguezes; a este releva dividil-a entre os alumnos. Um concentra a attenção nas transacções que effectua, tratando de garantil-as; o outro ha de concentral-a no trabalho didactico, cuidando de preparal-o. Si assim não procedem, o primeiro fica sem freguezes e o segundo sem alumnos.

O bom commerciante melhora o seu sortimento, e vae fazel-o de quando em quando numa grande praça commercial; o bom professor desenvolve a sua cultura e vae visitar de vez em quando um grande centro pedagogico. O primeiro realiza compras vantajosas, procurando os principaes fornecedores; o segundo faz acquisições uteis, indo ás melhores escolas, bibliothecas e livrarias.

A escripta de cada um delles deve andar em dia, limpa e correcta. Convem que elles tenham em perfeita ordem o seu archivo. Si um estabelece prazos de pagamento, o outro fará bem em determinar prazos de aprendizagem, tendo sempre em vista a capacidade, quer do freguez, quer do alumno.

O commerciante dá balanços annuaes e balancetes mensaes; o professor deve dar exames mensaes e annuaes; importa a ambos seguir de perto a vida de seus estabelecimentos. Desta fórma, o commerciante conhecerá o rendimento de seu capital; o professor tambem saberá o rendimento de seu ensino.

O commerciante cuida seriamente do negocio, esforçando-se por manter o credito, solver os compromissos, garantir o capital e promover a prosperidade do estabelecimento. Ao professor impende tomar o mesmo rumo, dando renome á escola, educando a classe, tornando-se cada vez mais culto, vindo a ser um dos homens representativos da cidade.

Instrucção e educação

Instrucção é meio educativo; educação é o fim a que a instrucção deve visar. "A instrucção não passa de uma ferramenta, disse Charles Wagner; tudo depende do operario que se serve della".

O operario foi capinar a horta e cortou os morangueiros todos: serviu-se mal da enxada. Sob uma bella fórma, o escriptor produziu um livro immoral: deturpou inteiramente o valor da instrucção.

"Não posso fazer idéa da educação sem instrucção, escreveu Herbat; e inversamente, não reconheço instrucção que não seja educativa.

"Educar consiste em partir do que é bom, nota Ferrière, afim de conduzir para o que é melhor". Instruir, digo eu, é illuminar esse caminho.

"A educação é o preparo de um cidadão de uma sociedade civilizada", affirma Richard. A instrucção e a educação completam-se para servir a sociedade.

"A educação, define Dewey, é a socialização do individuo em toda a sua maneira de encarar e utilizar a vida". A instrucção deve estar ás ordens da educação.

Através de cada disciplina, veja o professor as palavras *instrucção e educação,* que assim se traduzem: saber, sentir e realizar.

O ensino da leitura

1. Disse o dr. Francisco Campos: "Na escola é que se tem de operar o milagre do aprendizado da leitura, o maior de todos, porque é a chave dos demais".

2. São palavras de Victor Hugo: "Uma alimentação de luz, eis o de que precisa a humanidade. A leitura é o alimento".

3. O analphabetismo é um peccado original: o aprendizado da

leitura é o baptismo escolar para eliminal-o, descortinando ao espirito do alumno um novo mundo.

4. A bem do ensino da leitura, conviria instituir *cartões de alphabetização*, artisticamente impressos, em cada um dos quaes o professor escrevesse o nome do alumno alphabetizado e os numerasse, datasse e assignasse. Esse documento, entregue na aula ao alumno com certa solemnidade, seria a *certidão do baptismo escolar*, que egualmente attestaria, em sua ordem numerica, a quantidade de alumnos alphabetizados pelo professor.

5. Comece o professor o ensino da leitura por despertar o interesse dos alumnos, narrando bonitas historias e recitando bellas poesias de livros que lhes apresentará, cada um por sua vez, e que elles naturalmente desejarão ler mais tarde. Isto servirá de apperitivo para a leitura.

6. Ensine a ler pelo processo ideo-visual, estudando, pelo menos, "O methodo Decroly", de Amelie Hamaïde, do qual existe traducção em portuguez.

7. Preste attenção ás palavras de Claparéde no prefacio desse livro: "Que cada qual busque inspiração no espirito profundo do methodo Decroly, mas conservando-se livre — respeitando embora as grandes leis do desenvolvimento mental e da psychologia infantil, que não se podem transigir impunemente — para realizal-a por meio de suas proprias aptidões".

8. Inspire aos alumnos o amor da leitura, dando-lhes exemplo desse amor, reflectido nas lições que lhes ministra.

9. Faça-os adquirir o habito de ler, preferindo a leitura silenciosa e estabelecendo para esse fim a "hora da bibliotheca".

10. Installe a bibliotheca na sala de aula, apenas uma estantezinha, si mais não puder ser, com livros escolhidos.

11. Seja a bibliotheca o movel mais bello da sala de aula.

12. Consigne o professor, periodicamente, os resultados do ensino da leitura: tantos alumnos que aprenderam a ler em tal tempo; outros em tantos mezes, e assim por deante. Desta forma conseguirá, em occasião opportuna, determinar a média do tempo necessario para aprender a ler.

13. Completando a estatistica precedente, declare o professor a que causas attribue o atrazo em leitura de taes e taes alumnos: a elles proprios, ao processo de ensino, á cartilha adoptada, etc.

14. Invente meios de tornar a leitura uma das occupações predilectas dos alumnos, tanto nos dias lectivos como nos dias feriados e nas ferias.

15. Estude as melhores cartilhas existentes em nossa lingua, e verifique qual a que deve ser preferida, dando ao poder competente a sua opinião fundamentada.

16. Faça annualmente uma estatistica relativa á frequencia da bibliotheca: quantos alumnos a frequentaram com regularidade, que obras foram lidas por este e por aquelle, etc.

17. Institua como unico premio escolar "o livro", com a respectiva dedicatoria.

A leitura e a arvore

Aprender a ler é como que plantar uma arvore.

A leitura está para o espirito como a arvore para a terra.

A arvore valoriza a terra; a leitura valoriza o espirito.

A leitura instrue, é alimento intellectual.

A arvore dá fructos, é nutrição para o corpo.

A leitura é como uma das fontes mais puras de prazer.

A arvore dá-nos prazer á sua sombra deleitavel.

A leitura moraliza, socializa o homem.

A arvore purifica o ar que nos fortalece.

Aprender a ler e não ler é privar-se de uma riqueza.

Plantar a arvore e desprezal-a é perder o trabalho.

Aprender a ler é para ler, para nutrir o espirito.

Plantar a arvore e tratar della é fazel-a beneficiar-nos.

A arvore, por meio de suas folhas verdes, absorve da irradiação solar a energia que alimenta a vida.

A leitura, franqueada pela escola e pela imprensa, assimila as lições que abrem novas estradas ao progresso.

2.ª *aula*.

O summario da segunda aula póde ser assim levantado:

1 — Estudo da historia:
2 — Exemplo de um resumo.
3 — Exemplo de uma synopse.
4 — Quadros historicos.
5 — Calendario escolar.
6 — Utilidade do ensino da historia.

O professor Firmino Costa suggeriu ás professoras, inicialmente, uma pequena bibliographia de historia, que reproduzimos:

Rocha Pombo, Historia Universal.

Programma do Ensino Normal de Minas (programma de historia muito suggestivo).

João Ribeiro, Historia do Brasil, curso superior.

Rocha Pombo, Historia do Brasil, curso secundario.

Sylvio Romero, Historia do Brasil.

Rodrigo Octavio, Festas Nacionaes.

Affonso Celso, Porque me ufano do meu paiz.

Lucio José dos Santos, Historia de Minas Geraes.

Rocha Pombo, Nossa Patria.

Monographias e biographias diversas.

A antiguidade

Como exemplo de estudo da historia universal, apresentou este resumo sobre a antiguidade, extrahido de um capitulo de Francisco Boliée, a que accressentou algumas linhas:

"O Egypto e a Chaldéa apparecem sós, distinctamente, no começo do mundo antigo, como planetas isolados, gravitando pelo espaço, no seio da noite universal. Todo o restante dos homens é de certo modo nullo para nós: passaram como sombras que não deixam vestigios. Por mais longe que penetrem as hypotheses eruditas, ellas não pódem remontar além desses povos, cuja existencia funda-se em factos positivos.

Quando a historia principia, o Egypto já está de posse de uma grande civilização. O povo agricultor conhece a vinha e o trigo, possue armas de defesa e utensilios de industria, utiliza-se do ferro, irriga e cultiva o campo. No periodo heroico, os seus estados são multiplos, a unidade delles inaugura a era historica. O Egypto foi subjugado pela Persia. Nunca mais obteve a sua antiga independencia: dos persas passou para o dominio dos gregos e depois para o dominio romano.

Os primeiros habitantes da Chaldéa ahi se estabeleceram cerca de 4.000 annos antes de Christo. O mais proeminente dos reis do antigo reino chaldaico chamou-se Sargon I. O paiz organizado por elle e seus successores foi tomado pelo rei do Elam, região a noroeste da Chaldéa.

Enfraquecido o prestigio elamita, os assyrios, a principio tributarios dos chaldeus, conquistaram a Chaldéa, cuja civilização adoptaram. Com a victoria do rei da Babylonia sobre os assyrios, cujo imperio durou quasi sete seculos, surge o novo imperio chaldeu ou babylonico, que pouco depois a Persia conquistou.

Taes os primordios da civilização no mundo oriental, antes da

grande lucta e confusão dos povos (egypcios, phenicios, phrygios, assyrios e hebreus), que precede o dominio persa.

No extremo oriente, longe do Egypto e da Chaldéa e sem relação com elles, os habitantes da China e da India proseguiam phases desiguaes de desenvolvimento.

A civilização chineza, bastante rica de promessas nos principios de sua historia, infelizmente deixou de ir muito além da realização momentanea.

O fóco mais brilhante e mais extenso da civilização oriental foi a India, a India antiga. Habitavam-na os arias, povo que é um dos dois ramos principaes da raça branca, sendo o outro os semitas. Elles chegaram do noroeste da Asia e submetteram os primitivos habitantes da India. O caracter essencial dessa raça é a sua superioridade pela organização social e pelo progreso. Ella estabelece a supremacia do mundo, vindo constituir os povos da Europa actual, para onde immigrou. Mas os arianos que ficaram na Asia, devido a varias causas, não attingiram o progresso de seus irmãos europeus.

O creador da historia universal foi Herodoto, que pertence á literatura grega e é justamente cognominado "o pae da historia". Outros dois grandes historiadores gregos são Thucydides e Xenophonte. O maior historiador romano é Tacito, o qual, mais do que nenhum outro, contribuiu para elevar e fortalecer o pensamento humano.

"Na sua mais alta accepção, a Historia não é menos que a sciencia da civilização humana desenvolvendo-se através dos tempos". Assim se expressa Rocha Pombo em sua "Historia Universal", que merece ser lida pelo professorado".

Synopse da Historia do Brasil

O professor divulgou, depois, a seguinte synopse da Historia do Brasil:

Primeiro seculo (XVI):

I — Descobrimento da America. Colombo.

R. Pombo, Historia do Brasil, curso secundario, 12.

R. Octavio, Festas Nacionaes, 13.

S. Roméro, Historia do Brasil, 27.

II — Descobrimento do Brasil. Cabral.

J. Ribeiro, Historia do Brasil, curso superior, 36.

Lições organizadas por Firmino Costa.

III — Caramuru' e João Ramalho.

J. Ribeiro, Idem, 51.

R. Pombo, Idem, 25.

IV — Martim Affonso de Souza.

R. Pombo, Idem, 33.

V — Indigenas do Brasil.

R. Pombo, Idem, 40.

VI — Thomé de Souza.

J. Ribeiro, Idem, 101.

R. Pombo, Idem, 60.

VII — Padre Manoel da Nobrega.

A. Celso, Porque me ufano do meu paiz, 129.

VII — Duarte da Costa.

J. Ribeiro, Idem, 105.

R. Pombo, Idem, 66.

IX — Padre José Anchieta.

J. Ribeiro, Idem, 120.

S. Roméro, Idem, 58.

X — Nicolau de Villegaignon

J. Ribeiro, Idem, 137.

R. Pombo, Idem, 70.

XI — Mem de Sá.

J. Ribeiro, Idem, 143.

R. Pombo, Idem, 73.

XII — Confederação dos Tamoios.

R. Pombo, Idem, 76.

XIII — Dominio hespanhol.

R. Pombo, Idem, 88.

XIV — Situação do Brasil em 1580.

R. Pombo, Idem, 91.

Quadros escolares

Exemplos fornecidos pelo professor, de resumos e quadros escolares:

Em 9 de março de 1500, reinando em Portugal d. Manoel, partiu de Lisboa com destino á India, uma expedição composta de treze navios, sob o commando do almirante portuguez Pedro Alvares Cabral. A expedição constava de mil e quinhentos homens, achando-se supprida no necessario para dezoito mezes, tanto em armas como em provisões de bocca.

A's tres horas da tarde de 22 de abril de 1500, Pedro Alvares Cabral e seus companheiros avistaram um monte muito alto, outras serras mais baixas e alguns mattos. Aquelle foi denominado Monte Paschoal e deu-se á terra o nome de Vera Cruz, depois Santa Cruz, logo substituido pelo nome de Brasil.

A armada de Pedro Alvares Cabral esteve no Brasil até a manhã do dia 2 de maio de 1500. Um dos navios voltou a Portugal, levando ao rei d. Manoel a noticia do descobrimento e bem assim dois indios. Os primeiros indios, que se encontraram no Brasil, eram mansos e pertenciam á tribu dos Tupiniquins.

—

A villa de S. Vicente, perto da cidade de Santos, é a primeira povoação creada no Brasil, em 22 de janeiro de 1532, por Martim Affonso de Souza, que fundou a mesma para servir de centro a toda a obra colonial que se iniciava, e de séde do governo e administração dos novos dominios.

—

A cidade de Santos, no Estado de S. Paulo, foi fundada pelo colono portuguez Braz Cubas, em 25 de setembro de 1536.

Thomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, fundou em 1.º de novembro de 1549 a cidade da Bahia ou S. Salvador, que foi capital da America portugueza por mais de duzentos anos, até 1763.

—

A cidade de S. Paulo teve principio em 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de S. Paulo, quando foi celebrada a missa na povoação nascente.

—

A cidade do Rio de Janeiro foi começada em março de 1565 por Estacio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, terceiro governador geral do Brasil.

—

Modelo de calendario escolar

Abril

1. Expede-se, em 1680 a carta de lei abolindo a escravidão dos indigenas no Brasil.
2. Em 1872 morre Samuel Morse, inventor do telegrapho.
3. O governo federal adquire, em 1896, o palacio do Cattete, que se tornou residencia do Presidente da Republica.
4. E' creada, em 1839, a Escola de Pharmacia de Ouro Preto.
5. Funda-se, em 1809, a primeira fabrica de ferro do Brasil, no morro do Pilar, Estado de Minas.
6. Em 1838, fallece José Bonifacio, o patriarcha da Independencia do Brasil, que assim definiu a arte de governar: "A san politica é filha da moral e da razão".
7. Dia consagrado ao Rio Grande do Norte: data da Constituição Estadual.

3.ª *aula*

Foi esta a materia da aula:

O ensino da historia

1. *Da vida do alumno á historia local.*

Começará o ensino primario da historia pela vida do proprio alumno, que é o que naturalmente mais o interessa. O primeiro ponto versará sobre "o dia de hontem", um passado muito proximo e por isso mesmo muito presente á sua memoria. Respondendo a perguntas dirigidas pelo professor, o alumno narrará o que fez naquelle dia. Não se trata de uma unica aula, mas de diversas, algumas concernentes ao domingo ou dia feriado. A segunda aula referir-se-á á casa de morada do alumno, sem nenhum intuito de elogio ou de depreciação por parte do professor. A terceira terá por assumpto os vizinhos da casa e a rua onde ella se acha situada. A aula subsequente será relativa á vida familiar, aos amiguinhos do alumno, aos trabalhos domesticos, aos parentes e amigos da familia, ás visitas que são trocadas entre elles. A outra aula consistirá na vida escolar, nos trabalhos do alumno, na sua convivencia com o professor e os collegas. Recairá a sexta aula sobre as demais escolas, caso se trate de grupo escolar. A setima dirá respeito á vida do alumno na séde escolar, destacando-se os logares desta que elle mais frequenta. Na seguinte tratar-se-á dos brinquedos e das festas em que elle toma parte. A nona aula apresentará de modo geral o meio social do alumno, isto é, a familia, a escola e a localidade. Na decima aula, o professor verificará a que alumnos esse meio é favoravel e a que outros é desfavoravel, registrando para seu uso esta verificação. São dez pontos preliminares da historia local.

2. *A collaboração social do alumno e de seus antecessores.*

Assumptos de aulas: parte do alumno na vida familiar e na vida escolar como elemento util a ambas: o valor da familia e da escola como protectoras do alumno; a influencia perniciosa da rua, cuja organização ainda não offerece o devido apoio á creança; a significação integral das palavras *alumno, classe, escola, collega* e *colleguismo;* o quadro dos diplomados da escola; a historia de alguns antecessores do alumno: um que é professor, medico ou negociante, outro pedreiro, carroceiro ou operario, outro alumno da escola normal ou caixeiro; convite a um dos antecessores para ir á aula conversar com os alumnos; o futuro do alumno dependendo de sua vida actual; as recordações agradaveis e honrosas que elle deve guardar para o futuro.

3. *Notas historicas tomadas pelos alumnos.*

Taes notas, muito concisas por causa do pouco desenvolvimento da classe, poderão ser aproveitadas para a aula de escripta. Será um meio de tirar a esta o seu caracter exclusivamente mechanico, pode-se dizer, escrevendo o alumno frases expressivas para si, retalhinhos que pertencem á sua vida, taes como os seguintes: assisti hontem á inauguração do mercado; tomei parte ante-hontem na festa da bandeira; no dia 10, o grupo escolar recebeu um piano; foi baptizado no dia 15 meu irmãozinho Virgilio; cumprimentei hoje a professora pelo seu anniversario.

4. *A observação da vida local.*

Compõe-se esta de muitas vidas uteis, quaes sejam a vida do pae e da mãe de familia, a do professor, a do medico, do commerciante e do caixeiro, a do operario, da costureira, lavadeira, cozinheira, etc. Reparem os alumnos nos serviços attinentes á conservação, hygiene e ordem da cidade, como a limpeza e o calçamento das ruas, o abastecimento de agua potavel, a illuminação publica, o fornecimento de viveres, o policiamento, etc. Conheçam elles o juiz de direito, o presidente da Camara, o vigario, o delegado de policia, o inspector escolar, os directores do grupo, es-

cola normal, gymnasio e collegio, bem como outras auctoridades.

5. *A historia da séde escolar e seu municipio.*

Podem ser tratados estes pontos: a fundação da localidade e a origem de seu nome; as familias mais antigas do logar; os costumes do passado e do presente; as construcções antigas e as modernas; uma casa em ruinas; os caminhos novos e velhos; a edificação da egreja matriz e a creação da freguezia; a primeira escola publica; a installação do grupo escolar ou escola frequentada pelo alumno, assim como da caixa escolar; o estabelecimento da escola normal ou gymnasio; a creação do municipio e a primeira Camara Municipal; a elevação á categoria de cidade; a historia das ruas principaes; a instituição da festa da cidade; a publicação do primeiro jornal e seus redactores; narração historica de melhoramentos, como a canalização d'agua, a luz electrica, o jardim publico, a arborização das ruas, a casa de misericordia, a agencia do correio, a viação ferrea, o telegrapho, o telephone, a linha de bondes, a estrada de automovel, a estrada commum, o cinema, a fabrica, o hotel, o theatro, etc.; a biographia de alguns benemeritos locaes já fallecidos.

6. *A historia e a geographia local.*

Formam ambas um todo inseparavel, para cujo estudo são imprescindiveis as excursões bem planejadas. Faz-se necessaria a elaboração de um programma de excursões para cada localidade. A séde escolar é um magnifico museu, que o professor precisa de conhecer e *catalogar* para ser aproveitado no trabalho didactico. Escrevam-se as ephemerides ou a historia do municipio, e organizem-se quadros historicos e chorographicos do mesmo.

7. *Meios intuitivos para o estudo da localidade.*

Lembro os seguintes: excursões escolares; taboleiro de areia; objectos de valor historico ou modelos dos mesmos; galeria de retratos dos bemfeitores locaes; planta do grupo escolar e da localidade; mappa do municipio; instituição da festa da cidade; dramatização de passagens historicas; quadro dos diplomados da escola; photographias, gravuras e diagrammas; collecção de jornaes do logar; amostras de productos do municipio.

8. *A sala do municipio.*

Nova instituição que merece ser creada nos grupos escolares. Ao mesmo tempo será museu e archivo da historia e chorographia do municipio, assim como exposição de seu progresso actual. Constituirá um centro de informações referentes ao municipio, um guarda das tradições locaes, um laboratorio de pesquisas e estudos municipaes, preenchendo a grande falta ora existente, que deixa esquecidas a historia e a chorographia locaes.

9. *Trechos concernentes ao meio social do alumno.*

Extrahidos de meus escriptos:

— "O amor da familia! Elle desabrochou para vós, como uma linda flôr, no coração de vossas mães, antes que tivesseis nascido; elle vos alimentou carinhosamente no seio materno; elle vos embalou o berço por entre ondas de ternuras e caricias; elle vos encaminhou os primeiros passos radiantes de prazer e de meiguice; elle quem vos ensinou a falar, a dirigir orações a Deus, a conservar a pureza do coração, a frequentar a escola, a seguir o bom caminho do dever e da dedicação; elle quem vos fará comprehender as responsabilidades da existencia e aspirar a um nobre ideal na vida".

—"Si na sociedade nem sempre se encontram o bem e o justo, na escola elles devem sempre se encontrar, unindo professores e alumnos em fortes laços de sympathia. Quanto mais se fizer para o aperfeiçoamento da escola, tanto mais ter-se-á feito para garantir o progesso da patria."

— "Como haveis de ser indifferentes ao progresso local, si delle depende a organização de vossa vida? O meio social é uma das condições da felicidade, e o concurso, que prestaes para o seu melhoramento, por si só vos dará prazer. Fazeis parte da cidade desde pequenos, e de ora em deante não podereis de todo desertar o vosso posto. Alumnos que sois agora, mais tarde occupando qualquer posição social, procedei sempre como verdadeiros cidadãos."

10. *Um bello trecho do "Coração", de De Amicis.*

"Estuda as ruas, estuda a cidade onde vives; si amanhã fores forçado a deixal-a, has de alegrar-te tendo-a bem presente na memoria e podendo percorrel-a toda com o pensamento. A tua cidade, tua pequena patria, aquella que foi por tantos annos o teu mundo, onde déste os primeiros passos ao lado de tua mãe; onde experimentaste as primeiras impressões; onde primeiro chorasste e abriste o espirito ás primeiras idéas; onde emfim tivesste os primeiros amigos; essa foi mãe para ti; instruiu-te, protegeu-te. Estuda-a nas suas ruas e na sua gente, ama-a bem; e quando ouvires injurial-a, defende-a".

4.ª *aula*

A aula obedeceu ao seguinte plano:

1 — *Apresentação do Brasil á classe*

O professor traçará no quadro o mappa do Brasil, apenas com a linha de contorno. Ao lado, desenhará ou collocará o retrato de Pedro Alvares Cabral. Aqui está, dirá elle, o mappa do Brasil e bem assim o retrato de seu descobridor. Vou contar-lhes a historia do descobrimento de nosso paiz, occorrido no anno de 1500. E o professor narrará, em varias aulas, essa historia, que se extende desde as tres horas da tarde de 22 de abril até a manhã de 2 de maio, com todos os episodios interessantes que succederam nesses dias memoraveis e que já tive occasião de relatar em meu livro "O Ensino Primario".

Finda a narração, o professor consultará aos alumnos si querem represental-a na aréa de recreio, reproduzindo as scenas referidas. Terá então de dramatizar a narração, entendendo-se com os alumnos no melhor modo de fazel-o Quaes as personagens principaes e quem ha de desempenhar os seus papeis? Os alumnos escolherão aquelles que têm de ser Pedro Alvares Cabral, Nicolau Coelho, Affonso Lopes, Bartholomeu Coelho, Pero Vaz Caminha, o degredado Affonso Ribeiro, frei Henrique, Diogo Dias, Sancho de Toar, etc. Os demais alumnos servirão de marinheiros, soldados e indios. Os navios serão representados por objectos quaesquer.

Não haverá nenhuma enscenação especial, mas convirá haver algumas das cousas que fazem parte dos episodios, como o chapéo preto, a carapuça vermelha, o barrete, o papagaio, a gallinha, arcos e flechas ou objectos parecidos, etc. Nada de papeis decorados pelos alumnos, nada de artificialismo. Qualquer signal distinguirá Cabral, Caminha, frei Henrique ou outro. O que importa é ser a dramatização um trabalho pessoal da classe, uma opportunidade de revelar iniciativa e intelligencia, um meio de interesse pelo estudo da historia. O professor será um companheiro mais velho a collaborar com a classe, sem prender-se a minucias desnecessarias. O fim principal es-

tá na apresentação do Brasil ás creanças. E os retratos do Brasil, quero dizer os mappas, grandes e pequenos, figurarão por toda a escola, na sala de aula, na entrada do grupo, na forma do canteiro do jardim, no taboleiro de areia, em cartões, em lenços, etc. A escola toda será a propaganda do Brasil, a homenagem ao Brasil, a dedicação pelo Brasil, o trabalho em prol do Brasil.

2 — *A vida nacional*

Na escola primaria, a geographia é principalmente o Brasil, e a historia é a vida do Brasil. Este já foi apresentado á classe. O professor lhe mostrará agora como vive o nosso paiz: primeiro o presente delle, mais tarde o seu passado. A partida somente póde ser do ponto em que nós nos achamos. Brincando, os alumnos *descobriram* o Brasil; elles passarão a ver como os brasileiros organizam a vida nacional. De que fórma ha de o professor apresental-a?

Por meio da imprensa diaria, não existe modo melhor. A lição de historia será neste caso aula de imprensa. A principio, o professor escolherá no jornal, para transmittir aos alumnos, noticias expressivas da civilização e do progresso de nosso paiz, ahi incluido, especialmente o Estado de Minas. Depois dará á classe jornaes para ler, assignalando as noticias mais convenientes. Finalmente, deixará aos alumnos plena liberdade na escolha da leitura.

Não serão necessarios muitos jornaes, nem variedades delles. Bastará dispor de um grande diario do Rio e do "Minas Geraes", que o professor assigna. Quando seja impossivel ter os dois orgãos de imprensa, utilize-se apenas do "Minas". Nem se fazem precisos numeros sempre novos. Uns e outros servirão bem .

A leitura de jornaes equivalerá a uma iniciação para o estudo da historia patria. Lendo as noticias, os telegrammas, os artigos e os annuncios, na maior parte concernentes ao nosso paiz, a classe irá começando a comprehender a vida nacional, o movimento da sociedade, a acção administrativa, a marcha da civilização. O lado bom e o lado mau da nacionalidade passarão deante de seu espirito como fita de cinema deante de seus olhos, sem darlhe a perceber tudo, é verdade, mas exigindo-lhe um exercicio de attenção, um treino util ao estudo.

De outra parte, mais dia menos dia, surgirá a occasião propicia para o desejo de conhecer o passado, que constitue a historia propriamente dita. O mesmo jornal, que lê, terá a sua historia para contar á classe. Quando commemorou, por exemplo, uma data nacional, seja a de Tiradentes, ahi virá naturalmente a Conjuração Mineira com o seu grande martyr e com os outros chefes dessa conspiração patriotica contra o despotismo colonial.

Essa ou outra opportunidade despertará entre os alumnos o interesse de conhecer o passado da terra brasileira, quando a mentalidade delles já foi orientada nesse sentido pelos estudos precedentes. O ensino da historia não representará, dest'arte, um trabalho unilateral que o professor offerece á classe, mas uma collaboração que ella lhe traz no momento opportuno. Professor e alumnos estudaram a vida nacional e vão agora estudar a historia patria, sem deixarem de acompanhar aquella.

3. — *Programma de historia*

Em artigo ultimamente publicado prestei homenagem ao professor João Toledo, um dos nomes mais puros do magisterio brasileiro. O capitulo VIII de seu livro "Didactica" deve fazer parte da bibliographia que eu vos indiquei para o estudo da historia. O programma, ahi apresentado á pagina 253, contém os se-

guintes topicos constitutivos de um plano excellente para o ensino primario. Passo a transcrevel-o:

"1.º—A terra como a encontraram os descobridores, no viço quente de suas matarias e de suas campinas, povoada aqui e alli por tribus selvagens primitivas, alheias ao pastoreio e á agricultura.

2.º — Reconhecimento das costas e primeiras feitorias dos portuguezes; seu contacto com os indios; o mameluco; entradas pelos sertões em busca de escravos e de ouro.

3.º — Cultura incipiente da canna de assucar, cereaes e algodão; os engenhos e os curraes; a mineração, o trafico africano, o mulato, o regimen colonial.

4.º — A nacionalidade nascente, expulsão de invasores, augmento da riqueza, abertura dos portos e commercio externo; o Brasil reino, a independencia e a organização do paiz.

5.º — Actividade agricola e a vida nas fazendas e na cidade; abolição da escravatura e a proclamação da republica; a immigração extrangeira; o nascimento da industria fabril.

6.º — Centros principaes de actividade, communicação entre elles; typos sociaes caracteristicos, sua cultura — habitação, vestuario, alimentação; os selvagens remanescentes e os pretos; relações do paiz com o extrangeiro.

7.º — Organização administrativa actual, costumes politicos; a familia brasileira; nossos representantes maximos na sciencia, nas letras e nas artes; ideaes de nacionalidade.

Dentro destes topicos póde ser incluso o nosso programma official, interpretando-o, nas lições, de modo a imprimir-lhe a necessaria unidade, focalizada em quadros differentes com as figuras centraes bem definidas. O estudo, que vos recommendei em aula anterior, tornar-vos-á capazes de elaborar esse plano. Considerae o programma de historia como si fosse um dos canteiros do jardim escolar. Deve-se cultival-o continuamente, afim de trazel-o viçoso e bello, mas póde-se melhorar a disposição das plantas e mesmo tirar uma ou outra que esteja afeiando o jardim. O fim deste consiste no sentimento esthetico que o alumno adquirirá com o cultivo das flores.

Tambem a belleza do programma de historia estará na harmonia de suas linhas, que se dirigem aos sentimentos de patriotismo, de collaboração e de solidariedade, subordinando aos mesmos os interesses dictados pelo egoismo, pela vaidade, pela ambição e pela cobiça. Ensinar historia patria é ensinar patriotismo: de outra sorte será um trabalho inutil.

4. *Ensino da historia patria*

O interesse da classe pelo ensino da historia vem sendo cultivado desde o principio, desde a observação da vida do alumno. Por sua vez, o professor que preencheu o programma de historia local, que apresentou o Brasil ás creanças, e que com ellas conversou sobre a vida do nosso paiz, estará sinceramente interessado pela historia patria. A escola transformou-se assim em ambiente favoravel a essa importante disciplina, tornou-se escola verdadeiramente brasileira, veiu a ser uma particula do Brasil conscientemente ligada a elle. Cifra-se o mais numa questão de technica do ensino, que a cultura e o patriotismo do mestre saberão pôr em pratica.

A meu ver, o ensino da historia patria deverá consistir numa sequencia de biographias e de contos illustrados no quadro negro, seguindo a ordem chronologica, cada qual completo em seu contexto, ao mesmo tempo uns e outros relacionados entre si, como partes do grande todo que é a historia do Brasil.

De posse da materia, o professor preparará a lição, não como

uma obra literaria, o que, além de desnecessario, seria difficil, mas como uma narração clara, simples, significativa e attrahente da passagem historica. O modo de expor, os quadros apresentados, a voz e a expressão do professor, o assumpto da aula, tudo isso afastará a rotina e memorização de pontos incolores que se immiscuiram no ensino primario.

O importante está no trabalho pessoal do professor, donde derivará o melhor processo de ensino dentro dos principios pedagogicos que elle conhece. A aula equivalerá a uma construcção, em cujas peças penetrou o seu pensamento, e não um objecto feito por outrem, tomado de emprestimo, qual o ponto que elle recebeu preparado e que não lhe custou nenhum esforço intellectual.

O ponto bem organizado pelo professor será bem exposto por elle, bem comprehendido da classe, que na arguição, realizada segundo as regras, compensará o trabalho do ensino. O processo intuitivo, representado pelo retrato, pelo mappa, pelo quadro historico, pela dramatização, conforme se fizer necesario, auxiliado pelo questionario, pela synopse e pelas notas que se consignarem, tal processo, como parte integrante da aula, virá completar o ensino.

Ajuste-se á historia o que em uma de minhas aulas sobre a linguagem eu disse a respeito da arte de conversar e da arte de interrogar. Não irei repetir as considerações que fiz. Ellas se encontram na "Revista do Ensino". Si não collecionastes esse publicação, é ainda tempo de procurar fazel-o, pois que vossa bibliotheca a reclama.

Organizae o ensino da historia tão bem como qualquer dos outros. Para servir ao Brasil é que sois professoras. Gravae em vosso grupo ou em vossa escola esta inscripção: "Amar, honrar e servir a Patria".

5. *O estudo da historia entregue á classe*

As phases anteriores do ensino da historia patria auctorizam a sua *emancipação*. Entregar-se-á á classe a revisão da historia, que será feita na hora da bibliotheca e assim tambem em casa. Por si mesmos, os alumnos irão recapitular seus estudos historicos. Tres dos livros indicados para a bibliotheca do professor servirão a esse fim: Rocha Pombo, "Nossa Patria"; Sylvio Roméro, "Historia do Brasil"; Lucio dos Santos, "Historia de Minas Geraes".

Já no fim do curso primario, durante o ultimo trimestre, os alumnos lerão esses livros, sinão todos, ao menos os que puderem, tomarão notas, escolherão um assumpto e escreverão a prova escripta do exame, que tambem poderá versar sobre a historia local. Cada um escolherá o assumpto que quizer, conversará com o professor a respeito, irá escrevendo na aula a prova escripta, consultando o diccionario, os compendios e as notas, ao mesmo tempo que recordará os pontos da prova oral.

Haverá dessa fórma trabalho pessoal do alumno, e evitar-se-á essa uniformidade nas provas escriptas, que evidencia o inutil trabalho mecanico de decorar. O aprendizado será assim uma realidade, nascida do pensamento escolar, que livremente pegou do livro e leu á sua vontade, com o fim determinado de escrever sobre o thema que escolheu e de tomar apontamentos relativos aos pontos para o exame oral.

O maior problema escolar é actualmente o problema da bibliotheca. A escola primaria não póde ir longe, devido ás condições financeiras do Estado e á situação economica dos alumnos: necessitam estes, em sua grande maioria, de ganhar a vida desde cedo, e precisa aquelle de occorrer a multiplos serviços publicos.

Sem a bibliotheca, impossivel será erguer o nivel intellectual do povo, e dahi fazel-o comprehender melhor a cooperação social e a solidariedade social. Sozinha, a escola que temos fracassará na lucta contra a ignorancia; alliada, porém, que seja á bibliotheca, esta será sua successora legitima e permanente. O exemplo da União norte-americana, além de outros, ahi está patente para attestar o valor da bibliotheca na educação do povo.

O estudo da historia patria não póde continuar morno como até agora; urge esquental-o, fazel-o flammejar no espirito e no coração dos alumnos. Não se constróe uma nacionalidade com a ignorancia da sua historia, com a indifferença pelo seu passado. Os corpos dos constructores da nossa nacionalidade estão sepultados e carcomidos, não ha duvida, mas o espirito delles é chamma que illumina e é scentelha que abraza, uma e outra capazes de aquecer os nossos esforços na caminhada do progresso nacional.

O trabalho modesto, constante e methodico da professora, levando os alumnos até a posse da bibliotheca e especialmente até a posse da historia patria, formará homens e cidadãos novos, conscios de seus deveres e de suas responsabilidades perante esta patria magnifica, que é o Brasil.

O ensino da historia patria

1. Da vida do alumno á historia local.
2. A collaboração social do alumno e de seus antecessores.
3. Notas historicas tomadas pelos alumnos.
4. Observação da vida local.
5. A historia da séde escolar e seu municipio.
6. A historia e a geographia local.
7. Meios intuitivos para o estudo da localidade.
8. A sala do municipio.
9. Trechos concernentes ao meio social do alumno.
10. Apresentação do Brasil á classe.
11. A vida nacional.
12. O programma de historia.
13. Ensino da historia patria.
14. O estudo da historia entregue á classe.

5.ª *aula*

O professor Firmino Costa assim desenvolveu a materia da aula:

1 — *Instrucção e educação moral.*

"Conhece o teu dever e cumpre-o", disse Carlyle. "Conhece o teu dever" é a instrucção moral, "e cumpre-o" é a educação moral. São as duas faces da mesma vida, a theoria e pratica do viver, os meios e os fins da nossa passagem pelo mundo.

Outro escriptor assim se expressa: "Nada vale falar bem e pensar bem sem fazer bem". E' a supremacia da acção, confirmada por François Guex: "A acção, fonte de felicidade na vida, escreve elle, é tambem a condição do progresso na escola".

Não se quer com isso depreciar, nem de longe, a vida do pensamento, a vida intima, que constitue a base da felicidade ou da infelicidade pessoal. Além de que, o pensamento tende a realizar-se, a transformar-se em acção. Esta é mais social do que aquelle, porque lhe succede, porque o contém em si mesma.

A palavra de Marco Aurelio ainda se mostra mais incisiva: "O que importa é fazer bem o que se faz no momento presente". Este pensamento abre-nos caminho para o ensino da moral na escola primaria.

Mas, é commum dizer-se que "nas escolas não deve haver instrucção moral, pois a moral não se aprende nos livros, mas nos exemplos, e no habito de trabalho".

Em minha conferencia preliminar deste curso haveis de lembrar-vos, eu distingui claramente os sentidos dos termos *instrucção e educação*. A intrucção é o caminho para alcançar a educação, trate-se desta ou daquella disciplina escolar. O methodo, o methodo activo, digamos assim, conduz o educando ao fim do caminho certo. Por meio de exemplos ou por outro processo de ensino, tudo redunda em instrucção.

Demais, em que consiste a moral sinão no cumprimento dos deveres? Onde ha de o professor, por exemplo, conhecer seus deveres para poder cumpril-os, si não for num livro, que é o regulamento do ensino? Não se aprende a moral nos livros, ora, muito bem! então de que valem o "Evangelho", a "Imitação de Christo" e tantos e tantos outros livros em numero sempre crescente?

São os livros, como depositarios da sciencia, que nos ensinam tudo. Nem póde haver educação sem instrucção, e de outra sorte bastaria a ignorancia. A differença é que o livro de verdadeira sciencia e bem assimilado faz o mestre, e este, mediante methodos e processos apropriados, educa os alumnos, servindo-se da instrucção que possue.

Sendo educativo o ensino, como deve ser, todas as disciplinas concorrem para a educação moral, e com especialidade a disciplina que se chama *instrucção moral*. Não nos embaracemos com palavras, confundindo cousas simples e distinctas.

2 — *A preparação moral da professora*

Muitas de vós, prezadas professoras, devem possuir uma concepção da vida, que constitua a preparação moral para a vossa missão de educadoras. Não é para a vida que estaes preparando vossos alumnos? Si não tendes um plano de vida, como haveis de guial-os?

Em primeiro logar é forçoso que vos torneis senhoras de vós mesmas, emancipando-vos, libertando-vos de qualquer tutela, adquirindo personalidade propria. Isso nada tem com o feminismo. O que não se comprehende é que seja educadora uma ovelhinha medrosa, sem confiança em si, vivendo sob guarda de outrem, detendo-se deante de teias de aranha.

A profesora ha de palmilhar sem medo a estrada larga da civilização, lendo os livros dos grandes pensadores, conquistando para o seu pensamento a independencia intellectual, livrando-se de qualquer especie de servidão, premunindo-se contra todas as fórmas da intolerancia, do exclusivismo e da exterioridade.

Socializada inteiramente, não subordinando os seus actos a partidos, a seitas, a prevenções, a professora será o exemplo vivo da justiça, sem trazer para a escola as differenças sociaes, politicas e religiosas, mas, vendo em cada alumno uma alma em flor, que terá de fructificar no ambiente puro e salutar da escola.

Sem prescindir da elegancia e da gentileza, tão proprias da mulher, a professora precisa de manter a naturalidade nas suas maneiras, nos seus trajes, na sua voz, no seu rosto. Com esses excessos de exterioridade, produzidos pela moda e pela pintura, que papel fica desempenhando a professora perante a innocencia e a singeleza das creanças? Si não sabe conservar a naturalidade, que força moral lhe sobra para fazer-se respeitada da classe?

A ultima palavra da educação é belleza, disse um pedagogista, mas quão longe está a belleza do artificialismo! Quando eu era rapaz, satisfiz minha curiosidade de ver a Princeza Izabel. Esperava encontral-a no requinte da moda, e eis que ella se mostra elegantemente trajada com toda a naturalidade, sem nenhum dos arrebiques da época actual.

Nem se diga que estou exorbitando. Cada uma de vós bem sabe que o trabalho da professora tanto tem de distincto como de modesto. Na sua escola acham-se os meninos do povo, quasi todos pobres, que convivem com a singeleza, com a parcimonia, com a naturalidade. Para que ferir-lhes os olhos com esses artificios inuteis, que moralmente deslocam a professora de seu meio escolar?

A professora precisa de ter uma concepção da vida, que lhe dê a capacidade de controlar seus actos, pondo-a de accordo com a dignidade de sua nobilissima profissão, que tem sua origem no pensamento e no sentimento exteriorizados com toda a naturalidade.

3. — *A concepção da vida*

Em um dos grandes theatros de Washington, o presidente Roosevelt, nome bastante conhecido, fez a seguinte apresentação: "E' esta a primeira e será tambem a unica vez, que durante a minha presidencia apresento um orador a um auditorio. E sinto-me felicissimo de o fazer nesta occasião, porque si ha um livro que eu almejo seja lido como um tratado, e um tratado interessante, por todo o nosso povo, é a *Vida Simples*, escripta por Charles Wagner".

Ahi está o livro que vos convem, prezadas professoras, para formar a concepção da vida. Mais uma vez eu o reli agora, e certifiquei-me de que elle merece ser o livro de ouro de vossa estante, o breviario da vossa meditação, a bussola de vosso caminho. Cumpre, porém, lel-o com serenidade e attenção, no original francez, si fôr possivel, e depois relel-o e consideral-o como amigo, a quem recorrer de vez em quando.

A idéa da simplicidade agita o livro inteiro. Centraliza-se nella a concepção da vida. Basta ler o indice para conhecer a estructura da obra, tão pequena e singela no seu formato, quão grande e profunda na sua essencia. Levemente, qual uma ave cortando o azul sereno e limpido, deslisa naquellas paginas a idéa da simplicidade architectando o mais bello plano de vida.

De que consta a simplicidade? Responde-nos Wagner: "Sua origem é toda interior. *A simplicidade é um estado de espirito.* Reside na intenção central que nos anima. *Um homem é simples quando a sua mais alta preocupação consiste em querer ser o que deve ser, isto é, simplesmente um homem.*"

"A verdadeira vida, pondera Wagner, está em realizar, dentro da nossa actividade quotidiana, os bens superiores que são a justiça, o amor, a verdade, a liberdade, a energia moral, qualquer que seja o logar delles e a sua forma exterior. E essa vida é possivel nas mais diversas condições sociaes e com dotes naturaes mais differentes. O que constitue o valor da vida não é a riqueza nem a superioridade pessoal, mas o partido que da mesma vida tiramos".

"Será preciso dizer, prosegue o auctor, que somente com esforço e lucta o homem se eleva a este ponto de vista? O espirito de simplicidade não é um bem que herdamos, mas o resultado de uma conquista laboriosa. Viver bem, como pensar bem, é simplificar. A vida moral começa numa certa confusão, faz as suas tentativas, procurando-se a si propria e enganando-se muitas vezes. Mas, a força de trabalhar e de sinceramente ter consciencia dos seus actos, o homem acaba por conhecer melhor a vida. Apparece-lhe a lei, que é a seguinte: *Cumprir a sua missão.* Aquelle que se applica a qualquer cousa, extranha á realização desse fim, perde, vivendo, a razão de ser da vida."

Vós ides formar o vosso espirito, distinctas profesoras, removendo as complicações e harmonizando a vida com a idéa de sim-

plicidade, para que asim possaes cumpir a vossa missão. Nessa idéa central é que deve repousar a educação moral de vossos alumnos, tanto vale dizer, na confiança, na esperança e na bondade.

"O espirito de simplicidade, conclue Charles Wagner, é um grande feiticeiro. Corrige as asperezas, levanta pontes sobre os barrancos e os abysmos, approxima as mãos e os corações. As formas, de que se reveste no mundo, são em numero infinito".

4. — *Auxiliares da instrucção moral*

Que quantidade consideravel de obras referentes á instrucção moral! Torna-se difficil escolher entre ellas, muitas das quaes são primorosas. Mas, eu devo restringir-me, a bem de vossa cultura. De outra sorte, vós vos perderies num emmaranhado de obras, que não vos permittiriam um estudo attento. Poucos livros bons e bem comprehendidos valem mais do que muitas obras folheadas ás pressas.

Wagner tem outro trabalho admiravel sobre a instrucção moral. Intitula-se "Pour les Petits et les Grands", obra de 400 paginas, que abrange os assumptos mais importantes da materia, apresentando aspectos variados e attrahentes. Os primeiros capitulos trazem estas epigraphes: *Objectivo do ensino moral — Eu. — Os outros — A familia — Irmãos e irmãs.*

Que bellos pensamentos ahi se encontram! Vêde estes, tomados ao acaso: "A moral consiste principalmente em fazer que os homens reflictam sobre as consequencias de seus actos". — "Um homem vale o que vale seu trabalho, e seu trabalho vale o que elle ahi põe do melhor de si mesmo".

Outro livro, que vos indico, pertence a Dewey, o insigne educador norte americano, uma das glorias mais altas da pedagogia actual. Denomina-se "L'école et l'enfant", traducção franceza.

Assim se exprime elle: "O que os educadores precisam de ter antes de tudo é uma fé authentica na existencia de principios moraes susceptiveis de applicações effectivas. Importa que esses principios sejam formulados em relações com a vida social e psychologica. Cumpre que nós não os consideremos como cousas arbitrarias e puramente transcendentaes, como si o termo *moral* designasse uma parte ou uma região especial da vida humana. E é absolutamente necessario reconhecer que taes principios são reaes, e reaes no mesmo sentido das outras forças, que elles são inherentes á vida social e ao mecanismo psychico individual. Aquelle que trabalha inspirado por esta certeza pode dar constantemente uma siginificação moral a todos os ramos de estudos, a todos os methodos de ensino, a todos os incidentes da vida escolar."

Ainda vos aconselho mais um livro muito vosso conhecido, "Coração", de Amicis, — livro essencial nas escolas primarias para o objectivo da educação espiritual e moral das creanças, — segundo o conceito do dr. Mario Casasanta.

No exemplar que tenho, de 1927, 37.ª edição brasileira, vejo ser até então de 854 o numero das edições do "Coração", em italiano. E' o livro escolar por excellencia, a obra prima da literatura didactica, a propria alma da infancia, o genio italiano consubstanciando a humanidade.

5. *A cultura moral*

Disse-me uma pessoa: "Essas questões de moral eu as colloco nas mãos de meu director espiritual". Será talvez muito commodo repousar assim em alguem, abdicando de sua personalidade. E' o regimen da irresponsabilidade, que transforma o homem em um titere.

O regimem da professora ha de ser differente, contido nesta phrase de Alexandre Vinet: "Senhor de si mesmo para melhor servir aos outros". A professora não deve pensar sinão pela sua cabeça. Será senhora de si mesma para melhor servir ás creanças. A sua cultura moral irá tornal-a "leader".

A formação moral da professora, comprehendida a expressão em seu sentido completo e não reduzida a fragmentos diversos, impõe-se-lhe, para imprimir a seu trabalho uma orientação firme, pessoal e efficiente, em harmonia com os interesses sociaes da actualidade.

As obras que indiquei, apenas quatro, podem esclarecer a experiencia da professora, methodizando suas idéas, de modo a dar-lhe uma concepção da vida e a formar-lhe o espirito para comprehender e realizar na escola a instrucção e a educação moral.

6.ª *aula*

O programma official desta disciplina, bem interpretado que seja, offerece opportunidades ao professor para ministrar á classe o ensino intuitivo da moral. E' que elle acompanha a vida do escolar sob suas diversas faces, já como alumno e collega no ambiente da escola, já como filho e irmão no seio da familia, já como menino no convivio da sociedade.

Os deveres, os proverbios, as maximas e os pensamentos, em que se baseia o programma, podem parecer á primeira vista estejam conduzindo o ensino por abstracções incompativeis com o desenvolvimento intellectual dos alumnos. Realmente, qualquer programma assim poderá parecer, visto que incumbe sempre ao professor interpretal-o de accordo com os interesses da classe, adaptal-o ás differentes situações escolares e desdobral-o dentro dos principios da escola activa.

Organizou-se o programma para coordenar o ensino, para distribuir a materia, para orientar o professor, mas elle não é nem pode ser inflexivel. O trabalho didactico decorre por entre mil circumstancias diversas que a observação intelligente do professor ha de procurar comprehender e das quaes o seu preparo technico tem de tirar partido. Nem é possivel que um só programma satisfaça plenamente ás exigencias escolares em tão vasto territorio qual o nosso.

"O principio fundamental do ensino, disse Kant, não é dar aos alumnos pensamentos feitos de todo, mas ensinar-lhes a pensar". Isto que se applica aos alumnos, com maior razão applica-se aos professores. A qualidade principal do programma está, a meu juizo, em ser bastante suggestivo. Esta qualidade sobresahe na forma synthetica e original do proverbio e do pensamento, muito mais que nas simples epigraphes.

Sobresahe para o professor, está claro, que dalli vae extrahir a sua licção. Um proverbio qualquer, seja este, *cada um colhe como semeia*, um pensamento qual o de Goethe, *uma vida ociosa é uma morte antecipada*, fazem pensar, são capazes de suggerir lições intuitivas de moral, em que elles nem precisarão de apparecer, mas em que appareça a idéa ou o ensinamento nelles contido.

"O genio inventivo dos professores, lembra o programma official, ha de extrahir o ensino de modo attrahente e bello, mostrando o pensamento da licção como que insculpido aos olhos dos alumnos, em finissimo vidro colorido e ornado de flores".

E' uma moral bella, agradavel e tentadora que se quer para a infancia, e não essa moral carrancuda, cabisbaixa e impertinente. O vicio, neste ponto, tem sido mais habilidoso na propaganda do que a virtude. Elle vem sempre alegre e animado, ao passo que esta vem descrevendo o seu caminho cheio de espinhos e de

tristezas. Convenhamos em que a virtude não tem sabido fazer propaganda de si: ralha muito e passa grande parte do tempo a descompor o vicio. E' o martelinho que quanto mais bate ao prego, tanto mais o faz penetrar.

2. Interpretação do programma.

Eis um dos pontos do primeiro anno:

"O bom alumno comparece pontualmente ás aulas". Falar com a classe a respeito da pontualidade, dando-lhe a significação desse termo, é partir de um ponto desconhecido para ella.

Mas, a professora sabe que a creança tem ouvido diariamente as expressões: é hora de levantar, de almoçar, de ir para a escola, de tomar café, de jantar, de dormir, etc. Essa palavra *hora* tornou-se-lhe familiar. Todos os meninos conhecem tambem o relogio, ainda que não saibam distinguir as horas. Ponha a professora um relogio, um despertador, em cima da mesa, e em torno da idéa expressa pela palavra *hora* dê a sua aula, da qual lhe apresentarei um exemplo. Será a lição da pontualidade, appareça ou não appareça nella este vocabulo.

Outro ponto do primeiro anno: "Usar lenço e ter seu copo para beber agua". Levem-se para a aula uns lenços bem passados e dobrados, assim como alguns copos ou canecas pequenas. Conversar sobre uns e outros, mostrando a utilidade delles e verificando o seu uso na classe. Nada mais simples, conforme exemplificarei.

Ponto concernente ao segundo anno: "A felicidade da vida está no trabalho livremente acceito como um dever". Tudo na aula são testemunhas do trabalho: a carteira em que o alumno se assenta, a mesinha onde escreve, o soalho sobre que repousa os pés, a roupa que veste, o livro que lê o quadro negro, o giz, a aula inteirinha é resultado do trabalho. Não poderá ser mais intuitiva a lição.

Agora, quem dá assumpto é o proverbio: "Remenda o panno, durar-te-á outro anno". A professora mostrará á classe duas calcinhas de menino, uma dellas rasgada e outra com um remendo bem feito. Comparando uma e outra, ser-lhe-á facil pôr em evidencia o valor da conservação da roupa, o que representa um bom ensino de economia.

Para o terceiro anno ha o seguinte pônto: "A instrucção é a riqueza dos pobres". O caso de um diplomado da escola, residente na localidade escolar, cujo nome não faz mal se torne conhecido da classe, servirá de provar o pensamento mencionado. Achase bem collocado o referido exalumno, que exerce tal emprego por causa de sua instrucção.

Consta de biographias e de noticias de descobertas o quarto anno de instrucção moral. O desenvolvimento da classe, nesta altura, já facilita em muito o trabalho do mestre. Cabe a este tirar da narrativa, feita com toda a expressão, um ensino que cale no animo da classe, fazendo vibrar seus sentimentos nobres de comparticipação no progresso social.

Para melhor externar meu pensamento, vou apresentar alguns esboços de aulas de moral. Estou certo de que podereis realizar coisa superior: em todo caso, meus exemplos equivalem a uma orientação.

3. *Aula de pontualidade para o 1. anno*

Professora. Na sua casa ha hora de almoço, José?

Alumno. Ha, sim, senhora.

P. Em quasi todas as casas, ha hora de levantar, de almoçar, de tomar café, de jantar e de dormir; ha tambem hora de ir para a escola, de ir trabalhar, de descanso. Ha tantas horas, meu Deus, hora de partir e de chegar o trem, hora de correio, de missa,

de cinema, nem sei de que mais. Quem marca as horas?

A. O relogio.

P. Cá está este relogio. Quer ouvir o tic-tac delle, Maria? Ouça, como é que elle faz? Como se chama?

A. Faz tic-tac e tem nome de despertador.

P. O despertador serve para acordar a gente, quando se tem de levantar cedinho. Para não perder o trem, que sae de madrugada, acerta-se o despertador. Vou fazel-o despertar nesta hora. Escutem uma coisa: E' melhor chegar na hora ou fóra de hora?

A. Na hora.

P. Está direito. Nós precisamos de chegar na hora, para alcançar o trem e fazer a viagem. Vocês, aqui na escola, devem chegar na hora, sinão perdem as aulas. Chegar na hora vale muito. A mamãe gosta de que você chegue sempre na hora, não é mesmo, Joãozinho?

A. Sim, senhora. A mamãe fica zangada, quando eu chego tarde.

P. Um dia destes combinei um passeio com uma de minhas amigas. Cheguei na hora, passeámos bastante, conversámos bem, e ficamos muito satisfeitas. Chegar atrazado é grosseria, todos dizem. Não é mesmo?

A. Sim, senhora. Aqui na escola eu não chego atrazado.

P. Pois é assim, o alumno sae direito á escola, assiste ás aulas todas, aprende bem, a mamãe fica satisfeita e eu tambem. E quando volta para casa, Julieta?

A. Não para no caminho; mamãe já me explicou.

P. Assim deve ser, para que em casa ninguem fique incommodado com a demora. Menino de escola é gente esperta, que anda sempre na hora. Uma dona, chamada *preguiça*, anda na hora, Chiquinho?

A. Não anda, não. Ella é muito molle.

P. Eu quero que vocês todas andem na hora. Quando entrar a escola, todos aqui estarão promptinhos para o estudo. Nenhum dê o braço á preguiça. Ella que fique sozinha. Todos chegaremos na hora de aula, digam assim.

A. Todos chegaremos na hora de aula.

4. *Usar lenço e ter copo para beber agua* (1.° anno).

P. Vou mostrar-lhes uns lenços que trouxe. Estão bem passadinhos e dobrados. Alguns de vocês querem pegar nelles? Podem pegar, aqui lhes entrego. Esse que está com você, Carmita, de que côr é?

A. E' branco e pequenino, muito bonito.

P. Elle tem meu nome ahi na ponta. Esse outro, que está com você, Luiza, é grande e de linho. Mas, para que servirá o lenço?

A. Para assoar o nariz.

P. E' isso mesmo. Todos usam de lenço. Ninguem póde passar sem elle. Vocês todos teem lenço?

A. Eu tenho. — Eu não tenho.

P. Mas, é necessario que todos os alumnos tenham lenço. O nariz o reclama. A manga do paletot ou a mão, fiquem sabendo, não podem fazer o papel de lenço. Vou tomar nota dos alumnos que não teem lenço, para corrigir essa falta. E' bom que em casa conversem com a mamãe a esse respeito, pedindo-lhe lenço, pois sem elle nenhum poderá ser asseado. E agora, estes objectos como se chamam?

A. São canequinhas e copos.

P. Tambem é preciso que cada um de vocês tenha o seu copo ou caneca para beber agua na escola. De outro modo, passarão sêde. E' uma questão de asseio, de toda a conveniencia para vocês. Vou verificar quaes são os meninos que teem caneca ou copo.

A. Eu tenho. — Eu não tenho.

P. Os que não teem peçam em casa uma caneca ou copo. E' coisa barata e tão necessaria como o lapis e o livro. Todos os dias hão de trazer o lenço e a canequinha. Eu exijo isso, porque é para o bem de vocês. Querem saber de uma coisa?

A. Queremos.

P. Não bebam agua com a bocca na torneira. E' muito perigoso. A gente não sabe o que póde sahir dalli. A saude vale muito e não se deve facilitar com ella. Vocês conhecem alguns versinhos a respeito do lenço e da caneca?

A. Não conhecemos nenhum.

P. Vou dizer-lhes estes:

— Menina de saia branca
Que fazes no teu quintal?
— Estou lavando meu lencinho
Para o dia de Natal.

A. E a respeito da caneca?

P. Não sei nenhum. Vocês mesmos façam uns versinhos para a caneca.

A. Eu posso dizer uns.

P. Perfeitamente. Nós todos ouviremos com attenção.

A. Canequinha que ganhei,
Vou levar-te para a escola;
Hei de guardar-te tão bem,
Como guardo a minha bola.

P. Muito bem, Helenita. Você merece parabens. E não se esqueça nem do lenço, nem da caneca.

5. *"A felicidade da vida está no trabalho livremente acceito como um dever."* 2.º anno.

P. Como se chama isto, Antonio?

A. Chama-se parede.

P. Quem fez a parede?

A. Não sabemos.

P. Pois foi o pedreiro, assim como o carpinteiro fez o soalho, a porta e as janellas, o escriptor fez o livro e vocês fazem a leitura deste. Posso dizer deste modo: quem fez tudo aqui na sala de aula foi o trabalho. Dizendo assim, vocês entendem e está certo? Foi mesmo o trabalho?

A. Foi elle mesmo que fez tudo.

P. O trabalho é muito importante. Elle fez a casa da escola e fez as casas de vocês. Tudo que está lá dentro foi feito por elle. Quem trabalha merece o nosso respeito, não é assim?

A. E' assim mesmo.

P. Reparem aqui. Eu estou trabalhando, quando lhes ensino, e vocês trabalham, quando estudam. Lá em suas casas ha trabalho, e na cidade tambem. Na roça existe trabalho, quando fazem plantações e colhem os generos, quando tratam do gado e de suas crias. Em toda parte encontra-se trabalho. Devemos todos trabalhar, Manoel?

A. Sim, senhora, para ganhar dinheiro.

P. E' isso mesmo, fazer o trabalho bem feitinho para ganhar bem o dinheiro. E ainda ha gente que não trabalha, como os vadios.

Elles passam mal, ficam aborrecidos por não fazerem nada, não ganham dinheiro e não são estimados. Vocês querem ser trabalhadores ou vadios?

A. Trabalhadores, sim, senhora.

P. O trabalho de vocês é estudarem bem na escola e servirem em casa tanto quanto puderem. Menino vadio, que falha muito da escola, é uma vergonha, é uma tristeza para seus paes.

Nenhum de vocês será vadio, não é assim?

A. E' assim mesmo.

P. Quem trabalha, seja a cosinheira, seja a dona de casa, seja o medico, seja outro qualquer vive feliz e não faz mal a ninguem. E' muito bom saber trabalhar, fazer bem alguma cousa.

Si não fosse o trabalho, todos morreriam de fome. Querem um conselho?

A. Queremos.

P. Fiquem muito amigos do trabalho que têem aqui na escola. Aprendam a lêr bem, a escrever, a fazer contas, a estudar tudo mais. Para vocês, o caminho certo está dentro da escola, e fóra della o caminho errado.

Vocês conhecem a canção dos dêdos?

A. Não, senhora.

P. E' a seguinte, que eu vou dizer, mostrando os dêdos:

Diz o pollegar: Quero pão!
E seu visinho: Que fazer?
Pae de todos: Vamos ver...
O quarto diz: Mendiguemos.
Grita o Minguinho: Isso não!
Trabalhemos, comeremos.

6. *"Remenda o panno, durar-teá outro anno"*.

P. Dentro deste envelloppe está um cartão, que depois lhes mostrarei. Agora, vou mostrar a vocês duas calças de menino. Uma está rasgada, vejam bem, e a outra tem este remendo. A primeira, si for usada, em pouco tempo não servirá mais; a segunda poderá durar ainda muito tempo, talvez um anno. Qual das duas vale mais, Isaura?

A. A calça concertada vale mais.

P. Tem toda razão. Remendando a roupa, nós a conservamos, e fazemos economia. Peguem nas calças e reparem como é bom o panno.

Porque se ha de perder uma dellas, não a concertando? A gente deve desperdiçar as cousas, Jorge?

A. Não, senhora. Devemos conserval-as.

P. Realmente. O papae trabalha para ganhar dinheiro; a mamãe faz a calça. E' necessario conservar esta o mais tempo possivel: está suja, manda-se laval-a; falta-lhe botão, prega-se outro: rasgou-se, faz-se remendo. Isso se chama economia: sem ella, o rico fica pobre, e o pobre vae parar na miseria. Não sei si estão me entendendo.

A. Estamos, sim, senhora. A mamãe tambem fala assim.

P. Mas, é só a calça, que devemos conservar?

A. Nós devemos conservar toda a roupa, para não andarmos rasgados.

P. Isso mesmo. A roupa bem conservada não é só signal de economia, é signal de educação. O desmazelo é companheiro da preguiça, e ninguem gosta delle. Nenhum menino seja desmazelado: conserve bem a sua roupa. E' tão bonito andar limpo, ainda que seja com a roupinha concertada! Mais tarde, as meninas e até os meninos devem aprender a concertar a roupa, pregando botões e fazendo uns remendos bem feitinhos. Fiquem todos, pelo menos, meio costureiras, meio alfaiates. Acham direito o que eu estou fallando?

A. Achamos muito direito.

P. Eu vou remendar em casa esta calcinha rasgada, para ella não ficar triste deante de sua companheira.

A. E o enveloppe, a senhora não mostrou.

P. Vou abril-o. Aqui está o cartão para um de vocês lêr. Pode lel-o, Augusta.

A. Remenda o panno, durar-teá outro anno.

P. E agora, que vamos fazer do cartão?

A. Vamos copial-o.

P. Pensaram bem. Abram os cadernos e passem a copial-o. E' um bom conselho, de que nunca se esquecerão.

7. *A instrucção é a riqueza dos pobres.*

P. Faz alguns annos, inauguraram uma casa construida para escola, e lá puzeram muitas bandeirinhas de côr, entre as quaes, uma como esta que eu trouxe. Leia, Horacio, o que está escripto na bandeirinha.

A. A instrucção é a riqueza dos pobres.

P. E' uma verdade. Conheço alumnos que aproveitaram bem a escola, indo até o ultimo anno. Não puderam frequentar collegio, por serem pobres, mas levaram da escola bôa instrucção e com facilidade aprenderam um officio, de que estão vivendo. Ter um officio é uma garantia para o pobre. Alguns de seus paes são officiaes, não é certo?

A. Meu pae é pedreiro. — O meu é carpinteiro. — O meu é alfaiate.

P. Ter instrucção, isto é, saber as coisas que a escola ensina, facilita aprender um officio, e tambem prepara o menino para um emprego. Certa vez, um menino pediu uma collocação, e o gerente da fabrica exigiu delle que apresentasse o diploma da escola. O pequeno não tinha o diploma e ficou sem o emprego. Vale ou não vale o diploma?

A. Vale muito, sim senhora.

P. O diploma é uma carta de apresentação do alumno, que mostra ser elle um menino instruido, com um bom começo de vida. Ainda que pareça difficil, o alumno lucra muito em ir até o fim do curso primario. Vocês estão no terceiro anno e falta pouco para acabar o estudo e conseguir o diploma. Todos querem ser diplomados, não é assim?

A. E' assim mesmo como a senhora está falando.

P. Vocês conhecem o Raphael Rezende, empregado no Bazar Moderno?

A. Conhecemos. — Quem é elle?

P. O Raphael é um menino de familia pobre, muito intelligente e activo, que se diplomou pelo Grupo Escolar. Ha tres annos que está empregado: trabalha muito e o patrão já lhe augmentou o ordenado. Está com a carreira feita, póde-se dizer. Anda bem vestido, e ainda lhe sobra dinheiro para auxiliar a familia. Esse menino tem uma riqueza, que é a instrucção recebida no Grupo e por elle augmentada com a leitura nas horas vagas. Tal riqueza está sendo offerecida a vocês aqui na escola .Não concordam?

A. Concordamos com a sra. e havemos de saber como o Raphael.

P. Copiem agora nos cadernos a phrase da bandeirinha, em letra bem bonita.

7.ª *aula*

1. *Programma de instrucção civica.*

O programma official desta disciplina está elaborado de modo a preencher o seu objectivo, que consiste em transformar o alumno num cidadão, apesar de sua tenra idade. Elle vae desde a organização da cidade até a organização da Republica.

Entretanto, porque se trata de uma materia nova para a professora, que em geral não a conhece bem, convirá apresentar algumas considerações tendentes a aclarar ainda mais o assumpto, realmente um dos mais educativos da escola.

Não obstante sua attitude, tradicionalmente extranha á instrucção civica, precisa a professora de interessar-se pela vida politica da nossa nacionalidade. Ainda quando o seu espirito culto ahi descortina anomalias, que afastam do governo a sua cooperação, isso deverá leval-a a estudar melhor o assumpto, afim de formar opinião sobre elle.

A politica na sua accepção verdadeira, que é a arte de governar o paiz, não occupa terreno vedado á observação e ao estudo da professora. Nações dentre as mais civilizadas do mundo, bem sabe ella, já reconhecem os direitos politicos da mulher, e nem por isso deixam de ser admiravelmente dirigidas.

O preconceito de sexo, superpondo-se á capacidade pessoal, constitue o maior dos absurdos. Homem ou mulher, pouco importa, a questão é do mais compe-

tente, do mais esforçado, do mais digno. Méra questão de justiça, dar a cada um o que lhe pertence.

Nem se comprehende que uma pessoa estudiosa, costumada a pensar e reflectir, se veja tolhida por preconceitos de sexo a recalcar sentimentos de collaboração social e politica, que não póde exteriorizar efficientemente, quando tantos individuos inferiores, apenas por serem homens, são guindados a cargos, para os quaes não têm competencia.

Estude a professora a instrucção civica, faça seu pensamento percorrer a vida nacional, analyse a organização politica, que sómente assim poderá preparar cidadãos e cidadans. Nada de sentimentalidade no estudo de problema tão pratico. Estude-o como está estudando pedagogia, para tornar-se insigne educadora.

Disse Charles Wagner: "Falar verdade a alguem é tratal-o como irmão; dizer-lhe o que não é verdade é tratal-o como inimigo". Nestas linhas, eu vos tratei fraternalmente, podeis crer.

2. *Organização escolar.*

A primeira parte da instrucção civica versará sobre a organização do ensino primario. Com facilidade o professor poderá estudal-a no respectivo regulamento. O professorado, em geral, conhece este pela leitura, mas poucos professores o terão estudado, coordenando os apontamentos extrahidos.

Agora proceder-se-á ao estudo do regulamento com um fim determinado: o de ensinar á classe a organização do ensino primario. Ter-se-á de estudar especialmente as escolas e os grupos escolares com as suas dependencias, instituições e associações, como sejam a bibliotheca, o museu, o club de leitura, o auditorium, a associação das mães de familia, o conselho escolar municipal e a caixa escolar.

Outro ponto a estudar são as festas e commemorações escolares, referentes ás datas nacionaes e estaduaes, e, além disso, a festa da bandeira, a da arvore, o dia das mães e a solemnidade da entrega de diplomas.

No estudo referido entrarão as federações escolares, em que se divide o Estado e das quaes é presidente o director do grupo, investido, para esse fim, das attribuições e competencia de assistente technico. Os funccionarios do ensino, em cada federação, têm de fazer parte do estudo mencionado, achando-se entre elles o assistente technico, o inspector municipal e o districtal, o director do grupo, o professor, a estagiaria, além dos empregados, como porteiros e serventes.

Da organização do ensino primario extracte o professor um programma de lições apropriadas ao terceiro anno, e o execute de modo util e attrahente para os alumnos, sem minudencias desnecessarias, que iriam sobrecarregal-o.

3. *Constituição Federal.*

O estudo da Constituição Federal impõe-se ao professor primario, que precisa de conhecer a nascente da organização politica do Brasil. Leia elle com a devida attenção a lei basica de nossa nacionalidade, procure perscrutar o seu texto e pondere sobre os principios liberaes ali consagrados. A nossa lei fundamental constitue uma elevada aspiração, que o povo brasileiro só poderá comprehender e realizar, quando a escola primaria lhe houver dado o desenvolvimento necessario.

Posso indicar um optimo trabalho para o referido fim. E' o pequeno volume "A Constituição Federal na Educação Nacional", com que o nosso illustre coestaduano dr. Americo Lopes acaba de brindar a literatura didactica. Ahi se nos deparam um excellente resumo da historia patria, o texto constituicional acompanhado de notas elucidativas, e um indice alphabetico e remissivo, que torna facilima a consulta de qual-

quer ponto. O professorado fará bem em enriquecer suas bibliothecas com esse precioso volume.

Conjunctamente com a Constituição Federal, cumpre ao professor estudar a Constituição do Estado, afim de inteirar-se da organização politica, formando idéa clara e completa da vida publica do Estado e da União.

Apresentarei em seguida algumas notas que condizem com a instrucção civica.

4. *Patria e patriotismo.*

"A Patria, diz Ruy Barbosa, não é ninguem: são todos; e cada qual tem no seio della o mesmo direito á idéa, á palavra, á associação. A Patria não é um systema, nem uma seita, nem um monopolio, nem uma forma de governo: é o céo, o sólo, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulo dos antepassados, a communhão da lei, da lingua e da liberdade".

— Defender a Patria é para um povo defender ao mesmo tempo o seu passado, o seu presente e o seu futuro. G. Le Bon.

— "Si o commum dos homens e das mulheres tem caracter, affirma Roosevelt, o futuro da Patria está garantido. Mas, si lhes faltam a vontade e a capacidade de serem fieis ao bem publico, nenhuma prosperidade material poderá salvar a patria da destruição".

— O professor é um soldado da paz, mas cumpre-lhe estar preparado e preparar seus alumnos para a defesa da Patria no campo de batalha.

— As nações foram feitas para se auxiliarem mutuamente, do mesmo modo que as familias; e todo o progresso realiza-se pelas idéas, e não pela força bruta e mechanica. Emerson.

— Seja o patriotismo o mais precioso dote de vosso coração: este nome querido, que é o Brasil, considerae-o sagrado e nem gracejando o profaneis; cultivae-o com todo o carinho e civismo; não quebreis por nenhum motivo a solidariedade que vos cumpre manter com os interesses patrios.

—As forças de terra e mar, constituidas pelo Exercito e pela Armada, são instituições nacionaes permanentes, destinadas á defesa da Patria no exterior e á manutenção das leis no interior.

—Todo o brasileiro é obrigado ao serviço militar, em defesa da Patria e da Constituição, na forma das leis federaes.

5. *Symbolos nacionaes.*

São symbolos nacionaes a bandeira, o hymno e as armas da Republica.

A bandeira nacional teve como seu auctor o eminente brasileiro Raymundo Teixeira Mendes, e foi instituida no dia 19 de novembro de 1889.

Em 13 de abril de 1891, é executado pela primeira vez o hymno nacional, "um dos mais bellos e suggestivos do mundo", escripto num momento de admiravel inspiração pelo compositor brasileiro Francisco Manoel da Silva. A letra do hymno nacional, officialmente adoptada, pertence ao illustre poeta Osorio Duque Estrada.

Cumpre- nos saudar a bandeira, quando passarmos junto della, e conservar-nos de pé e sem chapéo, emquanto estivermos ouvindo o hymno nacional.

6. *Soberania nacional.*

São orgams da soberania nacional o poder legislativo, o poder executivo e o poder judiciario, harmonicos e independentes entre si. Ao primeiro compete fazer as leis; ao segundo, sanccional-as e executal-as; ao terceiro, applical-as.

O eleitorado elege os membros do poder legislativo e os chefes do poder executivo, os quaes exercem suas attribuições na Republica, no Estado ou no Municipio.

O Presidente da Republica ou o Presidente do Estado nomeia

os membros do poder judiciario, menos os juizes de paz, que são eleitos pelo povo.

São eleitores os cidadãos brasileiros maiores de 21 annos, que se alistarem de accordo com a lei, não podendo alistar-se os mendigos, os analphabetos, as praças de pret e os religiosos de ordem monastica.

7. *Poder legislativo.*

O poder legislativo é exercido na Republica pelo Congresso Nacional, durante tres annos cada legislatura. O Congresso funcciona na Capital Federal e compõe-se de dois ramos: a Camara dos Deputados e o Senado, aquella com 212 membros e este com 63.

Exerce o poder legislativo no Estado o Congresso Estadual, que se reune na Capital do Estado e pode formar-se de Camara dos Deputados e Senado.

No Municipio o poder legislativo é representado pela Camara Municipal, composta de vereadores, que se reunem na respectiva séde.

Os Estados, que constituem a Republica do Brasil, dividem-se em municipios, cada qual tendo por séde uma cidade ou villa e abrangendo um ou mais districtos.

8. *Poder executivo.*

Exerce o poder executivo o Presidente da Republica, que tem como substituto o vice-presidente, eleito simultaneamente com elle.

No impedimento ou falta deste ultimo, serão successores chamados á Presidencia o vice-presidente do Senado, o presidente da Camara e o do Supremo Tribunal.

O Presidente exercerá o cargo por quatro annos, sendo auxiliado pelos ministros de Estado, cada um dos quaes presidirá a um dos Ministerios em que se dividir a administração federal.

No Estado o poder executivo é exercido pelo respectivo Presidente, que tem um ou mais secretarios de sua nomeação.

O poder executivo é exercido no Municipio pelo Presidente da Camara Municipal, eleito pelo povo ou escolhido dentre os vereadores, sendo que, no Districto Federal e em outros municipios, é representado por um Prefeito de nomeação do governo.

9. *Poder judiciario.*

O poder judiciario da União tem por orgams o Supremo Tribunal Federal, com séde na Capital da Republica, e tantos juizes e tribunaes federaes, distribuidos pelo paiz, quantos o Congresso crear.

O Supremo Tribunal compõe-se de 15 juizes nomeados pelo Presidente da Republica.

Exerce o poder judiciario, no Estado, o Tribunal da Relação, que se compõe de desembargadores com séde na Capital.

Nas comarcas, em que se divide o Estado, a primeira auctoridade judiciaria é o juiz de direito; nos termos é o juiz municipal; nos districtos é o juiz de paz.

10. *Direitos de cidadãos brasileiros.*

A Constituição Federal, em seu artigo 72, estabelece entre outros os seguintes direitos:

Egualdade de todos perante a lei.

Liberdade de consciencia.

Casamento civil.

Secularização dos cemiterios.

Ensino publico leigo.

Separação entre a Egreja e o Estado.

Direito de associação.

Direito de locomoção.

Inviolabilidade do lar.

Livre manifestação do pensamento.

Direito de propriedade.

Inviolabilidade da correspondencia.

Instituição do "habeas-corpus".

Instituição do tribunal do jury.

Abolição da pena de morte.

11. *Palavras finaes.*

"O primeiro logar na escola, diz Guyau, pertence ao ensino moral e civico, que é o mais educador."

Com a apresentação das notas anteriores, apesar de sua deficiencia, quiz chamar vossa attenção para um assumpto de tanta relevancia, qual a instrucção civica.

Novos horizontes se abrem para a vossa missão educadora e neste de que ora vos falo, estaes collocadas em face do Brasil, que reclama cidadãos capazes de eleval-o deante das nações do mundo.

Convirá lerdes um manual de instrucção civica, como o de Numa Droz, adaptado por João de Barros. E' mais um livro para a vossa estante.

Concordemos com Herbert Spencer, em que a educação não é apenas um negocio pessoal, o interesse do individuo, visto que é o interesse da humanidade inteira, cujo progresso será accelerado ou retardado, segundo que, em cada periodo, os educadores tenham preenchido bem ou mal a sua tarefa. O educador pode repetir hoje as palavras do philosopho descripto por Epicteto: "Os negocios da humanidade são os meus negocios".

Não estou de forma alguma exaggerando, nem as palavras são minhas, sinão de grandes sabios. Além de que, o momento da educação popular é muitissimo significativo neste Estado de Minas. A collaboração do professorado está sendo movida com vehemencia. Essa collaboração, bem succedida que seja, poderá trazer a autonomia da instrucção publica.

Pensei um dia desta forma: vejo a justiça assentada no throno como um dos poderes do Estado. Muito bem! E vejo a instrucção assentada num escabello, como simples funccionario sem autonomia. Muito mal! A instrucção e a justiça são irmãs: uma não é mais do que a outra. São irmãs e são amigas, uma e outra indispensaveis ao progresso nacional.

Vós sois legionarias da instrucção: tendes de viver com ella, haveis de viver para ella. E assim vós vos approximaes da Sabedoria Infinita, que é Deus. O raio de luz, que é a instrucção, parte desse Divino Sol.

8.ª *aula*

1. *A verdadeira liberdade*

A José Ingenieros, que grande pensador é elle! pertence esta definição: "A escola é uma ponte entre o lar e a sociedade".

Ao entrar nessa ponte, o menino já passou os primeiros annos da vida, "os annos mais importantes no seu desenvolvimento mental". "Dois grandes obstaculos, diz Ferrière, veem interporse então entre o espirito dos alumnos e a communidade escolar: a familia e a rua". Nesse ambiente, quasi nunca bastante favoravel, foi que elles formaram o seu espirito.

Dos pequenos escolares, que vae fazer o professor? Porque não póde remover os obstaculos, vae elle conduzir os alumnos de

modo que tirem de seu ambiente o melhor proveito possivel.

Tão diversos entre si são os alumnos que o professor não poderá encaminhal-os egualmente... Como contentar a todos elles, si nem ha tempo para isso? Obrigal-os a atravessar a ponte seria levar-lhes o corpo, desnorteando-lhes o espirito. Elles que a atravessem, pois, á sua vontade, não ha outro remedio.

No trajecto longo da ponte, nada menos que o curso primario, o menino é um excursionista, que quer instruir-se para melhor conhecer o outro lado, a sociedade onde vae viver. O professor desempenha o papel de cicerone, conforme lhe chama a doutora Montessori.

Excursionista que elle é, como tal deve ser tratado o escolar. O cicerone não se impõe ao excursionista: serve-lhe de guia, mostra-lhe o que deseja ver, dá-lhe as informações pedidas, apresenta-lhe o que póde interessal-o.

E o bom cicerone acaba por conhecer o turista. Chega a adivinhar-lhe os pensamentos, os desejos, as indecisões. Penetra-lhe ás vezes na alma, e alli vae surprehender o que jaz recondito. Em todo o caso, deixa o turista expandir-se á vontade, e desde logo concilia a sua confiança.

A ponte ideal, que deve ser a escola, é sobranceira ao rio da vida. As enchentes deste não podem attingil-a e nem abalar os seus fundamentos. Tanto vale dizer que a escola ha de sobrepairar ás tempestades da vida, sejam ellas de que natureza forem, politicas, sociaes ou religiosas.

A companheira predilecta do excursionista é a liberdade de agir. Si lhe tirarem esta, elle se transformará em prisioneiro. Era eu bem pequeno, quando no collegio um de meus intensos desejos estava em passear na grande e bem tratada horta alli existente, o que nunca me foi permittido. Disso ainda me recordo com certo pezar...

Ainda bem que a liberdade tem hoje, na escola, o seu logar de honra! Mas, não basta acolhel-a prazenteiramente. Citando palavras de outrem, já tive occasião de dizer que ha duas especies de liberdade: a falsa, quando o homem é livre de fazer o que lhe agrada; a verdadeira, quando elle é livre de fazer o que deve. Liberdade de cumprir o dever, isso sim; liberdade de transgredir o dever, isso nunca, que nem liberdade se chama, sinão que tem nome de licenciosidade. O cicerone, nem precisa de dizer, não pode jámais consentir que o turista se approxime do Vesuvio...

2.ª *A socialização dos alumnos*

Familia, escola e sociedade não passam de ser uma gradação. Tudo isso resume-se em sociedade, maior ou menor. A vida em commum começa para o menino desde o berço, com o primeiro sorriso da mamãe. Elle é o extrangeirinho que apparece, trazendo o passaporte do amor. E' talvez um principe ou uma princeza que vem nobilitar a familia, honrando-a mais tarde com o seu trabalho, com o seu talento ou com as suas virtudes peregrinas.

A respeito della interroga Roussau: "Haverá no mundo um ser mais fraco, mais miserando, mais á mercê de tudo o que o cerca, que tenha tão grande precisão de piedade como uma creança? Não parece que ella apresenta uma figura tão encantadora e um ar tão affectuoso, sinão para o fim de que todos os que se lhe approximam venham a interessar-se pela sua fraqueza e apressar-se a soccorrel-a?"

Na escola ainda surge o menino como um extrangeirinho, que muitas vezes já recebeu da vida lições rudes, crueis desenganos e golpes profundos. Outras vezes é elle o mimoso da fortuna, que por isso mesmo vem cheio de inexperiencias, sem conhecer sinão os afagos da familia. Mas de uma ou outra fórma, seus olhinhos denunciam a surpresa do novo viver, que é a escola.

Que vae fazer o professor, pergunto novamente. Vae proseguir o trabalho da familia, vae fazer o milagre da instrucção, em uma palavra, vae preparar o menino para a vida social. De que modo? Por meio da socialização: "transformando a escola de *classe sem sociabilidade* numa sociedade em miniatura", conforme diz o regulamento do ensino primario, em cuja parte, relativa ás instituições escolares, traça um plano magnifico.

Organizando e fazendo funccionar dentro da escola o club de leitura e outras associações, que se coadunem com os seus interesses, os alumnos "estarão exercendo os sentimentos da sociabilidade, responsabilidade e cooperação". Elles ficarão conhecendo-se melhor, estreitarão entre si os laços de cordialidade, comprehenderão o valor do espirito associativo, terão de eleger os directores da agremiação, disporão de opportunidades excellentes para desenvolver a expressão, a iniciativa, o dominio de si mesmo e outros muitos predicados.

Mas, eu vou abrir um parenthese para o predio escolar. E' preciso que este se adapte melhor aos fins da socialização; importa tornal-o em parte tão accessivel como é a casa commercial, a confeitaria ou o café. Porque a bibliotheca não ha de ter, em sua installação, a accessibilidade de uma livraria? Porque não se faz a exposição escolar em vitrinas que dêem para a rua, onde todos possam apreciar-a sem nenhum acanhamento? Porque não ha, pelo menos, uma sala independente e ao rez da rua, franqueada ás associações escolares nos domingos e feriados, quando a escola não funcciona? Convenhamos em que o predio escolar ainda não se acha bastante socializado...

3.° *A instrucção civica*

Sem a socialização dos alumnos não se póde ministrar de modo efficiente a instrucção civica, a qual, para ter cunho educativo, precisa por sua vez de ser socializada, isto é, integrada na sociedade.

Entretanto, não é só fazer o alumno participar da vida social, dentro e fóra da escola, sinão tambem observal-a, ficando por vezes á margem della. A multidão ou a reunião não deve passar despercebida aos olhos dos alumnos; querem elles ver o enterro, o batalhão, a procissão ou a festa que passar deante da escola, deixae-os satisfazer os seus desejos. Recommendae-lhes que procurem observar a assistencia de uma egreja, a sessão de um jury, o acto de uma eleição, até mesmo os brinquedos dos collegas na area de recreio. Depois, que elles contem espontaneamente as impressões recebidas.

Quanto eu gostava de ver, naquelles tempos da meninice, as tropas e as boiadas que atravessavam as ruas da minha terra! Não seria dahi que me veio a idéa de incluir no "Vocabulario Analogico" um capitulo sobre as cores e os signaes dos cavallos e dos bois? Com que curiosidade eu reparava nos tropeiros e boiadeiros, talvez desejando ser um delles na sua vida afanosa e aventureira"?

Oh! é conveniente entrar sem demora na vida social, quando o menino ou o joven pretende conquistar o mundo! O sentimento de admiração, que ahi se exerce, expande-lhe o ser, projecta longe o seu pensamento, deixa-lhe recordações aprazíveis. E' aquelle homem eminente que conheceu, aquella menina formosa que admirou, aquella velhinha intelligente que tratou com respeito, aquelle incansavel operario satisfeito com a sua sorte. Exprime uma verdade este pensamento de Goethe: "Só a humanidade inteira é o verdadeiro homem; o individuo, para ser feliz e contente, deve ter a coragem de sentir-se parte desse todo".

Iniciada na socialização, já a cultura civica da classe se torna realizavel. Ella discutiu e approvou o estatuto de seu club: fez trabalho do poder legislativo. Elegeu a directoria: realizou com isso uma eleição. O presidente que escolheu é o chefe do poder executivo. A pena que impoz a um dos socios, depois de julgar o seu procedimento, lembra o poder judiciario.

O programma official de instrucção civica está elaborado de molde a orientar bem as aulas respectivas. As *Normas civicas*, que elle contém, constituem para as creanças os dez mandamentos do patriotismo.

Vou apresentar-vos em tres lições resumidas, a interpretação de outros tantos pontos do programma, que são os seguintes: a Bandeira Nacional, o juiz de direito, a historia de tres leis. Está claro que taes aulas presuppõem a necessaria coordenação anterior, o preparo de espirito dos alumnos e a opportunidade que se offerece. Não se comprehende, mórmente no curso primario, uma serie de aulas desconnexas, que fragmentam o centro de interesse do dia lectivo. Torno a dizer-vos que o ensino é uma construcção, e não um monte de materiaes. Equivalem, portanto, a simples suggestões as aulas que se seguem.

4. *A Bandeira Nacional*

P. Como se chama esta bandeira?

A. Bandeira Nacional.

P. A que paiz ella pertence?

A. Ao Brasil.

P. Para que serve a bandeira, Dulce?

A. A bandeira representa o Brasil, a nossa Patria.

P. E os outros paizes tambem possuem bandeira, Floriano?

A. Todos os paizes possuem.

P. Seria talvez interessante fazer uma collecção de bandeirinhas, cada qual de um paiz. Mas, vamos descrever a nossa, que aqui se acha deante de vocês. Qual a côr que occupa maior espaço na Bandeira Brasileira?

A. E' a côr verde.

P. Lembra o que, essa côr?

A. A côr das arvores. — A côr dos campos. A côr das matas.

P. O verde é a côr da vegetação que cobre a terra e deve cobril-a. A terra brasileira está pedindo essa côr, o verde dos cereaes, o verde dos pomares, o verde dos pastos, o verde dos quintaes, o verde de todas as plantações. No dia em que esse verde produzido pelo trabalho cobrir a maior parte da terra brasileira, nesse dia o Brasil terá fartura e poderá alimentar outros muitos paizes. E o verde tambem significa outra coisa, quem sabe?

A. O verde quer dizer esperança.

P. E' tambem a côr da esperança e o nosso Brasil é um paiz esperançoso, principalmente quando seu povo for educado.

E a outra côr da bandeira, qual é, Renato?

A. Amarella.

P. Côr de que mesmo? Aqui lhes mostro no meu reloginho.

A. Côr de ouro.

P. A côr de ouro da bandeira lembra riqueza, que ha tanta, escondida em nossas terras, á espera do esforço, da coragem e da instrucção. Mais outra côr ahi está, a azul, côr de que, Lourdes?

A. Côr do céo.

P. E que existe nesse azul?

A. Vinte e uma estrellas que representam os Estados do Brasil.

P. Ainda ha esta faixa branca, que corta o circulo azul da bandeira. Que é o que está escripto nella?

A. Ordem e Progresso.

P. Qual de vocês quer hastear a Bandeira? Vem hasteal-a, Alfredo, emquanto os outros cantarão o Hymno Nacional. — Agora, venha um de vocês recitar o Hymno á Bandeira, como saudação a ella.

5.° *O juiz de direito*

P. Hontem veio visitar a escola o dr. Alvaro Alencar. Ficaram conhecendo-o?

A. Ficamos, sim, senhora. E' o juiz de direito da comarca.

P. Assim eu o apresentei. E porque já tive occasião de explicar-lhes o que é comarca, vou falar apenas no juiz. E' elle a primeira auctoridade da comarca, o principal distribuidor da justiça. Eu explico melhor: si, por exemplo, uma pessoa é presa sem ter feito crime algum e está na cadeia, porque o delegado quer vingar-se, ella recorre ao juiz de direito, que de accordo com a lei manda soltal-a.

A. Então, o juiz vale mais do que o delegado.

P. Quem vale mais é propriamente a lei. O juiz apenas a cumpriu.

Outro caso: si Antonio quer ficar á força com um terreno que pertence a José, este recorre ao juiz, trata da questão e prova que o terreno é seu. O juiz lhe dá sentença favoravel e está acabada a questão, ainda que seja preciso empregar força para executar a sentença. A lei garante o direito de propriedade. Ninguem póde tomar a casa de seu dono, não acham acertado?

A. Achamos muito certo.

P. Vocês assistiram á sessão do jury. O juiz de direito a presidiu, dirigindo os trabalhos e applicando a pena de conformidade com a lei. — Já visitei com vocês, nesta cidade, a casa onde o juiz trabalha, aquelle grande predio que fica na rua Direita. Alguem se lembra do nome delle?

A. E' o Forum, lembramo-nos muito.

P. Pois, naquella casa trabalham o juiz de direito e outros empregados da justiça. O nome delles todos parece com o nome da casa: é o fôro. Escrevam no quadro e leiam as duas palavras.

A. Forum, fôro.

P. O juiz de direito precisa de ser homem illustrado, independente e justo. Qualquer não serve para juiz, nem mesmo sendo formado. Juiz é como o nosso: não tem vicios, estuda sempre, não entra em politica, é sereno e ponderado, todos lhe têem respeito. Ainda ha poucos dias elle deu sentença contra um amigo e de noite foi visital-o. Todo o mundo sabe que elle é a justiça personificada .

A. Esse é o dr. Alencar?

P. Elle mesmo, a quem vocês todos devem respeitar. Além de que, elle tem amizade á escola, reconhece o valor della e a prestigia com a sua auctoridade. Um juiz assim garante a todos. Algum de vocês quer escrever no

quadro uma phrase a respeito do nosso juiz? Venham um menino e uma menina.

A. Nós gostamos do dr. Alencar.

—Viva o nosso juiz de direito!

6.° *A historia de tres leis*

P. Vocês sabem como se faz uma lei. De que maneira aprenderam a fazel-a? Conte-nos isso. Raphael.

A. Nós nos reunimos em Congresso. Eu apresentei um projecto, creando o Club de leitura. Nomeou-se uma commissão para dar parecer sobre elle, foi depois discutido e approvado. O Ernesto, no logar de Presidente do Estado, o sanccionou, e o Pedrinho, como Secretario do Interior, não me recordo agora o nome...

P. O Secretario referendou a lei, que foi publicada. Mas, eu quero contar-lhes a historia de tres leis importantes de nosso paiz: a primeira, chamada lei do Ventre Livre, declarando que ninguem mais nasceria escravo no Brasil. O principal auctor dessa lei foi o Visconde do Rio Branco, que fez nesse anno, 1871, vinte e um discursos para defendel-a.

—Querem conhecer um caso interessante dessa época?

A. Queremos, sim, senhora.

P. Ao ser approvada a lei do Ventre Livre, o Ministro dos Estados Unidos, erguendo do tapete do Senado algumas das flores que o povo atirara sobre a cabeça de Rio Branco, assim se exprimiu: "Vou mandar estas flores para o meu paiz, afim de mostrar como aqui se faz uma lei que lá custou tanto sangue". Vou contar-lhes a historia da outra lei. Esta primeira, como se chama mesmo, Rachel?

A. Lei do Ventre Livre.

P. Em 1880 começou a phase mais intensa da abolição, quando Joaquim Nabuco, com a eloquencia admiravel que possuia, realizou a primeira conferencia emancipadora. Formaram-se por esse tempo diversas sociedades libertadoras, sendo a mais importante de todas a Confederação Abolicionista, fundada pelo tribuno inegualavel que foi José do Patrocinio. Dirigida por João Clapp, a Confederação abolicionista desenvolveu-se extraordinariamente com o grande numero de sociedades confederadas. Lembram-se vocês em que parte do Brasil começou a libertação dos escravos?

A. Foi Ceará o primeiro que libertou os escravos, em 25 de março de 1884.

P. Muito bem. José do Patrocinio, que estava então em Paris, escreveu a Victor Hugo nestes termos: "Venerando Mestre. Dentro de tres dias, uma provincia brasileira, o Ceará, decretará e fará cumprir a seguinte lei: — Ninguem mais morrerá escravo no meu territorio". — E Victor Hugo respondeu-lhe, começando por estas palavras: "Uma provincia do Brasil acaba de declarar abolida a escravidão no seu territorio. Para mim esta noticia tem um alcance immenso".

A. Quem era Victor Hugo?

P. Um dos maiores poetas da França, um dos representantes mais elevados da literatura franceza, o qual sempre amou a liberdade. — Vou contar-lhes agora a historia da lei de 13 de maio... Qual foi o anno da abolição?

A. Foi em 13 de maio de 1888.

P. Isso mesmo. No dia 8, o projecto foi recebido na Camara dos Deputados, no meio de palmas e applausos. Approvado no dia 9, seguiu para o Senado, que o approvou no dia 13, sendo neste dia sanccionado pela Princeza Isabel, ás 3 horas e quinze minu-

tos da tarde. Da commissão incumbida de levar o autographo, fez parte um dos mais eminentes abolicionistas, o conselheiro Dantas, "o qual, pouco depois, entrava na rua do Ouvidor, carregado nos braços de alguns populares e no meio de um verdadeiro delirio de vivas e acclamações".

A. E foi muito festejada a abolição?

P. "Dez dias, diz um historiador, duraram as festas commemorativas do grande acontecimento, e tão extraordinario foi o regosijo publico manifestado naquella occasião, que de outro egual não ha, nem houve jamais, memoria na nossa terra".

A. Nós queriamos ver a lei.

P. Ella se chama *lei aurea* e eu a trouxe, copiada por mim em letras côr de ouro, para mostral-a a vocês. Aqui está.

—

Vida de Pestalozzi

Por impedimento da professora Benedicta Valladares Ribeiro, o sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção, discorreu sobre a vida de Henrique Pestalozzi e as lições que della devem tirar os professores; as suas grandes virtudes e grandes defeitos; como conseguiu transformar a escola de seu tempo; quaes os principios pedagogicos que lançou; quaes os processos didacticos que poz em pratica.

—

Cultura Profissional

Por impedimento da professora Luiza Valladares Ribeiro, o sr. dr. Mario Casasanta realizou mais uma conferencia para as professoras-alumnas do curso.

Mostrou a necessidade da cultura profissional dos professores, que se póde perfazer através da observação e da experiencia, da colheita de impressões de outros professores e do estudo meditado de obras referentes á educação.

Abordou varias praticas de ensino, erroneamente postas em uso, concitando os professores a renovarem dia a dia a sua technica, á luz das experiencias vencedoras nos grandes centros de civilização.

Traçou a disparidade existente entre a nossa organização politica, que é a de uma perfeita democracia, e o mau papel da escola, de não preparar cidadãos para realizarem a sua funcção civica.

Na verdade, tal qual se acha constituida, com uma rigida noção de disciplina, que regulamenta miudamente a vida da creança e lhe tolhe toda a iniciativa, pondo como base das virtudes uma obediencia silenciosa e mussulmana, a nossa escola mais tem servido para preparar vassallos do que cidadãos.

Passou a ler topicos de um trabalho publicado na "Revista do Ensino", sobre a pedagogia dos chinezes, para comprovar como transforma, deforma e amesquinha o povo um systema de educação que não tem por fim o desenvolvimento da individualidade.

—

O encerramento do Curso

O encerramento dos trabalhos do curso, que duraram um mez, foi noticiado pelo "Minas Geraes" nos seguintes termos:

"O encerramento solemne, hontem, do curso de aperfeiçoamento para professores primarios attrahiu, ás 15 horas, notavel concorrencia de figuras do nosso magisterio e de outras pessoas gradas, ao edificio da Camara dos Deputados, onde o curso funccionou por espaço de um mez, com os mais auspiciosos e abundantes resultados.

Abrindo a sessão, o sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção, deu a palavra ao professor Firmino Costa, director technico do Curso de Applicação da Escola Normal Modelo. Este proferiu, então, excellente conferencia sobre Pestalozzi, traçando-lhe a vida e commentando-lhe a obra, por fórma commovida e commovente. Foi uma bella pagina, em que o auctor desenhou com nitidez a existencia evangelica do cidadão de Zurich, propondo-o como um modelo dos educadores que aspiram realizar plenamente a sua missão.

O professor Firmino Costa recebeu muitos applausos ao terminar.

Em seguida, a professora Sylvia Fernandes, directora do grupo escolar de São Lourenço, fez delicada saudação ao dr. Mario Casasanta, director do curso e aos professores regentes das suas diversas cadeiras. A oradora accentuou a grandeza da obra que tão modestamente acaba de ser realizada, em trinta dias de trabalho carinhoso e tenaz, e que representa um esforço a mais em beneficio da reforma dos nossos methodos pedagogicos, e consequente renovação do ensino.

Cessadas as palmas que recebeu esse discurso, a professora Olga Santos, do grupo escolar "Assis das Chagas", em nome das suas collegas desse estabelecimento, que fizeram o curso, prestou identica homenagem ao sr. inspector da Instrucção e demais professores, affirmando, com applausos dos presentes, o quanto eram todas gratas ao gesto benemerito do governo mineiro, que lhes offerecera uma nova e fecunda opportunidade para o enriquecimento de sua cultura profissional.

Seguiu-se com a palavra o sr. dr. Mario Casasanta, que pronunciou fulgurante oração, enthusiasticamente recebida pelo auditorio, que não lhe regateou applausos calorosos.

Damos abaixo o discurso de s. exc.:

"Minhas senhoras, meus senhores,

Ha um mez justo, iniciavamos este curso de aperfeiçoamento. Não o precederam grandes annuncios nem o cercou o menor apparato. Tanto se nos afigurava que a sua assistencia, por força das condições de que o cercámos, seria diminuta — que ficára determinada a sua installação numa das salas de aula do grupo "Affonso Penna", offerecida, preparada e adornada, com carinho, por sua boa directora.

Destinava-se o curso a indicar ligeiramente ás professoras de boa vontade os topicos essenciaes da nova escola e desdobrar-lhes aos olhos — novos e largos horizontes, para os quaes as seduziria a dirigirem a sua actividade abençoada de semeadoras.

Acreditamos sinceramente na efficacia desses cursos, não só porque temos colhido fructos que vemos e apalpamos, e não só tambem porque se vêm elles realizando já de ha muitos annos nos grandes centros de educação, mas ainda por uma razão trivial e visivel. E é esta: si um livro ou, ainda menos que um livro, si uma palestra com um amigo ou, ainda menos que uma palestra, si uma simples regra de conducta tem em si força sufficiente para modificar a vida de um homem, o rumo de uma civilização ou a côr de um seculo, é claro que uma série de conferencias justas e simples, feitas sobre uma profissão, para profissionaes dessa profissão— ha de, por força, produzir bons resultados. Accresce que o nosso curso comprehenderia mais de setenta conferencias e que os pontos essenciaes de methodologia haviam de ser pisados e repisados por todos os professores, por causa da intima interpenetração de todas as materias.

O curso iria inciar-se, por conseguinte, com simplicidade, porque a assistencia era obrigatoria

apenas para um reduzido numero de professoras, e as outras, que o quizessem acompanhar, o acompanhariam sem dispensa do trabalho quotidiano.

Tenho presente aos olhos e ao coração o admiravel espectaculo humano que representastes, em nosso primeiro dia de trabalho. Acudistes em tamanha multidão que não somente enchestes a sala designada, mas em pé, entre as carteiras, occupando todos os espaços intermediarios, agrupadas fora da sala e na frente das janellas e das portas, acotovelando-vos nos corredores, na attitude de quem quer escutar, — symbolizaveis, assim, em toda a sua preclara magnitude, a ansia dos mestres mineiros pelo seu aperfeiçoamento e pela sua cultura.

Disse-vos então que o grande presidente Antonio Carlos e o nosso illustre chefe sr. Francisco Campos, illuminados constructores de nacionalidades, haviam de sentir-se sobejamente pagos dos dissabores que a vida publica ordinariamente offerece a quantos a ella se consagram com a aspiração do bem collectivo, pagos, repito, de todos os seus esforços e sacrificios, vendo esta magnifica assembléa de professores aqui reunida por todo um mez e espontaneamente, para a realização da grandiosa reforma de ensino por elles sonhada, traçada em lei e só agora em plena execução.

Não póde haver por certo maior recompensa, porque, trabalhadores do futuro e para o futuro, vós antecipaes o juizo da posteridade ácerca daquelles que tiveram a visão exacta do nosso maior problema e coragem bastante, para defrontal-o, sem timidez nem vacillação.

Eu recebi, por isso, no nosso primeiro dia de trabalho, a mais viva e eloquente das lições, deante de vossa attitude, que era uma expressão de coragem e era um acto de fé. O attrito diario com os homens, no inevitavel entrechoque dos interesses e das posições, dá-nos uma falsa noção dos seres e das coisas. Só de longe, no tempo ou no espaço, é que conseguimos julgar, com acerto, os acontecimentos em que tomamos parte e os homens ao lado de quem ou contra quem combatemos.

Por onde se vê que o nosso ambiente de lucta é por vezes o que menos conhecemos e o que nos ministra maiores surpresas, porque só os sabios é que podem discernir o trigo do joio, quando esse trigo e esse joio são quotidianos e ordinarios.

Dir-vos-ei, portanto, que a solicitude com que acudistes ao appello do nosso sabio governo, suscitou em mim uma das mais bellas emoções da vida, porque viestes provar, deante de meus olhos que não viam, que deslumbrante sub-sólo de idealismo, de sentimento e de espiritualidade a nação brasileira tem no formidavel professorado de Minas Geraes.

Trabalhámos assim, já desde o segundo dia, transferidos para esta sala da Camara dos Deputados, durante um mez inteiro de sete horas e meia ás dez da manhã. Mais de uma centena de professoras não perdeu uma só aula, não se forrando a esforços nem a sacrificios. Entretanto, que sacrificio para aquellas de vós que, obrigadas a um trabalho extraordinario e em hora tão matinal, ainda tinheis de voltar para a vossa classe, continuando a vossa tarefa de todo dia!

Pois bem. Ao terminar o nosso curso de aperfeiçoamento, não me parece bem deixar-vos partir, sem que vos diga algumas palavras amigas. Não vos direi palavras de agradecimento, porque o agradecimento deve ser de nossa infancia e de nossa Minas. Uma não tem ainda coração para vos comprehender nem linguagem para vos falar. Outra, a nossa Minas, vós a tendes verdadeiramente tangivel e real dentro de vossos corações, para assim a elevardes,

como a vindes elevando, á proporção que ergueis comvosco e em vós, o nivel espiritual de nosso professorado.

Não vos direi palavras agradecidas, mas palavras amigas e serenas, de uma simples testemunha de vista de vossa dedicação e intelligencia:

Senhoras professoras.

Podeis voltar, com a consciencia tranquilla, para vossas casas. Ide alegres, porque cumpristes o vosso dever. Durante um mez inteiro, accrescentastes, cada dia, perto de cinco horas de esforço á vossa tarefa fatigante. Por que? Porque desejaveis augmentar a vossa cultura. Porque, insisto, si a paga material é a mesma tanto para os bons quanto para os maus professores? Porque desejaveis aproveitar melhor o pelotão de pequeninos que se vos confiou. Para que? Para melhor servirdes a Minas e ao Brasil, dando-lhes cidadãos dignos e capazes.

Voltae, pois, contentes de vós mesmas, pelo nobre esforço despendido, esperançosas de exito e de triumpho na vida, porque tendes vontade, e certas de que, si olhardes bem para o céo que envolve a vossa casa, vereis pairar sobre ella, como uma grande ave luminosa de azas abertas, a benção de todos aquelles que amam verdadeiramente o Brasil, de cuja grandeza futura já não nos será licito duvidar, si todos os nossos mestres o souberem ser, como deslumbrantemente nos revelastes, que sois.

Minas pode orgulhar-se da simplicidade, pureza, intelligencia e dedicação de seus professores."

Serenadas as palmas com que o auditorio assignalou o fim da oração do dr. Mario Casasanta, foi, por este, encerrada a sessão."

A voz da pratica

Nesta secção serão acolhidos os trabalhos de collaboração do nosso professorado, bem como de outros funccionarios do ensino, desde que se coadunem com o programma da "Revista".

Lições modelo

CENTRO DE INTERESSE: A ABELHA

Observação — Apresentar o desenho da abelha e da colmeia (em ponto grande). Mostrar coisas reaes como — favos cheios de mel, e outros vasios. Chamar attenção dos alumnos para os troncos das arvores.

Linguagem — Conversar com os alumnos sobre a abelha e a colmeia; explicação acerca dos insectos. Como é feita a colmeia e quem a faz. Fabricação do mel e cera. Contar como se obtêm estes productos. O papel que a flor desempenha. Utilidade da cera em moldes para dentaduras, em velas e flores. Utilidade do mel em medicamentos, balas e vinhos. Dizer como são feitos os favos.

O cuidado que se deve ter com as abelhas, afim de evitar as ferroadas que ellas dão.

Leitura — A gravura reproduz uma creança com balas de mel. Escrever em tiras de papel palvras relativas ao centro de interesse; distribuil-as aos alumnos para que leiam e distingam aquellas que correspondam ás expressões escriptas no quadro negro.

Sentenças — A abelha produz o mel.

O favo é feito de cera.

Bala de mel é boa.

Viva a abelha.

Desenho — Copiar a abelha e a colmeia do quadro negro. Fazer os alumnos desenhar uma flor.

Occ. froebeliana — Collar figuras de insectos. Recortar figuras de abelha, favos de mel, flores. Modelar a abelha, a colmeia. Fazer com cera diversos trabalhos taes como — folhas, flores e fructos.

Ex. de pensamento — Suggerir idéas expontaneas sobre mel, cera e favos.

Escripta — Emprego de palavras como — mel, flor, cera, colmeia.

Calculo — Contar as abelhas, favos e balas de mel. Dar aos alumnos idéa de dezena.

Exs. sensoriaes — Differençar, pelo paladar, o mel de outros productos, (assucar, farinha, etc.). Distinguir a abelha entre outros insectos (borboleta, besouro, gafanhoto). Notar o zunir da abelha. Observar a fórma dos favos e da flor pelo tacto.

HELENA ROCHA

(*Professora do jardim da infancia "Mariano Procopio", de Juiz de Fóra*)

CENTRO DE INTERESSE: O CARNEIRO

(Preparo de diversas lições para uma aula do 2.º periodo do jardim da infancia)

Observação —Estudar minuciosamente este animal.

Caracteres exteriores — Utilidade — Raças — Alimentação. Todas essas observações serão feitas em gravuras e animal (brinquedos).

Comparação — Apresentar aos alumnos varias estampas representando o cão, o gato, a cabra e afinal o carneiro. Contar as patas dos animaes. Mostrar a differença do revestimento do corpo. Indicar tambem que a alimentação dos mesmos é differente (carnivoros, herbivoros). Para melhor comprehensão, mostrar um pedaço de carne e alguma forragem. Notar a lã do carneiro e o pello dos outros. Observar a differença existente entre a conformação dos pés do carneiro (casco fendido) e do gato (pés tendo os dedos terminados em unhas). Em seguida, attender a outras idéas apresentadas por alguma das creanças curiosas e attentas.

Associação — Palestrar sobre a lã do carneiro, antes da tosquia e depois em outras phases, até se ter transformado em fio e tecidos.

Falar sobre a pelle desse animal utilissimo a nós por servir para confecção de calçados, bolsas, etc. Falar sobre carne e sebo desse quadrupede, mostrando a lã, como alimento saudavel. Fazer o trabalho collectivo recortando gravuras de carneiros de diversas raças. Mostrar que a lã de alguns é comprida e de outros, curta. Falar sobre a falta de chifres para a defesa nos mochos, ao passo que outros têm, ás vezes, 2 ou 4 chifres curvos e deitados.

Expressão verbal—Convidar os alumnos para falarem tudo que saibam do carneiro. Leval-os, por meio de perguntas, a contarem que o carneiro vive junto do homem; soffre até a morte sem dar signal de resistencia; defender-se, quando perseguido, dando cabeçadas. . .

Proseguir nos conhecimentos mais uteis.

Para ser recreativa a lição, contar historietas e fabulas em que este animal quasi sempre nos ensina a pratica da mansidão.

Contar uma historia provando que os carneiros são muito unidos; por exemplo:

"O pastor e o carneiro — Dormia o pastor e, mal acommodado, movia com a cabeça ora para um lado, ora para outro, em vez de velar pelo seu rebanho, que pastava fora do aprisco.

Era pouco cauteloso.

Um dos carneiros reparou aquillo e, desejoso de verificar a resistencia da cabeça do homem, dá-lhe uma grande marrada, que o desperta.

O pastor levanta-se atordoado e, cheio de raiva, persegue o animal, que se põe a correr e se precipita em um abysmo.

Os outros, vendo-o atirar-se no desbarrancado, fazem o mesmo de um em um, até que o ultimo poz fim ao rebanho.

Assim tudo perdeu o pastor inconsiderado".

Mostra esta historia o valor da vigilancia para conservar os bens.

Expressão abstracta — Leitura — Leitura no quadro-negro; com fichas de cartolina, escrever as sentenças:

O carneiro come capim.

Papae tem um carneiro.

A lã é do carneiro.

Fazer que em coro os alumnos repitam a leitura das fichas. Será destacada no quadro-negro, escripta a giz de côr, a palavra *carneiro*.

Desenho — Depois de observar uma pintura ou croquis no quadro-negro, representando o carneiro, pastor, aprisco, novello de lã, capote, levar a pequenada a desenhar de imaginação uma das figuras.

Expressão concreta — Escripta. Escrever em papel sem pauta e a lapis, algumas das palavras da lição de leitura. Como primeiro passo, traçal-as no ar, indicando os movimentos; depois repetir este traçado, pedindo que os alumnos façam o mesmo com os dedinhos. Afinal, a escripta no papel. Plena liberdade neste trabalho. Trabalho manual e modelagem. — Recortar gravuras e depois fazer observação sobre as differenças possiveis.

Como modelagem, procurar fazer um carneirinho ou as letras da palavra *carneiro*, de massa ou plastilina.

Medida e numero — Numerar as patas, os chifres, os olhos do animal.

Contar as figuras recortadas ou desenhadas. Medir o comprimento de um fio de lã ou de fazenda, empregando o palmo.

Fazer outros exercicios analogos, que possam dar idéa de somma.

Religião — Falar sobre a preferencia de Jesus pelo cordeirinho, que apontava como a imagem da innocencia e mansidão.

CORNELIA GOULART

(Professora do jardim da infancia Mariano Procopio, de Juiz de Fóra).

CENTRO DE INTERESSE: A GALLINHA

Observação — Deante da figura de uma gallinha de massa, observar minuciosamente esta ave; seus caracteres exteriores, sua utilidade e alimentação. Reparar attentamente em um pintinho e um ovo.

Associação — Comparar a gallinha com outras aves; diversas raças de gallinha. O gallinheiro, o poleiro; utilidade do ovo.

Linguagem — Dirigindo perguntas aos meninos, incitando a sua observação, fazer com que exponham todas as suas idéas relativas á gallinha e outras aves.

Fazer com que falem sobre os caracteres exteriores que veem deante de si, sobre a alimentação e utilidade da gallinha; sobre suas diversas côres e fórmas, para distincção das raças.

Mostrando aos pequeninos um pintinho e um ovo (ou a figura dos mesmos) fazer com que manifestem seus conhecimentos, dirigindo-lhes perguntas interessantes. Falarão sobre o aspecto externo do pintinho, do seu modo de vida, aspecto do ovo, sua utilidade.

Assim, em palestra com a classe, a professora irá com carinho corrigindo os defeitos de linguagem e as idéas erroneas de seus alumnos.

Quando os pequeninos já possuirem idéas multiplas e necessarias sobre a gallinha e as aves em geral, a professora lhes contará fabulas relativas ás aves, como a da "gallinha dos ovos de ouro", procurando fazer com que os meninos a comprehendam e tirem della o fundo moral.

Calculo — Contar algumas figuras de aves apresentadas ás creanças.

Fazer com que observem quantos pés, azas e dedos tem uma gallinhas, duas e tres. Propôr pequenos problemas como: João possuia 4 gallinhas e recebeu (ou deixou fugir) duas; com quantas terá ficado?

Leitura e escripta — Para relacionar a lição de leitura com o centro de interesse do dia, a professora escreverá no quadro negro, ao lado do desenho, as palavras *ave e ovo*. Depois de feita a leitura das mesmas, procurará fazer com que os pequenos alumnos as formem, tendo á mão as letras necessarias.

Copiarão depois estas palavras no quadro negro e em seus caderninhos.

Desenho — Copiar os desenhos feitos no quadro negro pela professora. Desenho expontaneo sobre o assumpto.

Occupação froebeliana — Recortar figuras de aves.

Trabalho collectivo sobre aves.

Occupação montessoriana — Para desenvolvimento da vista, distinguir côres de aves diversas (em figuras). Para educação do tacto, dar a forma de ave á cêra.

Moral — Chamar a attenção dos meninos para o amor materno que se vê entre as aves: a gallinha agasalhando seus pintinhos, o passarinho alimentando seu filhote, etc.

Occupação decrolyana — Jogos educativos relacionados com a lição.

IRENE LUSTOSA

(*Professora do jardim da infancia "Mariano Procopio", de Juiz de Fóra*).

Daqui e dali

Dois mezes em Bello Horizonte

O dr. Th. Simon, scientista eminente, collaborador e continuador de Binet nos seus trabalhos de psychologia educacional, que renovaram o ambiente da escola, acaba de transmittir aos seus patricios, em interessantissima exposição, que transcrevemos, as impressões de sua viagem a Minas Geraes. E' sabido que coube ao nosso governo a iniciativa de chamar para a Escola de Aperfeiçoamento, em sua phase inicial, um grupo de technicos e de pedagogos europeus, entre os quaes a figura particularmente sympathica do illustre medico de Perray-Vaucluse. Em Bello Horizonte, onde habitou alguns mezes, o dr. Simon exerceu com agudeza os seus dotes de observação, sobre todo o nosso apparelho escolar. O resultado são estas paginas muito expressivas, que a Inspectoria Geral de Instrucção achou conveniente traduzir e divulgar, e que foram lidas, pelo seu auctor, em reunião da Sociedade "Alfred Binet". Paris, na presença do embaixador Souza Dantas. São traços de um espirito fino e desembaraçado, passeando agilmente sobre coisas e panoramas extranhos, e não se deixando turbar nunca pela transição brusca de plano e de ambiente. Estudando o nosso esforço pedagogico, procurou ser justo e definir exactamente as proporções da obra que emprehendemos. Tal de suas impressões, com algo de anecdotico e pittoresco, ajunta mais encanto a esse quadro, que, por certo, attrahirá a attenção dos nossos leitores.

Convidado pelo governo do Estado de Minas, embarquei para o Brasil a 5 de fevereiro ultimo. Penso que vos seria agradavel emprehender a mesma viagem, tanto mais que vos seriam poupadas as hesitações da partida e as difficuldades inherentes a qualquer missão.

Pois bem, não é sem apprehensão que nos resolvemos a embarcar; imaginamos com temor as novas condições que vamos encontrar e, de resto as imaginamos erradamente. Abandonarmos, por qualquer cousa de desconhecido, a tarefa que estavamos realizando, a vida, talvez rotineira mas regrada, a que já nos habituáramos... Accrescentarei que, se as nossas administrações favorecem esses deslocamentos, e eu fiquei realmente sensibilizado pela solicitude que me dispensaram, os regulamentos que os tyrannizam impõem, entretanto, a obrigação de nos afastarmos dellas, e sabeis que isso não se faz nunca sem pezar, mesmo por pouco tempo. Não digo nada sobre outras separações, de que as plataformas das estações são testemunhas habituaes... Quanto aos motivos da partida, que devem vir no fim de tudo isso, além do demonio da aventura, que represen-

ta, sem duvida, um papel occulto, acenavam-me, "là-bas", com um paiz novo e um esforço pedagogico de que agora mesmo apreciareis as provas; exprimiam-me o desejo de que as professoras daquella região fossem iniciadas nos methodos que, após a morte de Binet, me esforço por levar adeante, e que são francezes, embora muita gente, entre nós, os julgue americanos. Fizera-se, aliás, a mesma proposta a uma directora de escola, que não poude acceital-a. Iriamos, pois, declarar fallencia? Evidentemente era necesario partir.

Embarquei em Cherburgo, num navio inglez, da Royal Mail Co., o "Alcantara". Tendo regressado, havia pouco, do Canadá e dos Estados Unidos, não me sentia muito aterrorizado com a perspectiva de novos contactos com "stewards" de cabine e de convéz, só falando inglez, si bem que eu maneje muito mal essa lingua. Adémais, o "Alcantara", sob certos pontos de vista, é um bellissimo navio, dotado de piscina, sala de jantar e salões vastissimos, com um convéz de passeio muito largo, o que não é de desdenhar para os passeios habituaes — e não ha outros a fazer durante 15 dias.

Primeira parada em Vigo; segunda em Lisbôa, que eu já conhecia e onde não desci; terceira e ultima no Rio de Janeiro. Doze dias sem escala. Passámos á esquerda de Teneriffe, de que vislumbrámos o pico entre duas nuvens, coberto de neve ás 7 horas da manhã, e atravessámos a linha equatorial; aliás, só percebemos esse facto pelo calor cada vez mais intenso que fazia.

Desde Lisbôa, a primavera. Mas, passada a linha, si bem que todo convez esteja coberto, e toda janella escancarada, não entra um sopro de ar. Mar calmo, alguns cardumes de peixes-voadores e o sol implacavel. . . As proprias noites tornam-se asphyxiantes. Dia a dia se affixam noticias chegadas pelo T. S. F.: o gelo do lago de Genebra, o rompimento dos canos d'agua de Londres, a patinação em Paris. . . E' tão difficil representar-vos o calor que começavamos a soffrer, quanto nos era a nós sentir frio, a despeito dessas informações que brigavam todo dia com a nossa situação.

Marginamos a ilha ridente de Fernando Noronha, em que se localiza um presidio.

Avistamos a costa de Pernambuco, — opportunidade para os passageiros acostumados á travessia contarem historias de tubarão, mais ou menos meridionaes. E' possivel que estejamos vendo o dorso de alguns delles. O calor torna-se cada vez mais penoso: um halito pesado, uma continua transpiração. . . Apesar de tudo isso, ha baile no tombadilho, mas a verdade é que a gente quasi não podia supportar as cabines. Agora, precisam-se as informações: devemos chegar ao Rio entre 2 e 3 horas da madrugada.

Noite de insomnia, é claro. Bagagens amontoadas á pressa, e depressa no tombadilho! Entramos lentamente entre os fogos dos pharoes. A linha das montanhas perfila-se, arredondada e sombria, emquanto que toda a bahia é illuminada por uma rampa electrica de muitos kilometros. A' esquerda, á direita, á frente, por toda a parte em que se lance o olhar, vêm-se fogos. Navios passam na obscuridade, deslisando sem rumor. O nosso detem-se, sommando-se ao silencio. E a espera nessa obscuridade, com a vida que sentimos tão perto, mas que a essa hora não se ouve, deixa uma impressão inteiramente extranha.

Depois, eis que bruscamente o céo se torna roseo, as montanhas se tingem, e o mar apparece, sem uma vaga, como de chumbo. Esse raiar de aurora me pareceu, a principio, antes sinistro do que alegre, mas de uma grandeza incomparavel e fulgurante. Manchas verdes aqui e ali, casas brancas, arranha-céos (felizmente raros, porque as curvas das collinas se

accomodam mal com essas arestas verticaes que cortam as suas sinuosidades), — e o navio costeia lentamente a alfandega e se approxima do caes.

Quando não se é propenso ao enjôo, e tenho essa felicidade, a vida a bordo é realmente uma coisa deliciosa, de sorte que, ao preparar-me para desembarcar, não deixava de sentir uma certa melancolia. Logo no caes, apertos de mão, vozes francezas. . . De francezes talvez? Não. Mas o engano é possivel. São membros da Associação Brasileira de Educação. Ha quem tome as nossas cartas para as fazer seguir de avião, ha quem nos retire as bagagens, quem nos conduza ao auto; de uma só vez, foram-se todas aquellas preoccupações que costumam envenenar as viagens. Não ha nada a fazer senão falarmos francez e nos acreditarmos de novo em casa. Pois bem! Asseguro-vos que quando se deixa um vapor inglez, planejando uma explicação em portuguez com algumas palavras aprendidas rapidamente no Berlitz e com o auxilio de um diccionario de algibeira, — experimentar, mais ou menos, a mesma impressão que já se havia sentido á chegada em Quebec, é uma coisa que espanta um pouco, mas que proporciona um rude prazer.

Todas as attenções nos são dispensadas. Sem duvida, ha um pouco de vaidade, mas quão legitima, em nos mostrarem immediatamente os explendores da paisagem, mas ha tambem piedade por nós. Sabem que não estamos acclimados ao ardor deste sol, e levam-nos para almoçar a algumas centenas de metros de altitude. Subimos ao Corcovado. Percorremos a Avenida Central e eis-nos agora em plena floresta tropical, porque a floresta, no Rio, está dentro da cidade. O funicular, elevando-se em meio das arvores, espanta essas borboletas cujo renome é universal. Vegetação luxuriante. Lá do alto, uns 700 metros, mais ou menos — vê-se toda a cidade, toda a bahia, todo o mar. . . O almoço foi delicioso, regado de agua, de guaraná e de café, como é de preceito.

A' noite, fui convidado para jantar no Jockey Club, pelo seu presidente, dr. Magalhães, devendo fazer em seguida, ás 21 horas, minha primeira conferencia. Volto, pois, ao hotel, visto-me a toda pressa e fico esperando. Haviam promettido procurar-me. Fico esperando. . . 20 horas e tres quartos, 21 horas, 21 e um quarto. . . Começo a inquietar-me. Desço á rua, subo para interpellar o gerente do hotel, com auxilio do pouco portuguez que possuo, peço-lhe que telephone, não comprehendo, naturalmente, nada do que elle me responde, torno a descer, espio os vehiculos, mas não posso sahir, porque está chovendo e não sei, de resto, para onde ir. Relampagos, trovões como só aqui se ouvem iguaes, e mais nada. A tempestade tornara inabordavel o logar em que ia realizar-se a conferencia. Em poucos momentos, a agua inundára a calçada e fizera desapparecer os passeios. Nem os autos e os bondes podiam mais circular, nem os pasageiros descer, a menos que se arriscassem a ficar com agua pelo joelho. Eis ahi um certo aspecto do Rio, bem raro felizmente, e que se deve precisamente á sua situação, pois todas as aguas que caem sobre as suas collinas se precipitam na bahia, atravessando a cidade,—e assegurar-lhes o escoamento continua a ser, para a municipalidade, um grave problema. Confesso que não nutro pelas conferencias um amor sufficiente para lamentar esse silencio obrigatorio, e provavelmente teria sido preferivel para vós que semelhante accidente occorresse hoje tambem.

Deixámos o Rio no dia seguinte: a conferencia foi adiada por dois mezes e então revi o Rio com o seu melhor clima, que não é o do fim do verão. Recordarei especialmente, e por muito tempo ain-

da, um passeio a Petropolis, que foi um verdadeiro encantamento... Mas voltemos á nossa viagem.

Tomámos o trem, no Rio, ás 20 horas. Deviamos estar em Bello Horizonte ás 11 horas do dia seguinte.

Bello Horizonte é a nova Capital do Estado de Minas Geraes. A antiga era Ouro Preto. A actual é uma cidade de 30 annos, portanto, mais moça que muitos dentre nós. Já conta mais de 100 mil habitantes e é muito extensa. Está longe de ser feia: avenidas largas, bonitas arvores, praças elegantes, e um bellissimo fundo de montanhas.

Bello Horizonte tem um traçado regular: avenidas de 30 metros e, dispostas num angulo de 45 graus, uma rêde de ruas. Não sendo plano o sólo, os accidentes do terreno acabam por tirar-lhe toda a monotonia.

Altitude de 900 metros, o que torna as noites bastantes frescas e a atmosphera de uma transparencia deslumbrante.

Uma terra vermelha, arida, escassa cultura nos arredores mais chegados, e arvores em vez de florestas. Não ha industria. Centro essenciamente politico e, sem duvida, dentro em pouco, centro commercial, mercê do apparelho ferroviario, para onde convergirão os productos do centro do Estado, notadamente minerios e rebanhos, antes de descer ao Rio para a exportação.

Na praça da Estação, ha pergolas por onde sobem roseiras. As casas são, na maioria, bastante baixas — um andar — e têm jardim.

Em redor da Praça da Liberdade, notavel pelas suas palmeiras e suas rosas, estão as diversas Secretarias e o Palacio da Presidencia. Os suburbios são extensos, toda uma multidão de casas espalhadas em torno da cidade.

II

Depois de uma primeira apresentação ao dr. Antonio Carlos, presidente do Estado, no acto inaugural da Alfandega, e após haver assistido, com o dr. Francisco Campos, Secretario do Interior, a um concerto symphonico, e em seguida a rapidos passeios com s. exc. nas immediações da cidade, para observar a physionomia da terra, penetrei, afinal, em uma escola.

Era a escola infantil "Delfim Moreira", situada mais ou menos a 500 metros do Grande Hotel, onde me hospedára. Segui a pé, sem avisar e, desde a entrada, fiquei captivo. O edificio não foi construido especialmente; é uma casa como tantas outras, mas talvez, e apesar de tudo, isso não prejudique e até contribua para lhe dar mais um ar de *casa* do que de construção escolar. As classes e os jardins adquirem, na luz daquella terra, um encanto, uma côr e uma alegria que só raramente encontramos entre nós. Accrescentae a isso creanças encantadoras, muito parecidas com as nossas, com o mesmo olhar e as mesmas faltas de geito. Por cima de tudo, nessa edade, como as relações se estabelecem mais por gestos, entonações e sorrisos do que por palavras, não ha necessidade de muito portuguez para a gente se entender. Um ambiente sem constrangimento, um piano, movimentos não rigorosos de conjuncto, mobiliario novo e adequado, mestras sorridentes, tudo isso me encantou. Voltei muitas vezes á escola " Delfim Moreira" e a minha impressão não se modificou nunca.

Vê-se aqui uma classe ao ar livre, em redor da "casa da boneca", que é uma casa de grandes dimensões... Todas as variedades de quartos ahi se representam com os moveis adequados. Eis a boneca. No fundo está a sala de jantar, que me fez recordar os grandes repastos, em Bois-Guillaume, perto de Rouen...

Antes de deixar a escola, as creanças cantam:

Tomo a cestinha e meu chapéo
e já me vou embora.

O sol descamba lá no céo,
sou de Mamãe agora.
Até amanhã,
meu bom Jardim!
Não te esqueças de mim,
meu bom Jardim!

Em seguida, para ficarmos tranquillos na hora da sahida e para que os papás nos achem socegados, dormimos uns dois ou tres minutos.

Mais tarde, visitei, em dois giros, todas as escolas primarias da Capital. Não vos falarei de todas; tive o cuidado de escolher... Para que guardar documentos sobre o que deve desapparecer, e quando vemos em nossa frente os edificios que se elevam para substituir os que, embora tendo apenas 30 annos, já não correspondem ao ideal que o Estado tem em mira?

1.º — Grupo escolar "Barão de Macahubas". 28 classes, 1.500 creanças. Bonita entrada: 1.500 alumnos, eis um effectivo que não é raro no Estado, em que se encontram frequentemente familias de 10 creanças. Pedi a photographia da classe que occupa um angulo do edificio. Era do 1.º anno e dirigida pela senhorinha Maria Semiramis. Além das fitas brancas no cabello, fere-nos logo a attenção o aspecto limpo e gracioso offerecido pela camisinha branca do uniforme e que se adopta em todas as escolas primarias. A classe é mixta: meninas e meninos são educados em conjuncto. Laços brancos nos lapis e, sobre o peito, uma fita com o nome da creança. Mas lancemos um olhar pelas janellas, e admiremos o horizonte que se desdobra aos olhos dos alumnos. Sob o sol, a vista é verdadeiramente esplendida.

2.º — Grupo "Affonso Penna". As classes do primeiro andar abrem, todas, sobre um alpendre. Ao centro, o patéo de recreio:

3.º — Do outro lado da rua, um pequeno curso technico, em que os alumnos trabalham por turmas. Trabalho em madeira. Fabricação de um carro.

4.º — Grupo "Barão do Rio Branco": uma sala central, duas alas em que as classes do primeiro andar se ligam por uma galeria. Si as classes são mistas, os pateos de recreio apresentam-se separados, como na maioria das vezes. O chão desses pateos é atijolado. Magnificos "flamboyants", com suas flores vermelhas e suas folhas largas, compõem um esplendido scenario.

5.º — Grupo "Bernardo Monteiro", no Calafate, bairro pobre. No pateo central, manifestação em minha honra. Não vos lerei os discursos então pronunciados, mas uma immensa bandeira franceza fazia parelha com a brasileira, e, ao terminar a gymnastica, toda a meninada cantou a "Marzelheza", exactamente como a cantam em nossas escolas, e podeis acreditar que era deveras commovente recolher assim, a 21 dias de distancia de nossa terra, taes manifestações de sympathia pelo nosso paiz.

Mas tambem foi uma das professoras desse grupo que me fizera esta confissão: "E' uma coisa horrivel a gente pensar que póde morrer sem ter visitado a França".

...Por fim, duas escolas ainda:

1.º — Uma escola maternal transformada momentaneamente em Escola de Aperfeiçoamento, para as profesoras do interior do Estado.

2.º — O grupo escolar "D. Pedro II", de estylo colonial.

Foi principalmente neste ultimo estabelecimento que eu estudei as creanças.

Vamos resumir agora, essa primeira parte.

Não podeis deixar de impressionar-vos com o esforço escolar que representam essas construcções. Entretanto, não soube dizer-vos tudo. Ficar em Bello Horizonte tambem não seria bastante para me inteirar da obra emprehendida pelo Estado de Minas Geraes. Devo á amabilidade do

dr. Francisco Campos, que não saberia agradecer sufficientemente, havel-o acompanhado, e á sra. Artus Perrelet (1), em uma viagem ao interior e da qual muitos aspectos pittorescos estarão sempre presentes ao meu espirito. Falta-me o tempo para falar-vos de nossa travesia do S. Francisco, sobre algumas pranchas, do ambiente dos banquetes que sobre certos pontos, lembram os nossos do tempo de Luiz XIV, da habilidade dos motoristas ao passarem, em plena noite, sobre dois paus collocados através do curso d'agua, quando não abrem elles mesmo o caminho. Só posso guardar dessa viagem a parte escolar. Tratava-se de inaugurar, em Pitanguy, uma Escola Normal e um grupo escolar... Comboio official. Alumnos agglomerados nas estações. Foguetes, hymnos e discursos em cada parada, e que discursos, meu Deus! O meu pasmo era verificar o quanto a minha prosa, traduzida nessa lingua quente, de intonações vigorosas, se tornava grandiloquente. Mas não é ainda sobre isso que eu queria falar. Ao mesmo tempo, o presidente do Estado, acompanhado do inspector geral da Instrucção, dr. Mario Casasanta, inaugurava, por sua vez, outras escolas normaes e outros grupos escolares. Em summa, é uma obra consideravel que se emprehende por toda a extensão do Estado, para a instrucção das gerações que chegam. E' um movimento que, ademais, soube ganhar a opinião e é hoje conduzido por ella.

Agora, talvez, me perguntei: que é que vós mesmos fizestes lá? Ahi está o objecto da segunda parte deste relatorio.

III

Quando chegamos em Bello Horizonte, a Escola de Aperfeiçoamento não se abrira ainda e o seu pessoal não estava reunido. Iniciei então, no salão de honra do grupo escolar " Barão do Rio Branco", uma série de conferencias sobre testes, para o professorado de Bello Horizonte, e demais pessoas a quem o assumpto pudesse interessar. Fiz essas palestras em francez, para auditorios que variavam de 300 a 500 pessoas, circumstancia que não assignalo por vaidade, mas porque revela ainda uma vez, até que ponto a nossa lingua é familiar por lá. Taes conferencias tinham logar duas vezes por semana, ás 19 horas e meia. Não falando no acolhimento do publico, a parte mais agradavel para mim eram os passeios subsequentes, no auto do dr. Francisco Campos, em companhia deste, pelas avenidas da Capital ou nos morros que a dominam e de onde se percebem as suas luzes fulgurantes, ou mesmo até pequenas cidades vizinhas, tão pittorescas, como Sabará, na relativa frescura da noite.

Aberta a Escola de Aperfeiçoamento, eu fazia nella, cada manhã, de 7 ás 9 horas, duas séries de demonstrações, approximadamente, no genero das que realizei nas Escolas Normaes daqui, mas o numero das alumnas (cerca de 150) e uma organização ainda incompleta não me permittiram dar-lhes o caracter de trabalhos praticos, que teria desejado, e certamente precisaria modificar o horario, si lá tivesse permanecido por mais tempo.

Na Escola de Aperfeiçoamento, o ensino em francez, a falar a verdade, apresentava algumas difficuldades. Uma conferencia só é assistida pelos que podem comprehendel-a. Em uma escola que reunia professoras de todos os pontos do Estado, em numero de 150 mais ou menos, havia forçosamente uma grande parte a que o francez não era familiar. Muitas começaram a tomar aulas supplementares da nossa lingua. mas, mesmo assim, era nescessario mais tempo para nos entendermos.

Notae, de resto, que se a ignorancia do francez era grande em vultuosa proporção das alumnas, o seu conhecimento, em outras,

vos teria surprehendido. Fiz por duas vezes, com grande alegria de meu auditorio, dois testes de orthographia: primeiro, um dictado simples, de poucas linhas; depois, uma lista de palavras, prova mais difficil, porque sem auxilio de qualquer diccionario.

Pois bem, no dictado de phrases, em 125 provas recolhidas, 26 não apresentavam um erro sequer, 29 apenas continham 1, 22 guardavam 2, 11 possuiam 3, e assim por deante. Não vos submetterei á prova do mesmo dictado em portuguez, mas ficaria admirado se vos sahisseis della de maneira tão honrosa.

Emfim, além das conferencias que pronunciei no grupo escolar "D. Pedro II" e das demonstrações e dos exercicios pouco numerosos da Escola de Aperfeiçoamento, levei a termo, nas escolas da Capital, e mais particularmente naquelle primeiro grupo, um certo numero de exames e de inqueritos.

Aqui, devo agradecer não só as auctoridades da instrucção, que me deram inteira liberdade de interrogar as creanças, como tambem a d. Helena Penna, que sempre nos recebeu amavelmente em suas escolas, e muito especialmente a d. Maria Luisa de Almeida Cunha, assistente technica do ensino, e a d. Zelia Rabello, directora do grupo "D. Pedro II". A collaboração constante dessas duas mulheres notaveis e de qualidades differentes, o seu desejo de aproveitarem minha presença para se iniciarem nos methodos por mim expostos — foram-me extremamente preciosos.

Sem ellas, grande parte do trabalho que emprehendemos não teria, sem duvida, alcançado exito.

O grupo "Pedro II" é esse edificio de estylo colonial, de que vos falei ha pouco.

Não vos exporei com minucia os exames a que submettemos seus alumnos. Deixei com a direcção do grupo os documentos originaes, mas basta lançardes um olhar sobre alguns graphicos (2) para que avalieis a amplitude do nosso inquerito. Resumirei, apenas, alguns traços particulares e as grandes linhas desse trabalho.

Levantei pessoalmente as estatisticas, modifiquei os testes com a collaboração das pessoas acima citadas e assisti, senão presidi á sua execução; corrigi-os eu mesmo, e acompanhei-os minucia por minucia.

Em primeiro logar, a difficuldade extrema qua ha em applicar ás creanças de um paiz o que se preparou para as de outro. Chocamo-nos com os obstaculos mais imprevistos.

O primeiro foi o dos nomes e das edades. Vossos nomes brasileiros são encantadores, sr. embaixador, tanto os dos meninos como os das meninas — Geraldo Elias Alves, Roberto Gomes de Oliveira, Maria Margarida Moreira, Iracema Fonseca — mas sabeis que nas escolas de Minas é habito chamar as creanças pelo seu prenome; ora, algumas dellas têm varios, e nem sempre assignam as suas provas com o mesmo. A identificação torna-se, afinal, bastante difficil para quem não as conheça tão bem como a professora. Quanto á edade a escola não exige, no Estado, certidão de registro civil: basta uma declaração dos paes, e como só é possivel a matricula aos 7 annos, acontece que as creanças são envelhecidas para que se possa admittil-as, com a intensão de reflectir mais tarde. . . ou de se esquecer de fazel-o. E depois — como tambem entre nós, Deus do céo — os zelos de precisão não se restringem a apenas alguns mezes.

Foi necessario, pois, conversar com as familias, e quantas vezes me vi obrigado a completar os quadros de população, cujo modelo pedira ao sr. Anfroy, quadros que foram preenchidos por

uma boa parte das escolas de Bello Horizonte.

Quanto aos testes que experimentámos, foi igualmente necessario corrigil-os todos. Não sei se vos recordaes da composição da primeira folha de exame, com a qual interrogamos as creanças das escolas maternaes e os alumnos do 1.º anno. Vê-se, ahi, a imagem de um pombo. Essa ave, é, porém, muito menos familiar lá do que aqui. Indagamos que especie de mercadorias vendem os negociantes da cidade e, por exemplo, não encontramos em Bello Horizonte uma taboleta que correspondesse ao nome do quincalheiro.

Os testes de instrucção parecem mais facilmente applicaveis taes como são, embora se faça preciso modificar o enunciado de alguns problemas. Mas façamos ler 25 syllabas; si é certo que podemos affirmar que uma creança que sabe ler lerá qualquer agrupamento de letras, é entretanto preferivel recorrer aos agrupamentos especiaes da lingua. Exploramos a orthographia com um teste de 20 imagens, mas tal forma de serra, commum entre os nossos marceneiros, é quasi desconhecida em Bello Horizonte; a imagem põe em actividade a imaginação das creanças, que nella reconhecem ora uma barreira, ora uma cerca, ora um pente. A variedade dessas respostas não me facilitava o trabalho de correcção orthographica; lucrei com ella, é certo, diccionario em punho, aprender não poucas palavras portuguezas.

Repito, pois, que compuzemos exames mais apropriados. Elles foram mimeographados na Secretaria do Interior ou impressos nas officinas do Estado. Em seguida, calculamos as medias correspondentes a cada edade e estabelecemos as medias particulares de cada teste.

Todos os alumnos do grupo "Pedro II" foram submettidos a exame de leitura, de orthographia, de calculo e de intelligencia. Com relação a esta ultima, interrogamos tambem creanças de jardins da infancia para os gráos inferiores, e, para os mais elevados, o director da Escola Normal teve a amabilidade de reunir alumnas do curso preparatorio desse estabelecimento, que corresponde aos nossos cursos complementares de 1.º anno. Fizemos, ainda, a applicação desse teste a um grupo de alumnas da Escola de Aperfeiçoamento. Tambem as professoras das classes em que operamos se prestaram gentilmente á prova, e devo accrescentar logo que se sahiram como fôra de esperar, ou mesmo melhor, pois respeitaram sempre a hierarchia: as directoras apresentaram os melhores resultados, e as professoras fizerem mais do que as estagiarias.

Muitas conclusões podem ser tiradas desses estudos:

Uma vez concluida a transposição, o methodo de testes se mostra apto a prestar os serviços habituaes. Nenhum processo me teria permittido esclarecer com tamanha precisão, e sem ser preciso escolher as apreciações das professoras, o valor relativo, intellectual ou escolar, de egual multidão de creanças. Ora, como é claro, notam-se em Bello Horizonte, como em Paris, differenças individuaes consideraveis; todos os graus são encontrados e, em consequencia, tambem os mesmos problemas.

Tomemos ao grupo "Pedro II" 5 classes de 1.º anno. Edades muito differentes em cada classe — de 7 a 12 annos — mas tambem niveis muito differentes. Não é realmente estranho que se deixe de procurar, para alumnos tão diversos, um outro agrupamento? As necessidades dos que vão completar 12 annos não são evidentemente as mesmas das dos 7 annos, cuja escolaridade poderá ser regular. Os de intelligencia pouco aberta, certamente, não aprenderão com a mesma facilidade das creanças de nivel in-

tellectual elevado. Não importa, são misturados ao accaso. E' exacto que, á entrada da escola, a instrucção não póde accusar-lhes as differenças. Os niveis da leitura apparecem bem semelhantes.

Mais tarde, pouco a pouco, a escola irá operando a selecção, em Bello Horizonte como alhures, e vamos encontrar então nas classes essa disposição que tantas vezes mostramos aqui: creanças mais tenras, bem dotadas; creanças mais velhas, de intelligencia curta. Não é certo que, nessa occasião, seria melhor reunir os bem aquinhoados e submetter os demais a programmas mais limitados?

Não sómente nós poderiamos suggerir assim outras divisões, como tambem podiamos mostrar aos professores as fraquezas e, portanto, as necessidades de seus alumnos.

Assim, os processos de organização escolar, de que, com a senhorinha Rémy, fixamos os methodos e as modalidades de emprego, se mostravam utilizaveis sob todos os pontos de vista, e sem outros retoques que as adaptações á lingua e ao paiz.

As indicações que levantamos deviam ser observadas depois de nosso partida. Deviam tambem ser ampliadas. Interessar-me-ia acompanhar esses ensaios, mas não posso dissimular que a applicação de taes methodos, no extrangeiro, encontrará os mesmos obstaculos que tanto nos embaraçam tambem aqui: pouco interesse pela precisão, falta de fé nos methodos scientificos, cujo valor educativo só é reconhecido, para falar verdade, quando os manejamos, a attenção, a perseverança que esses methodos exigem e que não são qualidades bastante generalizadas, sobretudo entre nós os da raça latina. Não faltam ainda pessoas que preferem avaliar com a mão a temperatura de um banho a tomal-a com um thermometro. Semelhantemente, os nossos julgamentos sobre as creanças são mais fructo de intuição do que de exames methodicos. A pedagogia, repete-se, deve ir buscar apoio na psychologia da creança. Mas, ao passo que a psychologia realizou esse progresso de medir a intelligencia de cada pessoa, — e si bem que, do mesmo golpe, ella tenha fornecido a medida para o domino da instrucção — a escola, a principio, manteve os seus habitos, e mal começa a fazer passar á pratica as noções adquiridas. O nosso papel, aqui, é, felizmente, menos o de garantir essas applicações do que o de trabalhar para fornecer as technicas necessarias. Ora, tive o prazer de verificar, mais uma vez, que essas technicas, nós as possuimos hoje.

—

Quanto ás comparações a fazer entre os resultados obtidos em Bello Horizonte e os dos nossos proprios alumnos, eis como se estabelecem ellas quanto á instrucção.

Teste de orthographia: Dictado de 21 palavras. Resultados brasileiros: no 1.º anno escolar, creanças de 7 annos e meio, 21 erros; no 2.º anno, 11, e assim por deante. Entre nós: creanças de 7 annos e meio, 12 erros; creanças de 8 annos e meio, 4. Dahi por deante, os resultados se approximam e, aos 12 annos, se confundem.

Teste de leitura: Resultados de Bello Horizonte: Leitura de uma phrase. Para creanças de 7 annos e meio, são necessarios 2 minutos; para creanças de 8 annos e meio, 70 segundos. Creanças francezas: de 7 annos e meio, 45 segundos; de 8 annos e meio, 17 segundos. Depois, as duas linhas se approximam ainda: aos 9 annos e meio, 27 segundos, contra 9, e assim por deante.

Julgo inutil dar outros exemplos; os factos são sempre os mesmos.

Como interpretar esses resultados? Oh! muito simplesmente. No Brasil, só se entra para a escola aos 7 annos: dahi o atrazo na partida...

Mas a gente acaba se encontrando, e eu me perguntei si esse facto não indicava que nós outros começamos muito cedo a instruir as creanças. Semelhante conclusão seria, entretanto, erronea. O resultado de um teste não deve ser lido com brutalidade. E' preciso procurar comprehendel-o. Ora, as duas linhas se juntam, é exacto, mas se juntam porque o teste forma uma especie de cumieira. Ha, pois, um momento em que attingimos o nosso ponto maximo. Attingil-o não significa, porém, que nesse momento não o ultrapassariamos. Era essa a illusão que davam as composições de antigamente. Tornava-se preciso um novo teste mais difficil. Talvez percebessemos, então, que as nossas creanças venceriam esse novo teste. No 4.° anno, por outro lado, a creança brasileira, como diziamos, saberá ler mais ou menos como a nossa. Seja; mas até lá, não terá ella lido menos e comprehendido menos do que a nossa?

Não concluamos pois, apressadamente, desses resultados, pela extraordinaria precocidade da instrucção em nossas creanças.

A grandeza do esforço a realizar, e que o Estado de Minas intenta precisamente, já indicada pelos resultados precedentes, é sublinhada ainda pelo seguinte facto: Recolhi informações exactas sobre a situação escolar de cerca de 5.000 creanças. Não considerando sinão as de 12 annos, temos que, em 450, mais do terço ou sejam 150, deixarão a escola apenas com preparo de 1.° e 2.° anno, isto é, com o preparo de uma creança de 7 a 8 annos.

Outras conclusões, emfim, que formularei rapidamente. Quando se trata de intelligencia, podemos chegar rapidamente a classificações relativas entre creanças de um mesmo paiz, porém, não em outras condições. Seria quasi impossivel ajustar os instrumentos. Não vejo mesmo, ao terminar este ensaio, o que poderia permittil-o. Toda comparação desse genero me parece, pois, extremamente suspeita (3). Esbarramos, ahi, com uma das maiores difficuldades que a psychologia possa encontrar.

Mas quantas outras não encontraremos nós? E quantas vezes, na presença dessas creanças mineiras que eu frequentava, não senti a impressão da pobreza dos nossos meios de investigação? Quantas differenças nós percebiamos, sem saber apreciál-as ou julgal-as! Ah!, certamente ainda se reserva bastante logar á intuição para que não importe em amesquinhal-a, o substituil-a pela medida, nas circumstancias em que tal fôr possivel. E ainda restam para a medida muitas conquistas a emprehender.

Si bem que eu já me tenha alongado bastante, pedir-vos-ei para ajuntar ainda algumas palavras. Umas para exprimir a minha gratidão, á pequena colonia franceza encontrada em Bello Horizonte, ao nosso gerente consular, sr. Briffault, e ao gerente do Banco Hypothecario e Agricola do Estado de Minas Geraes, sr. Lavaquery ,em cuja casa tive a satisfação de encontrar uma familia franceza. Desejaria tambem manifestar todo o prazer que experimentei durante algumas horas passadas com as religiosas francezas de Bello Horizonte e com as suas companheiras do Brasil, notadamente as do Collegio Santa Maria; as nossas, por sua vez, sentiram-se felizes ao ouvirem falar da patria, ellas a quem se deve aquelle conhecimento de nossa lingua de que já forneci exemplos, e o facto de occupar a nossa literatura um logar de relevo na bibliotheca das principaes familias do Estado. Não devo, tambem, esquecer o acolhimento recebido, desde a primeira hora, no Rio, do nosso embaixador, o conde Dejean, com que passei egualmente

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

a noite anterior á minha partida, nem passar em silencio o nome do commandante Schoof, do "Lutetia".

Emfim, gostaria de repetir-vos, sr. embaixador, o que eu disse, na hora da partida, a vossos compatriotas: além do meu pesar por ser obrigado a deixal-o tão cedo, a attracção que se experimenta por alguns traços do caracter delles e principalmente por esse lado affectuoso e enthusiastico da alma brasileira. Povo ardente, que se compraz talvez um pouco demais no falar, e talvez por isso mesmo mais joven que os Estados Unidos, mas sobretudo de uma mocidade differente, e que sentimos avida de crescer, de assimilar as formas vigorosas da moderna civilização. Ao deixar Bello Horizonte, após a manifestação de que já vos falei, na Escola onde havia trabalhado, fui convidado para uma outra cerimonia menos intima, porém que me deixou igualmente uma forte impressão.

Era no grupo escolar "Barão do Rio Branco". O vosso hymno nacional foi, primeiramente, cantado por todas as creanças. Depois, nesses pateos que vos mostrei, ellas participaram de evoluções gymnasticas variadas, a que assistimos das varandas. E á sombra dos grandes "flamboyants", na luz limpida da manhã, essas centenas de creanças, cujas theorias desenrolavam sob os nossos olhos o rithmo harmonioso de seus passos, a leveza de seu andar, pareciam verdadeiramente symbolizar a marcha ascencional de vosso povo e annunciar-lhe a grandeza. Toda idéa de critica se dissipava deante desse espectaculo, porque elle nos offerecia uma visão do futuro. E isso talvez comporte bem um novo ensinamento, com o qual termino: si é agradavel, com effeito, sentirmos orgulho do nosso passado, não será mais precioso ainda para um povo sentir orgulho de seus sonhos e de suas aspirações?

1.°) Professora de desenho na cidade de Genebra e no Instituto João Jacques Rousseau, máo grado os seus 60 annos e uma saude pouco firme, a sra. Artus Perrelet não hesitou em partir para o Brasil por 2 annos. Caracter energico, ao mesmo tempo rude e profundamente sensivel, alma enthusiasta, original e rica, possuidora de excepcionaes dotes pedagogicos, é rigorosamente uma figura de primeiro plano, que se tem alegria em conhecer e em encontrar no caminho, sobretudo para uma tarefa commum.

2.°) Estes graphicos abrangem 20 classes com cerca de 650 creanças. Sua extensão impede-nos, infelizmente, de publical-os, bem como as numerosas photographias que deviam illustrar esta communicação.

3.°) O que torna pittorescas as traducções de Terman que vemos apparecer para uso de nossas creanças. O que me torna sceptico quanto ás comparações de raça. O que, emfim, theoricamente, é bem interessante quanto á medida que fazemos da intelligencia e accentua mais uma vez o facto de só a attingirmos indirectamente.

(Do "Minas Geraes", de 5-IV-1930).

—

Prefacios historicos

Em uma conferencia realizada nesta Capital, ha annos, eu disse que "a verdadeira reforma do ensino normal estava em dar-lhe organização de curso superior, para cuja matricula exigir-se-iam preparatorios".

A reforma do ensino normal, ora em execução, corresponde plenamente aos votos, que eu então fazia. Ella não será perfeita, pois que todo o trabalho humano tem mescla de imperfeição, mas é, sem duvida, completa em sua admiravel contestura.

Ella attende aos tres cyclos classicos do ensino: o curso de adaptação caracteriza-se como complementar do ensino primario; o curso preparatorio, seu proprio nome indica, é propedeudico; o curso de applicação enquadra-se inteiramente no ensino superior.

O professor, que com justiça póde ser considerado o profissional por excellencia, a quem impende modelar almas, expressando-me assim sem emphase, não ia além de ser um empirico, pondo ás vezes em evidencia primorosos dotes de educador pelo seu grande devotamento ao magisterio, mas revelando-se incapaz de dar bases scientificas ao trabalho didactico. Por sincero que fosse seu amor á instrucção, faltava-lhe o conhecimento da alma da creança, dos methodos e processos da escola activa, da organização homogenea das classes e outras noções imprescindiveis.

A reforma do ensino normal não irá transformar de subito a organização da escola, nem tal seria possivel. Dentro de pouco tempo, porém, o espirito do professorado será outro, tanto mais que ahi se acha tambem a Escola de Aperfeiçoamento empenhada em brunir aptidões promissoras do magisterio publico. São contingentes magnificos que se preparam para plenificar no Estado de Minas a execução da reforma.

Daqui por deante não ha mais vacillar na orientação educativa. Os principios basicos da moderna pedagogia são os mesmos fundamentos da actual reforma. A experiencia imporá sem duvida modificações de detalhe, que já se vão effectuando, porém ellas tendem a garantir a melhor execução, sem de modo algum substituir qualquer das peças essenciaes.

A reforma do ensino normal tem um portico esplendido, que jámais deverá ser esquecido. E' o prefacio com que o dr. Francisco Campos, creador da reforma, a apresentou ao sr. presidente Antonio Carlos. Quem o tiver lido, estou certo, não discordará de meu sentir. Elle foi inspirado em um bello momento de patriotismo.

Já se passaram mais de dois annos. Em virtude de meu cargo, tenho acompanhado, no Curso de Applicação, o desdobramento da reforma, e posso agora aprecial-a no referido prefacio.

Além de que, é isso de interesse publico. Não só a escola primaria irá ser grandemente beneficiada, sinão tambem os paes de familia, que têm suas filhas seguindo a carreira de normalista. Acompanhem elles, como naturalmente devem fazel-o, os estudos dellas no Curso de Applicação, e observem o alto valor profissional do ensino ali ministrado por professores e professoras competentes.

O Curso de Applicação é uma novidade, não apenas no Estado de Minas, mas em todo o Brasil. Constitue innegavelmente um curso superior, que poderia, sem favor algum, incorporar-se á Universidade de Minas. Por isso mesmo, somente, agora elle começa a ser bem comprehendido em sua estructura e em sua finalidade.

Póde-se dizer que as alumnas sahirão dali, autodidactas.

O estudo encontra-se organizado de tal fórma que as habilitará a identificar-se com elle no decorrer da vida. As alumnas não se limitam a ouvir a palavra do professor, não vêem apenas o que se lhes mostra, não se contentam de tirar notas das lições: ellas consultam os livros da bibliotheca, praticam o ensino, socializam-se formando clubs, agem livremente, de collaboração com o director e os professores, desen-

volvendo a iniciativa, o dominio de si mesmas, a perseverança, a energia, a vida intensa e animada.

O ensino normal vem retratado nestas linhas do prefacio:

"O ensino normal não é uma propedeutica intellectual, um simples instrumento de iniciação e de cultura geral; elle visa, sobretudo, antes de tudo, á acquisição de uma technica, de uma technica psychologica, de uma technica intellectual e de uma technica moral."

E assim prosegue: "O ideal seria que as Escolas Normaes se destinassem exclusivamente á sciencia e á pratica das technicas pedagogicas, feitos os estudos preparatorios em estabelecimentos de ensino secundario. O regulamento procurou approximar-se desse ideal, permittindo que as disciplinas do curso preparatorio sejam estudadas fóra da Escola, podendo o candidato prestar os exames respectivos, afim de matricular-se directamente no curso de applicação, que encerra o curso normal propriamente dito".

Esta organização, exclusivamente pedagogica, porque é muito menos dispendiosa, de dois annos de curso em vez de sete nas escolas do segundo grau, habilitará o Estado a officializar, em tempo opportuno, o ensino normal, não mais admittindo escolas equiparadas.

Ao Estado, tão sómente ao Estado, já tive occasião de lembrar, deve pertencer a formação do professor publico. Si o ensino é obrigatorio nas escolas estaduaes, esta obrigatoriedade imposta aos alumnos implica para o Estado, a responsabilidade de formar professores habeis. O Estado não póde declinar sobre outrem essa responsabilidade, ainda mais porque ella está assumida deante de menores e perante o proprio futuro da Patria.

Com referencia á creança, assim se exprime o dr. Francisco Campos: "Não se concebe que as Escolas Normaes possam preencher os seus fins sem um estudo, ainda que summario, por parte dos seus alumnos, da natureza da creança, da dynamica dos seus interesses e dos seus desejos, das leis, das fórmas e dos graus do seu crescimento mental, das suas actividades e das suas tendencias, de todas as forças de cuja collaboração essencial depende, em ultima analyse, a acção do professor, a utilidade e a efficacia do seu ensino".

Egualmente notavel é o prefacio com que o dr. Francisco Campos apresenta o regulamento do ensino primario. Cito ao acaso um de seus conceitos: "E' necessario socializar a vida na escola, dotando-a das fórmas de convivencia e de associação que existem na vida ordinaria, de maneira que o instincto social da creança possa inserir-se desde cedo nas fórmas e nos quadros em que a vida do adulto tem de desdobrar-se, encontrando nelles, a um só tempo, a satisfacção e a disciplina das suas tendencias".

E' de ver com que justeza elle define a lição: "Os processos de ensino não podem cifrar-se, egualmente, á mecanica das recitações, nem o alumno deve ser reduzido a elemento passivo no curso das lições. Uma lição não póde ser um monologo, porque presuppõe duas personagens: uma lição é uma collaboração, um trabalho em commum, um entendimento reciproco, uma cooperação de intelligencias".

Os dois prefacios mencionados, eu os classifico como *prefacios historicos,* documentos de alto valor pedagogico, que assignalam uma época na instrucção primaria e normal do Brasil. Elles devem ser lidos e meditados

pelos professores, elles precisam de ser estudados e comprehendidos pelos alumnos das Escolas Normaes.

Eu disse ás minhas alumnas do Curso de Applicação que havia sonhado com a reforma do ensino nos vastos moldes em que ella está vazada. Foi nos dias terriveis da *hespanhola* que eu mais impressivamente acalentei aquelles sonhos, e elles como que então me retribuiram, preservando-me da cruel epidemia.

Tenho motivos de sobra para rejubilar-me com a reforma. Eu lhe queria bem antes que ella nascesse. Nestas linhas nada mais faço do que mostrar o seu portico magnifico, como si fôra um simples cicerone do ensino primario e normal de nosso Estado. Os *prefacios historicos* são o portico magnifico da nova cidade da instrucção, que o dr. Francisco Campos construiu com tanta arte e sabedoria, assegurando ao governo do illustre presidente Antonio Carlos o reconhecimento publico.

FIRMINO COSTA.

(*Do "Minas Geraes", de* 3 — *IV* — 1930).

Mandamentos do bom educador

I

Educa tu proprio os teus filhos. A casa paterna, se fôr o que deve ser, é preferivel ao melhor internato: em troca do teu dinheiro, um estranho fará do teu filho um estranho; e ainda resta provar se o teu dinheiro educará melhor que o teu amor.

II

Disciplina e corrige desde o berço, para não teres de convencer-te muito cedo de que é tarde de mais para o fazer com exito. A pontualidade, a ordem e o methodo são frondes de uma planta que não vinga, se a não regarem com o primeiro leite. E o rapaz de oito annos, que não arruma por prazer os seus brinquedos e o seu quarto, está arriscado a ser toda a sua vida um trapalhão incorrigivel.

III

Nunca elogies nem reprehendas os teus filhos na presença de estranhos: o indiscreto louvor tornal-os-á vaidosos, e a censura sem recato offende-lhes o brio, emquanto o não embotar irreparavelmente.

IV

Exige delles obediencia completa: mas facilita-lhes o encargo de obedecer e dá o maximo prestigio aos teus mandados, por meio de uma sensata parcimonia em prohibir e ordenar. Sê escrupulosamente justo, verdadeiro e logico; aconselha e adverte com paciencia, antes de punir; respeita, como um contracto sagrado, a promessa feita, seja de premio ou de castigo. E entre pae e mãe haja sempre absoluta concordancia de procedimento perante o filho, para que a auctoridade dos dois se não desmoralize mutuamente.

V

Subtrae quanto possivel as creanças ás conversas de adultos, se as quizeres conservar moralmente saudaveis e puras. O habito de as deitar cedo é mais indispensavel á hygiene da alma que á do corpo, porque é á noite que em geral se faz em casa a chronica das torpezas da vida. E os pequeninos cerebros trabalham sem cessar e adivinham fa-

cilmente a meia linguagem das reticencias e dos olhares.

VI

Não faças dos teus filhos brinquedo, expondo-os, como prodigios, á admiração amavel dos estranhos, ou amolecendo-os com caricias excessivas, filhas mais do egoismo que do amor. Sê tão sobrio de beijos como de castigos, para não depreciares nem uns nem outros. Lembra-te sempre de que o bébé nasceu para ser homem, e vae-o preparando para lá chegar sem abalo.

VII

Evita a ociosidade das creanças para que ellas se não tornem preguiçosas, irritantes, ou precocemente contemplativas. Desde pequeninas, confia-lhes a execução de minusculos serviços, que desenvolvam nellas sentimentos de responsabilidade e de energia, encaminhando as raparigas para a ordem domestica e os rapazes para as iniciativas fecundas. Estimular nos pequenos o interesse pelas coisas materiaes e pelas occupações mecanicas, seja qual fôr a carreira a que mais tarde os destinem, é dever de quem quer produzir homens equilibrados e perfeitos.

VIII

Cultiva na alma dos teus filhos a tenacidade, talisman de victoria, arma invencivel dos triumphadores e dos felizes. Animalhes extremosamente as ingenuas tentativas, consola-os no desastre dos seus esforços e aconselha-os a persistir, — a persistir sempre! explicando-lhes a causa do insuccesso e os meios de a illudir.

IX

Não suffoques o instincto infantil de perguntar, que é o mais precioso auxiliar da educação. Satisfaz em todas as occasiões, e o melhor que possas, essa fecunda curiosidade; sê verdadeiro, serio e paciente nas tuas respostas, para que a creança, ao mesmo tempo que aprende, se acostume a respeitar-te e a amar-te, como a um guia leal e bom. Não festejes os seus erros, reproduzindo-os embevecido em vez de os corrigir, porque perderás assim uma excellente occasião de ensinar; mas tambem a não offendas, recebendo esses erros com gargalhadas de troça, porque a innocencia de uma creança deve ser para nós tão veneravel como os cabellos brancos de um velho.

X

Expulsa a mentira do teu lar, como virus terrivel. Habitúa a creança a confessar sem medo o seu delicto; castiga severamente a dissimulação; sê leal com requinte, para teres o direito de exigir uma lealdade egual, semente e flor do caracter.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

Origem: Doação
Preço: —

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES